This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

3 3433 04388 6880
10-5369
stelo Branco, Camilo
ysterios de Fafe; romance social

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
ASTOR LENOX & TILDEN FOUNDATIONS

Belle Kermit Roosevelt

THE
ASTOR LENOX & TILDEN
FOUNDATIONS

Belle Hermit Roosevelt

MYSTERIOS DE FAFE

Typ. de J. G. de Sousa Neves—Rua da Atalaia, 65.

Belle Kermit Roosevelt

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Buenos Ayres Dec. 24, 1915

MYSTERIOS DE FAFE

ROMANCE SOCIAL

O diluvio, que afugou a Europa no anno 2000, foi necessario e providencial : tanta era a corrupção d'aquelles povos !

(Um philosopho aziatico *que ha de escrever no anno* 3521.)

LISBOA
LIVRARIA DE CAMPOS JUNIOR
78 e 80 — Rua Augusta — 78 e 80
1877

LIBRA[illegible]
73, Victoria [illegible] Club del Progreso
BUENOS AIRES

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
ASTOR LENOX & TILDEN
FOUNDATIONS

AVISO ÁS PESSOAS INCAUTAS

Esta novella contem adulterios, homicidios, missionarios e outros scirros sociaes.

Almas, em flôr de innocencia e candura, não leiam isto que trescala podridão de gafaria, em que forçadamente a leitora, affeita ao ar puro das regiões visinhas do céo, ha de sentir nausear-se-lhe a alma.

N'algumas quintas do Minho, ameaçadas de ladrões, erguem-se uns postes que dizem: «aqui ha ratoeiras». Os ladrões, graças á instrucção, lêem e passam.

N'este livro inverte-se o estylo: os salteadores da pudicicia levantam bem alto o letreiro que diz: «Aqui ha ladrões».

Sem o qual letreiro, este livro seria um abysmo.

CAPITULO I

Entrada honesta

Não ha semsaboria maior que a d'estes amores da plebe!
WIÉLAND.—*Musarion.*

Admiravam-se as raparigas de Fafe que a mais bonita e invejada de todas quizesse casar com o Francisco Roixo, espingardeiro de Guimarães! Ella, a Rosinha Carneira, não era rica nem se quer remediada; mas creára-se no Porto, em casa da fidalga, sua madrinha; lia nos livros grandes e nos pequenos; escrevia melhor que o escrivão do juiz eleito as cartas dos lavradores para os filhos brasileiros; era um gosto ouvil-a fallar; costurava os vestidos das senhoras da terra, que a sentavam á sua mesa; em conclusão, Rosa desprezára rapazes que tinham terras e andavam aceados e pimponavam entre os melhores lavradores do concelho, bem que ella fosse filha d'um caseiro de sua madrinha.

Dava, n'outro tempo, que pensar a altivez da moça. Cuidava-se que a perliquiteta aspirava á mão d'algum dos fidalgos que a enchiam de basofia com as suas finezas. Verdade era que a filha de João Carneiro

recebia sem rir nem carranquear os requebros dos senhores. Ouvia-os e passava, sem dizer palavra lisongeira nem offensiva. Que importava esta sisudeza á critica? Diziam que a finoria, com taes esquivanças, armava a inflammar o coração d'algum noviço em amores e realisar mais um exemplo de casamentos deseguaes.

Sobre estes juizos, veio a subita noticia de estar em Fafe o Francisco Roixo espingardeiro para se casar com a guapa e vaidosa Rosinha.

O espingardeiro de Guimarães tinha apenas o seu officio e a nota de rapaz honrado e trabalhador. A figura não explicava o successo: era commum, sem distincção que o estremasse do vulgo. Nenhuma das raparigas invejava a sorte de Rosa.

Sabida a historia do casamento, contou o pae da noiva o seguinte: Havia na sua casa um bacamarte sem fechos muito velho, o qual tinha sido de seu bisavô, almocreve de Basto; mas já em tempo de seu pae andava lá pelos forros da casa enferrujado e sem fecharia. João Carneiro resolveu um dia mandar pôr armação no bacamarte de boca de sino, e para isso o levou ao espingardeiro de Guimarães.

Francisco Roixo arrumou o cano ferruginoso, aprasando o dia em que o entregava. Tratou de o brunir e conheceu que estava encravado e entupido á altura de cinco dedos. Desencravou-o a muito custo, e extrahiu-lhe do bojo de grande calibre cincoenta meias peças que n'aquelle anno de 1838 valiam proximamente duzentos mil réis. Continuou a tarefa da limpeza, ajustou-lhe caixa nova, assentou-lhe a fecharia e esperou o freguez.

João Carneiro, contente da perfeição da obra, puchou da saquita de linho para pagar; e, no acto de abril-a, Francisco tirou d'uma gaveta as cincoenta meias peças, e disse, lançando-lh'as na bolça:

—Este dinheiro é de vocemecê.

—Meu?!

—Sim, senhor. Estava dentro do bacamarte. O que vocemecê me deve é tres pintos.

—Que me diz?!—volveu o lavrador alternando os olhos espantados entre o oiro e o artista.—Este dinheiro estava dentro?!

—Estava, sim, senhor—respondeu Francisco, lustrando umas braçadeiras.

—Pois ainda ha n'este mundo homens honrados da sua laia, senhor Francisco!—exclamou João Carneiro.

—Eu quero só o que é meu—disse seccamente o espingardeiro.

—Não!—tornou o outro.—Vocemecê hade ficar d'aqui com algum dinheiro.

—Tres pintos é o que me deve.

João Carneiro conseguiu que o Roixo fosse jantar com elle á estalagem da Joanninha.

Conversaram muito de suas vidas. Veio no discurso o fallar-se de casamentos. Dizia o espingardeiro que ainda não tinha pensado em casar-se, por que sustentava mãe e duas irmãs.

—Pois ha de casar vocemecê com mulher que o ajude a sustental-as—disse João Carneiro.—Tenho um rapaz e duas raparigas. O rapaz já o casei em boa lavoira; a mais velha vou-a arranjar com um chapeleiro de Braga; a outra, que é lá a fidalga da casa, e que já tem trinta moedas que lhe deu a madrinha, essa, vá vocemecê vêl-a a Fafe, e, se fizer gosto n'isso, case com ella. Lá pelo palmo da cara meu amigo, olhe que a não topa melhor nem tanto. De prendas de mãos o que ella não fizer ninguem o faz. Lê nos missaes como qualquer doutor, e sabe trapalhadas de memoria que é ficar um christão es-

quecido a ouvil-a. Rapariga assim, não me consta que haja outra...

—E está solteira ainda sua filha?—perguntou o espingardeiro intencionalmente.—Não lhe hão de ter faltado maridos...

—Ás duzias; ella é que não se acadrimou a nenhum ó por hora.

—E vocemecê sabe se ella me quer?!—volveu o artista, sorrindo.

—Quer, sim, senhor; porque eu sou quem manda, e a minha Rosa ha de querer o marido que eu quizer, entende vocemecê?

—Entendo; mas não me convem.

—Por que o dote é pequeno? Faça vocemecê de conta que sobre as trinta moedas, que lhe deu a madrinha, ainda eu lhe ponho este oiro que aqui está!—E, dizendo, tinia com a saquita sobre a mesa, levantando-se em impetos de heroica generosidade.

—O negocio é outro...—explicou o espingardeiro.—A sua filha se casasse comigo, havia de ser á vontade d'ella e não de vocemecê. O dinheiro não me cega, senhor João. Vocemecê bem no sabe. A mim tanto me faz que ella tenha um, como dois, como nada... Sabe que mais? Acabemos com isto. que é tarde; e eu ainda tenho de botar hoje uma coronha, que fiquei de dar ámanhã.

—Então vocemecê não quer minha filha?—instou o pae de Rosa, batendo-lhe solemnemente nas espaduas com ambas as mãos.

—Isto de filhas—tornou o artifice—não se ajustam como vitelas na feira, senhor João! E tome o conselho d'um rapaz de officio e ignorante: não case a sua rapariga por esse systema; que vae mal encarreirado. Deixe-a escolher, e depois vocemecê veja se o negocio serve; se serve, muito que bem; se não serve, dê-lhe as suas rasões; mas, mal por

mal, antes ella case á vontade d'ella e pobre, do que á sua vontade e rica.

—Esse modo de pensar bom é;—obtemperou o lavrador estreitando-o contra o peito—mas olhe que me não despeço de lhe dar a minha rapariga, senhor Francisco!

João Carneiro entrou em casa com grandes espantos, bradando que tinha encontrado em Guimarães o mais honrado homem do mundo todo! Contou o caso das meias peças, que despejou no regaço de Rosa para que as ella contasse. A moça maravilhava-se por egual da formosura do oiro e da honradez do espingardeiro, em quanto o pae lhe estava descrevendo a figura e modos do rapaz com demasiado favor.

—Has de vêl-o rapariga!—proseguiu o velho.—Quero que o oiças. Aquillo é que é! Vaes a Guimarães comigo; e, se o rapaz te agradar, tens, homem! E eu posso-me gabar de que genro mais honrado ninguem o tem, nem ha de ter em quanto o mundo fôr mundo!

—Então o pae quer casar-me?... Nunca se lembrou de tal...

—Pois certo é que não; mas alguma vez havia de ser a primeira... Acho que não estás para freira...

—Mas estou bem assim, meu pae.

—Melhor estarás casada, se te agradar o moço. Tu da aldeia não gostas; homem de lavoira não o queres, nem elle te quer assim feita senhora como lá a madrinha te fez no Porto. O mais acertado é que vás para terra grande; e, com o marido da laia do Francisco Roixo, isso digo-te eu que não ha mulher mais afortunada em toda a redondeza...

Fez Rosa um tregeito de desconfiança, e o pae proseguiu:

—Rapariga, eu á força não te caso. Vaes vêr o homem. Se gostares, bem; se não gostares, nada perdido.

D'ahi a dias sairam para Guimarães e entraram na officina de Francisco Roixo. O artista conheceu logo o intento da visita. Desceu as arregaçadas mangas da camisa, vestiu a jaqueta, e disse a João Carneiro que o seguisse e mais a filha. Subiram alguns degráos que levavam a um sobrado. Ahi, o espingardeiro, offerecendo duas cadeiras limpas e lustrosas, disse aos hospedes:

—Queiram mandar-se sentar, que eu vou chamar minha mãe e minhas irmãs que estão na egreja.

—Olha que bonito sobrado este, Rosa!—disse o velho.—Parece uma capella! O que aqui vae de santos e santas! Isto bem se vê que é boa gente! Por isso, por isso elle accusou o dinheiro que não era seu!... Ainda ha quem diga que a religião são contos!... E quem no diz? Uns larapios que me roubavam as peças, se lhe pozessem as unhas... Então, cachopa, o que te pareceu o rapaz?

—Que me havia de parecer!... Delicado é elle que nos trouxe logo para a sala...

—Pois não é?! parece mesmo uma pessoa vesada a lidar com fidalgos... E olha como elle foi logo em cata das mulheres da casa pr'a te fazerem as ceremonias! O homem teve seu bocado de educação... E como elles tem a casa arranjadinha!... Aqui está o que tu gostas, Rosa! Isto não é como lá em nossa casa: sacos, ferramentas, sacholas, caixas, espigas, tudo pr'áli a monte. Olha as cadeiras que parecem um espelho, e o chão está que se póde comer n'elle!

A moça encarava de esguelha e a geito de enfastiada nas diversas alfaias encarecidas pelo velho.

N'este emtanto, subiam o espingardeiro com a mãe e irmãs.

Voltando para ellas, disse que o senhor João Carneiro era o seu freguez dono das meias-peças, e mais sua filha,

Palestraram largo tempo a respeito do dinheiro. A mãe do artista benzeu-se quando o lavrador lhe affirmou que ninguem n'este mundo, salvo o filho d'ella, restituia aquelle achado.

—Então o mundo está assim perdido?!—perguntava a senhora Serafina.—Pois ha quem adormeça em paz com a consciencia carregada do alheio?

—Adormecem e dormem que os leva o diabo, Deus me perdôe!—disse João.

—Anjo da guarda!—balbuciou a velha.

—O senhor João e sua filha—interveio o espingardeiro—fazem-nos o favor de jantar comnosco, minha mãe. Deite mais duas sardinhas á braza, e conversem, que eu, antes de jantar, não posso cá vir acima.

—Ora essa!—redarguiu a senhora Serafina—tens visitas e vaes para a officina!

—Se eu os esperasse—disse o filho—deixaria para ámanhã a obra que fiquei de dar hoje; mas prometti, e só por doença faltaria á minha palavra. Vocemecês desculpem-me.

—Vá, senhor Francisco—condescendeu o lavrador—vá, que assim é que se ganha a fama de honrado. Nós cá ficamos a conversar com quem nos ha de intender, e decidir o negocio, percebe vocemecê?

—Até logo, senhor João...—respondeu o artista sorrindo e córando.

—E não diz nada á rapariga?!—volveu o lavrador, indicando a filha com um esgar jubiloso...

—Senhora Rosinha, até logo...—tartamudou Francisco Roixo.

—Até logo, senhor Francisco...—correspondeu a moça mais desembaraçada e menos vergonhosa.

João Carneiro foi direito ao ponto da visita para cortar delongas. Não consultou a vontade da filha, antes de a offerecer como nora á mãe do espingardeiro, a qual já sabia a proposta. Serafina remirava as feições lindas de Rosa, e não cessava de murmurar:

—Benza-a Deus, que tão perfeitinha é!

Instada a responder se era contente com o casamento, disse que menina tão mimosa mal talhada lhe parecia para um rapaz de officio; mas, se elles se bem-queriam, o seu prazer era vêl-os casados depressa.

—A menina gosta do meu Francisco?—proseguiu a mãe.

—Sim, senhora—respondeu Rosa com um inclinado de cabeça mui senhoril e suspeito.

—Podéra não!—sobreveio o lavrador como espantado da pergunta—Seu filho é um bello moçalhão, e honrado até alli. A cachopa sabe o que lhe convem; e o dote que leva, assim me Deus salve, que ninguem m'o apanhava senão este Francisco!

Conversaram detidamente do casamento os dois velhos; que a silenciosa noiva apenas satisfazia com mal dissimulada repugnancia ás perguntas do pae e ás de Serafina.

Assim que o artista voltou da forja, foi vestir a sua andaina de roupa domingueira, e entrou na saleta com agradavel compostura.

—Bonito rapagão!—exclamou o lavrador.—Ora sente-se aqui á minha beira, senhor Francisco. Sua mãe já decidiu; a minha Rosa está pelo que se tratou; eu, não faz minga dizer-lhe o que quero. Faltanos a palavra de vocemecê. Serve-lhe a minha filha?

—A sua filha, senhor João—disse placidamente

o espingardeiro—poderia servir-me, eu é que não sirvo para ella, por que...

—Por quê?!—atalhou João Carneiro.

—Por que sou homem d'este trabalho que vocemecê sabe; a senhora sua filha foi creada com fidalgas e ha de custar-lhe a affazer-se a esta vida rustica. Vejo-a muito mimosa e delicada, se quer que lhe diga.

—Mas se ella quer, homem de Deus!—cortou o lavrador com enfado.—Filha, diz lá tu... desengana este creaturo...

—O que o pae quizer—respondeu a rapariga.

—Mas responde tu!...—volveu o velho.

—Que hei de eu responder?—tornou a moça suavisando com um tregeito dengoso a má vontade.

—Ora ahi tem!—sobreveio o artista.—A sua filha não se penteia para homens da minha laia. Vocemecê ainda a não intendeu?!

—Está enganado comigo, senhor Francisco—emendou Rosa.—Bem sabe que é a primeira vez que o vejo, e uma mulher sempre está acanhada, quando...

—Ella tem razão—desculpou a senhora Serafina.—Vocemece, senhor João, deixe-os conversar primeiro lá nas suas vidas. Cá os pobres n'isto de casamento não são como os fidalgos que se aconchavam ás vezes sem se verem nem conhecerem; e por isso tão mal-casados os vejo cá por Guimarães... Nada. O systema dos mechanicos é melhor. A gente antes de dar o sim, olha no interior do genio de cada um, e sabe com quem vae lidar. Uma pessoa tambem assim se póde enganar; mas acerta muitas vezes. Ora pois, senhor João, isto não vae de afogadilho, que não é morte de homem nem roubo de egreja. Deixal-os lá um com o outro.

—Pois eu não os quito de se verem, senhora Serafina, e de se conversarem; mas cá o meu coração

o que me pede é que elles já fiquem d'aqui ajustados.

Findo o jantar, solemnisado pelos brindes do lavrador ao feliz arranjo de sua filha e á saude do seu futuro genro, sairam para Fafe os hospedes, e ficou o espingardeiro pensativo e quebrantado. Promettêra elle ir a Fafe no proximo domingo com sua mãe, depois de muito constrangido pelos rogos de João Carneiro e principalmente por effeito d'um leve signal de assim o querer a moça. Bastou a revirar a sisuda rigidez do artista um lançar de olhos languentes que Rosa lhe fréchou ao coração, quando elle se estava entre si pensando que iria a Fafe, se a rapariga, em vez do pae, lh'o ordenasse com uma palavra carinhosa.

Dava-lhe, todavia, para tristezas o scismar na belleza da moça e o ver-se a si tão ennegrecido da officina, tão desconchavado da limpeza e ares melindrosos da sua noiva. Como elle desabafasse com a mãe os receios de ser a final regeitado pela rapariga, a senhora Serafina, impando de justa vaidade, desfazia nos meritos de Rosa encarecendo os do seu filho. Ao parecer da vaidosa mãe, e rapariga valia tanto como qualquer outra quanto á figura; e, no respectivo a dote, os trezentos e quarenta e quatro mil réis promettidos era menos do que ella tinha trazido para casa.

— Francisco!— lhe dizia a mãe briosa e quasi irada— não te vás para lá fazer moquenco com a cachopa! Olha que ella não é mais que tu, nem tanto. Por parte de teu pae tens dois frades na familia, e bem sabes que o teu terceiro avô cá pelo meu lado teve um irmão que foi familiar do santo officio, Deus o tenha na sua santa gloria. E ella quem é? filha d'um caseiro de terras. Porque estás tu a

atrigar-te de lhe dizer o que tens na idéa? Lá por ella ter um palmo de cara ageitada não cuides que as não topas tão boas ou melhores. Bem guapa moça era eu, e casei com teu pae...

Reanimado com estas e outras admoestações maternaes, Francisco Roixo foi a Fafe em companhia da senhora Serafina, que lhe dava calor e alma.

Rosa recebeu-o muito bem assombrada, e andou com elle a sós a mostrar-lhe o meloal e umas agigantadas aboboras que se penduravam das cêpas. De crer é que se permutassem algumas phrases estranhas ao bom crescimento dos melões e á corpolencia das aboboras. Denunciava-se elle no jubilo que lhe pulava nos olhos, quando voltou ao sobrado, onde estava posta a mesa e o carneiro assado a lourejar sobre uma lustrosa travessa de barro vermelho.

Ahi para o fim do jantar, Francisco Roixo levantou um brinde que fez esbugalhar os olhos do lavrador inchados de alegria. Dizia o brinde:

—Á saude de minha futura mulher, de meu futuro sogro, e da bella sociedade por muitos annos e bons!

Rosa sorriu-se anacarada de pudor, e abaixou a cabeça com donairoso menejo.

Ali mesmo se marcou o dia do casamento.

Sairam depois de jantar os noivos e os velhos a passear na villa. João Carneiro ia noticiando o casamento da filha a quantos encontrava. Rosa caminhava ao lado da senhora Serafina com mui sisudo e honesto recolhimento, em quanto o espingardeiro, graduando a pausada andadura pelos compassos da sua bengala de cabo de marfim, parecia o que realmente era: um rapaz serio a quem propriamente o casaco azul ferrete do pae defuncto não podia fazer ridiculo.

CAPITULO II

Ruins precedentes

Cuidado com a desfloração das almas...
Leis wisigothicas.

As primeiras hesitações e a condescendencia final de Rosa explicam-se aqui em breve.

Já se disse que ella tinha sido creada no Porto com sua madrinha.

Esta fidalga tinha um filho pouco mais velho que Rosa.

Ao sairem da puericia, as duas creanças esqueceram-se por alguns annos dos seus brinquedos. Caetano de Athaide entrou no collegio da Lapa e d'aqui passou a frequentar a universidade, senão antes e mais exactamente a frequentar Coimbra, por que, findos tres annos de vadiagem com todos os *rr* possiveis, voltou para casa, mais ignorante e corrompido do que tinha ido.

Era Rosa já mulher, e mulher formosa por tanta maneira que todo encarecimento seria diminuto. *Caetano* apaixonou-se. Regenerou-se. E quer fos-

se acume de amor, quer degeneração de indole, o rapaz premeditou casar com a filha do seu caseiro.

A moça, bem que o amasse, evitava encontral-o em perigo de sua honestidade. Era-lhe facil; porque a madrinha a trazia espiada nos raros momentos que a não tinha comsigo. A fidalga adivinhára metade, das intenções do filho. A outra metade, a parte licita do projecto, essa nem sonhal-a quereria a illustre velha.

Entretanto, a moça chegou a ouvir a palavra «casamento» proferida pelo labios que a beijaram quasi á força no encontro de um corredor.

Demudou-se-lhe o animo. Se até então se defendia por instincto, depois era já por calculo. Compenetrada da consciencia da sua bellesa, estudou quantas ninherias vingam aguçar a cobiça e irritar a impaciencia. Parecia amestrada n'esta especie de negaça em que vae muito. Remirava-se no espelho que a ensoberbecia. Ataviava-se a primor com senhoril gosto aprendido nas elegantes visitas da fidalga. Não lhe sobejavam sedas nem velludos; mas qualquer fita lhe realçava os encantos, a ponto de se ficar a madrinha embellezada n'ella, e dizer entre si: «Quem dirá que esta rapariga nasceu d'uma mulher sujamente feia e d'um labrêgo do mato!»

Redobrava a vigilancia de D. Eugenia de Athaide ao compasso que os seus parentes se pasmavam nas graças da moça. Os pasmos do filho bem os via ella, e fingia não reparar, ao mesmo tempo que peitava as criadas para espreitarem os passos da afilhada.

Como é natural, as criadas antigas odiavam de puro invejosas a filha do caseiro, que não saía das salas e dormia na recamara da madrinha. Tinham-na visto entrar de sáia de chita, mantéo vermelho e chinelas. A poucos passos, foi-lhes defeso tratal-a de

tu, e obrigadas a chamar-lhe «a menina Rosinha.» Roiam-se de raiva á moça, e estudavam modos de a desmerecer no animo da madrinha.

Ora assim que a fidalga as authorisou a espreitar e denunciar a inimiga, não socegavam; iam-lhe no encalço em palmilhas, apenas a sentiam fóra da sala: espionavam com egual zelo o fidalgo; e até se sumiam nos armarios dos corredores por onde ella ou elle poderiam encontrar-se.

D'uma vez, o exito coroou a previdencia da mais ladina. Caetano de Athaide ao perpassar por ella entregou-lhe uma carta, e disse-lhe: «A resposta podes pôl-a n'este armario ámanhã ao meio dia, que eu a procurarei.» No armario indicado estava a mais esguia das criadas cosida com o bragal acamado nos lotes.

A carta era a segunda. O morgado propunha a fuga para uma quinta do Douro, segurando a certeza de lá acharem sacerdote que os recebesse.

Rosa respondeu que não dava semelhante passo, e dizia-lhe que esperasse que sua mãe morresse, ou elle se emancipasse.

Que juizo de rapariga! Quem lhe tinha ensinado estes mysterios do codigo civil no artigo *emancipação?* O amor é uma encyclopedia, principalmente o amor casto.

Ao meio dia, a menina, caminhando ás surdas pelo corredor, abriu o armario subtilmente, depoz a carta e desappareceu. Alguns segundos depois, a criada, que a espreitava pelo resquicio d'uma porta fronteira, pé ante pé, senhoreou-se da carta, chamou a fidalga e entregou-lh'a.

D. Eugenia leu, e disse á criada, pondo o dedo indicador nos beiços:

—Eu te recompensarei, mas nem uma palavra a tal respeito; senão, perdes tudo e vaes para a rua com as outras.

Chamou o filho depois de jantar e disse-lhe:

—Caetano, has de ir ámanhã para Lisboa, que sae o vapor.

—A mamã tem lá negocios?!

—Nenhum. Quero que vás para Lisboa e espera lá as minhas ordens. Se te apetecer viajar, viaja. Escreverei a teu tio visconde para que elle te mande dar mezadas onde as quizeres.

—Mas que motivos...

—Os motivos não se dizem, que são vergonhosos—respondeu severamente a mãe.

—Como?!

—Não me faças perguntas com esse ar de enfado, que eu respondo-te serenamente com duas palavras. Todos os meus bens são... meus. De hoje para ámanhã posso vendêl-os. Teu pae não tinha dote, e eu casei por escriptura com separação de bens. Vê se me entendes. Os haveres de meu pae não devem nem hão de passar á filha do meu caseiro. Disse de mais. Cumpra o que lhe ordeno.

Caetano de Athaide embarcou para Lisboa no dia seguinte. Rosa soube da partida quando viu sair as malas.

Pungiu-a o presentimento da desgraça. Ouviu os passos da madrinha e tremeu. Encarou-a a medo e córou.

—Ainda te resta a vergonha, rapariga...—disse D. Eugenia desviando os olhos d'ella.—Vae entroixar o que tens, que d'aqui a pouco saes para tua casa acompanhada pelo mordomo.

As lagrimas assaltaram os olhos da rapariga, que soluçava.

—Não quero bulha!—atalhou a fidalga.—Anda-me depressa e calada.

A moça lançou-se-lhe de joelhos exclamando:

—Perdôe-me, minha madrinha...

—O quê?—interrogou D. Eugenia soberanamente.

—A minha loucura.

—Podias ser mais louca do que foste.—E continuou sorrindo:—Eu é que tenho de agradecer-te a finesa de esperar que eu morresse para depois me chamares tua sogra. Lá intendeste que era crueldade e infamia dar-me tal punhalada em vida... Muito obrigada... A lama que me atiravas á sepultura, já me não batia no rosto... És boa laia de mulher! Ora vae gosar em tua casa a consciencia d'essa virtuosa acção. Não quero em minha companhia pessoa que estava esperando a minha morte para deshonrar meus paes na pessoa do neto.

E passou á sala visinha, casquinando uma risada asperrima e fazendo estalar as articulações dos dedos.

Rosa arranjou os seus bahús e esperou sentada no chão a chorar.

A fidalga chamou a criada mais antiga e ordenou:

—Pega d'essas trinta moedas. Vae entregal-as a Rosa. Diz-lhe que esteve dez annos em minha casa, ganhando, como as outras criadas, tres moedas por anno. Logo que cheguem as cavalgaduras, que se retire.

Como a afilhada regeitasse o dinheiro, a fidalga chamou o mordomo e mandou que entregasse a seu compadre João Carneiro as soldadas da filha.

O lavrador agradavelmente recebeu a filha e o dinheiro. Nem ella, nem o mordomo contaram o motivo da saida. Nos primeiros dias, a moça, estranhando o viver da casa paterna, andava como espantada de si mesma e de tão repentina mudança de costumes e sensações. Enjoavam-n'a as comidas grosseiras, doiam-lhe os ossos na palha dura do enxergão, estremecia quando os ratos chiavam, e até

a linguagem rustica da familia a impressionava dolorosamente carregando-lhe a tristesa. Não comia nem dormia. As côres rosadas esmaiavam-se, e o brilho dos olhos negros nublava-se n'um espasmo scismador de lagrimas.

A rapariga não contava nada ao consternado pae nem aos irmãos. Era um ir-se definhando a suspirar e a chorar que fazia dó!

Até que um dia apparece no correio de Fafe uma carta para Rosa Carneiro, carimbada em Lisboa.

Os olhos da moça orvalharam-se de gososas lagrimas quando reconheceram a lettra de Caetano d'Athaide. Ressumou-lhe á face o calor do coração. Em quanto leu, faltava-lhe o ar no seio arquejante. Acabou de lêr, e já tudo se lhe vestiu de gala por tudo transverberou a luz brilhante do seu jubilo. Caetano promettia-lhe ir a Fafe, e levar licença para se receber com ella. O substancial da carta era isto; mas as ternuras, as finezas da saudade, as lastimas, o requinte dos termos cariciaveis eram taes e tantos, que a moça desejou padecer de novo para ser outra vez consolada.

Respondeu Rosinha consoante a inspiração da sua felicidade. Expunha com dorido mimo as suas tristezas, queixando-se um tanto audaciosa do rigor da madrinha.

Seguiram-se outras cartas do fidalgo por espaço de seis mezes. A penultima pintava a difficuldade invencivel de conseguir-se licença para o casamento. A ultima convidava a moça a deixar-se raptar e levar para Lisboa. Quedou-se vacillante a moça alguns dias; estava já a ponto de cair do acume do perigo ao abysmo; salvou-a um periodico do Porto, nomeadamente o *Periodico dos Pobres*, em cuja carta-folhetim o boticario de Fafe leu a seguinte noticia: *Está tratado o casamento de uma filha do*

visconde de Robordãos com seu primo o senhor Caetano de Athaide Sotto mayor, filho de uma abastada fidalga do Porto. A menina é muito instruida, e elle um gentil rapaz.

O boticario mostrou a gazeta a João Carneiro, dizendo-lhe:

— O filho da sua patrôa lá casa em Lisboa.

O lavrador, para ter o gosto de ouvir lêr a sua Rosa, levou-lhe o periodico.

— Vem ahi o casamento do fidalgo.

— De que fidalgo?! — perguntou ella alvoraçada.

— Do sr. Caetaninho.

— Onde é? — tornou ella sem atinar com a posição legivel da gazeta.

—Vem por ahi, que m'o disse o boticario.

A rapariga leu por alto as locaes, e relançou a vista pelo folhetim até encontrar a palavra *Caetano*. Leu mentalmente, largou o papel e desatou a fugir para o seu quarto com a cabeça entre as mãos.

— Deu-lhe alguma dôr! — disse o pae á outra filha.—Vae lá vêr o que é!

A irmã encontrou-a afogada pelos soluços. Quiz sair a chamar o pae; mas ella, travando-lhe do braço, murmurou:

— Não digas nada, pelo amor de Deus! Foi uma afflicção que me tomou o peito. Vae dizer ao pae que eu estou melhor.

O incidente não passou livre de suspeitas do velho. As cartas de Lisboa, que Rosa dizia procederem d'uma sua condiscipula, motivaram desconfianças. Depois, a vinda inopinada da filha, e a inquietação com que ella recebêra a noticia do casamento do fidalgo, reforçaram-as. Não obstante, o pae callou-se ajuizadamente e fez-se desentendido. Se a mo-

ça, raciocinava o astuto velho, tinha perdido o juizo por amor do fidalgo, o remedio agora a dar-lhe era fazer que ella não perdesse os creditos em Fafe. O mal, se o tinha feito, era irremediavel.

Ainda assim, como estivesse á porta o S. Miguel de 1841, João Carneiro reservou inteirar-se da verdade quando fosse ao Porto pagar as rendas a D. Eugenia.

N'este em meio, Rosinha volveu ás melancolias de outro tempo; todavia, custurava sempre, e forcejava por esparecer na companhia das senhoras da terra que a chamavam para suas casas e lhe admiravam a habilidade no talho dos vestidos e gosto dos ornatos.

Chegou o tempo de ir ao Porto o lavrador.

A comadre nada lhe disse nem perguntou, respeito á filha. Recebeu a renda e passou-lhe quitação com a pressa de quem se quer desfazer d'uma impertinencia.

—Fidalga—disse João Carneiro—Vossa excellencia ha de fazer a mercê de me dizer o que houve cá em casa com a sua afilhada Rosa.

—Nada—respondeu seccamente D. Eugenia.

—Alguma coisa houve: faça vossa excellencia favor de m'o contar, que eu sou pae da rapariga.

—Não tenho que te contar, homem!

—Senhora comadre, isto é serio como o outro que diz. Preciso saber se minha filha se portou mal com o fidalgo.

—Por que m'o perguntas?

—Saberá vossa excellencia que eu cá me intendo.

—Pois se o intendes...

—Portou-se mal?—accudiu anciado o velho.

—Com elle não.

—Então com quem?

—Comigo.

—Com vossa excellencia?! Quero saber isso, fidalga.

—Não o saberás.

—Não?! Mas, excellentissima senhora comadre, eu preciso saber se a minha filha me deshonrou estas barbas.

—Não. Vae descançado. Tua filha foi para a tua casa como entrou na minha.

—Então diz-me a fidalga que posso procurar-lhe marido, e dizer affoitamente que a minha filha não leva dote, mas tem a sua honra como as mais honradas?

—Podes, affirmo-t'o eu com a minha palavra.

O velho alimpou as lagrimas e saiu.

. . . . . .

Seis mezes depois succedeu aquelle exquisito caso do espingardeiro entregar as cincoenta moedas de oiro.

Áquelle tempo, ainda Rosa acariciava no desfeito ninho das suas chimeras algumas pennas da illusão que voára. Em quanto não viu a noticia do realisado casamento de Caetano de Athaide, esperou um milagre, que ella pedia ao Senhor dos Impossiveis, por conselho de sua irmã, a qual, no lance apertadissimo de estar moribundo um bezerro, conseguira a saude do mesmo, mediante o Senhor dos Impossiveis. Ora, quem arrancára um bezerro das unhas da morte não podia arrancar um homem dos braços conjugaes d'outra mulher? De mais d'isto, o baralho consultado por duas velhas de Fafe, pintava o fidalgo em grande paixão d'alma, pela dama de oiros que vinha a ser Rosinha, e a egreja logo ao lado, o quatro de páos, que tanto significa *morte* como *casamento*, amphibologia intelligente e abonatoria do espirito de quem inventou a cartomancia.

No meio d'isto, leu-se a noticia do casamento em casa d'umas senhoras onde Rosa costurava. Soffreu a moça o golpe sem erguer olhos da droga nem errar o ponto. A esperança já tinha tão pouco alento que nem sequer estrebuchou na morte.

Coincidiu com este final desastre a ida a Guimarães e a visita de Francisco Roixo. Quando ella foi, ainda o coração sangrava; pelo que, a presença do artista dava-lhe desgosto e rebates das suas brilhantes chimeras. Quando o tornou a vêr em Fafe, o fastio cedêra á necessidade de seguir outro trem de vida, e aceitar um marido cuja probidade se fazia estimar. Por sobre isto, parecia-lhe que o viver em Guimarães lhe seria mais recreativo e o governo de sua casa acabaria de a desatar de lembranças penosas. Dava-se por tanto sem amor nem aborrecimento ao marido que seu pae lhe escolhia, embora as pessoas suas amigas lhe pungissem a vaidade, martelando-lhe continuamente que ella, tão formosa e prendada, podia aspirar a melhor destino.

Francisco Roixo, como inferimos do brinde enthusiasta, foi contente para Guimarães, e moirejou no melhor arranjo e limpesa da casa. Envernisou os moveis, poliu o santuario, incarnou os santos, lustrou um largo catre de páo preto de roscas e torneios ao antigo, emfim alegrou, allumiou tudo com o reflexo da sua irrequieta alegria.

Tres semanas depois foi toda a familia a Fafe, onde receberam os noivos as bençãos, e vieram para Guimarães com luzido sequito de lavradores que se dispenderam prodigamente em girandolas e foguetaria de todo o feitio.

CAPITULO III

Entra o missionario

A peçonha já vae afistulando as entranhas da familia.
Tertuliano.

Desenganou-se Rosa ao oitavo dia de casada. E, todavia, se a Providencia lhe respondesse ás honestas esperanças com a felicidade domestica, a esposa de Francisco Roixo seria digna de tamanho beneficio. Saiu-lhe mentido o contentamento que se lhe pintou na phantasia.

Ha destinos, ha preordenações para bem e para mal. O abutre libra-se no espaço zombando da ponteria do caçador. A pomba cáe morta. O tojal asperrimo apenas se agita ao borbotão do vento. A florinha desfolha-se. N'umas mulheres a fragilidade é um passo feliz á orla dos abysmos: passam, e campeam no fastigio da felicidade mundana. Outras mulheres, luctando peito a peito comsigo mesmas, assim que o pé lhes descamba na ladeira, lá vão sorvidas de voragem em voragem. A regra de bem viver, a pauta dos bons costumes, em ordem á bem-

aventurança da terra, não sustenta creditos religiosos, nem moraes, nem philosophicos diante do desconcerto trivial em que tudo se nos offerece. O religioso aponta para cima e diz: «Segredos da Providencia.» O moralista christão põe o dedo nos fastos do Calvario e diz: «Força e paciencia.» O philosopho põe a mão no seu proprio seio onde ordinariamente está um Deus ou dois, e diz: «O bem e o mal são necessarios em quanto a perfeição do genero humano correr longe do seu ponto.»

Seja tudo isso, e principalmente valha-nos o que lá diz o religioso em Jehovah, em Christo, ou em Mafoma: «Segredos da Providencia.»

Vejam agora como a esposa do espingardeiro começou a sentir-se infeliz.

Francisco Roixo, em solteiro, feriava um dia da semana afóra o domingo, entretendo-se em trabalhos ligeiros; casado, afadigava-se todos os dias, reservando para os santificados o serviço em que d'antes se recreiava. Por maneira, que as suas horas livres eram as do comer e dormir. Explicava elle a sua mulher tanta canseira, pela ambição de sobrepôr aos 344$000 réis de dote, outra quantia bastante a construir uma casa.

—Depois descansarei— disse elle.

Obrigado ao intento de edificar a casinha, que nos sonhos se lhe pintava de oiro, cingiu-se á mais apertada economia.

Rosa adquirira no Porto o gosto de trajar como senhora e enfeitava-se de portas a dentro com a limpeza pouco usual em damas que dirigem os negocios domesticos. Francisco, ao oitavo dia de marido, admoestou-a suavemente a não trazer áfio os vestidos proprios do domingo.

—Eu andava assim vestida em casa de meu pae —respondeu ella soffreiando mal o despeito.

Francisco não replicou. Desceu para a officina com as mangas da camisa encarvoadas.

Por outro lado, a senhora Serafina e as filhas murmuravam do aceio de Rosa, e reflectiam em commum soalheiro que ella, rompidos aquelles vestidos, havia de querer outros semelhantes.

—Se o meu pobre filho—exclamava a previdente velhinha—tiver de vestil-a sempre assim, lá se vae o dote em farrapos dentro de tres ou quatro annos!

Estas e outras murmurações chegavam aos apurados ouvidos de Rosa, já prevenida por meias-palavras e relances de olhos da mãe com as filhas.

Aconteceu, outrosim, ser beata a velha e as raparigas tambem, Resava-se muito n'aquella casa. Á noiva corria-lhe obrigação de se estar ajoelhada deante do santuario por essa noite fóra a rezar litanias e outras deprecações á misericordia divina. Devia ser-lhe isto muito aborrecida coisa; porque a rapariga nunca resou em casa da fidalga, nem lhe constava que alguem orasse n'aquella familia. Ora como lá na casa rica sobejavam boas iguarias sem ser pedidas, pareceu á insensata que o estar sempre a pedir a Deus «o pão nosso de cada dia» era uma impertinencia inutil. E uma vez disse ella ao marido, sobre o caso, que os passarinhos dos montes tinham sempre alimento sem saber o «padre nosso» nem as ladainhas, nem as novenas e trezenas.

Francisco Roixo esbogalhou os olhos como quem aparava n'elles um ou dois raios de philosophia, e disse:

—A fallar a verdade, tens rasão, Rosinha!

—Pois se tenho rasão, dize a tua mãe que me não faça rezar tanto, porque eu rezo sem devoção e estou ali com dôres de joelhos e a turrar com somno.

—Isso não lh'o digo...—objectou elle.

—Por que?!

—Porque minha mãe é muito devota e zanga-se comtigo e comigo, se eu lhe fôr á mão lá nas suas devoções.

—Mas não vás, que eu tambem não vou!—replicou a esposa—O que eu quero é que me deixe a mim rezar quando tiver vontade, e ellas que rezem sempre, se são beatas. Eu é que não sou beata, Francisco, nem hei de ser, fica sabendo. Minha madrinha ensinou-me que a verdadeira religião era amar a Deus e ao proximo como a nós mesmos. Emfim, desculpa-me lá como poderes, que eu não vou á noite rezar as duas horas do costume.

—Não dês esse desgosto á velha!...—disse em tom supplicante o marido.

—Essa é boa! Soffra eu, e não tenha ella o desgosto! Olha que amigo tu és meu! E que desgosto ha de ser não ter mais uma bocca que diga *ora por nobis!* Nem que a minha salvação estivesse á conta d'ella! Valha-te Deus, Francisco! Pensei que tinhas outro intendimento...

—Sou assim, mulher; não sei ler nem escrever —retorquiu sem azedume—o que sei de cabeça minha mãe m'o ensinou; e meu pae tambem me dizia que era bom orar, e elle orava tambem, e mais sabia ler como tu. Finalmente, não te afflijas; que eu direi a minha mãe que tu não podes estar de joelhos, e que te deixe rezar quando quizeres.

Assim o fez.

A velha impallideceu de sagrado horror, benzeu-se, e desafogou das ancias, que a impavam, em rios de lagrimas.

—Minha nora é herege!—exclamava ella surdamente. A vossa cunhada é herege, minhas filhas!...

Rosa escutava isto, e ria-se, como se o lance não fosse para lastimas!

O grande caso é que á noite. finda a ceia e a reza mais comprida que a ceia—porque a esposa, n'esse acto, rezava por alma dos terceiros avós maternos e paternos de seu marido—a herege foi deitar-se a tempo que a sogra estava accendendo a lampada do oratorio.

Ao outro dia, as beatas estavam amuadas e compenetradas do horror da impiedade no seio da familia.

Francisco Roixo não almoçou. Foi em jejum para a officina, e muitas vezes escondeu as lagrimas ao reparo dos officiaes.

Eis-aqui a felicidade d'esta gente, decorrido o primeiro mez do casamento.

Era natural que a resentida nora estudasse a maneira de se apartar da sogra. Antecipou-se a velha a coadjuvar-lhe o desejo. Ella mesma, obedecendo á vontade do Senhor, segundo affirmava, disse ao filho que não podia ter em sua companhia uma pessoa incredula. A vontade de Deus tinha-lh'a transmittido o confessor, mordomo do céo, que o andava offerecendo em missão por um preço rasoavel: vendia um livro de sua lavra por doze vintens, um rozario por meio tostão, uma cruz de chumbo por dois patacos, e as correias de S. Francisco por sete vintens. Quem tivesse isto e pouco mais podia encalgar-se ao céo, e levar a consolação de ter deixado na terra o missionario comprando mais uma geira que deixar aos sobrinhos ou aos afilhados.

O director espiritual da senhora Roixo e filhas era fr. Custodio dos Anjos, um dos assiduos leitores do *Jornal da propagação da fé*. Não obstante os cruentos prodigios d'aquella respeitavel missão, o apostolo de Guimarães intendia que o sacrificar a vida entre selvagens era um desserviço á christandade, visto que os barbaros comendo antropófaga-

mente os missionarios, não ficavam saturados da doutrina engulida com a molécula dos mesmos. Pelo que, o confessor da senhora Serafina prégava, e comia bem para berrar melhor.

O artista doeu-se acerbamente da intimação da mãe. Contou, intalado por suspiros, a sua mulher o caso. Rosa, denunciando a exultação intima, respondeu assim ás angustias do marido:

—Pois separemo-nos. Sempre ouvi dizer que casados querem-se sós. *Sogra nem de barro á porta*, diz lá o dictado. Olha, meu filho, a gente na sua casa ha de viver bem mais alegre. Se tua mãe quer ir, que vá para a sua casa.

—A casa de minha mãe é esta—disse severamente o espingardeiro.

—É?!—acudiu ella fazendo semblante de espantada.

—É.

—Então tu que tens?

—O meu trabalho.

—E os 344$000 réis do meu dote?

—Lá sabes onde elles estão.

—Pois compra ou aluga uma casa e saímos nós. Ella que fique, visto que não tens nada.

—E hei de deixal-a?!...

—Pois então? Ou bem filho ou bem marido. A lei de Deus diz: «por teu marido ou por tua mulher deixarás pae e mãe.» Eu não deixei o meu? Faz o mesmo, se quêres viver em paz.

Amava extremadamente sua mulher o artista. Sentia-se maneatado e captivo quando a rasão insurgia contra as demasias de sua docilidade. Antes que a bocca proferisse a palavra severa e justiceira já no coração lhe doiam remorsos e receios de mortificar a mulher. Pagava-se d'estas violencias que fazia ao seu recto caracter com alguma das caricias que ella

froixamente e sem enthusiasmo lhe dava como esmola, e precaução, se via em risco de estalar o arco distendido por de mais. A cegueira amorosa do artista recrescia a par e passo que a indole rija e brava de Rosa ia ganhando poderio e confiança na altivez victoriosa. Tamanha submissão, longe de amaciar o desabrimento da esposa, diminuia no amor e no respeito; porque a mulher de condição ruim ha mister que lhe algemem os pulsos, a fim de que as mãos tenham só o bastante movimento para acariciar, e lhe não chegue para mais. O mesmo é dizer que o sopezal-as é tão preciso para que vos acatem, como o affagar as bem condicionadas para que vos queiram.

O que Francisco muito queria em sua casa era amor e paz. Se a mãe lhe empecia o goso d'esses bens, justo era que elle se apartasse. Foi muito no seu espirito indeciso aquelle texto da biblia trazido apropositadamente pela mulher: *Deixarás pae e mãe...*

O artista cavou muitas horas n'este preceito, e achou-o não só racional que tambem inviolavel como de origem divina. Assim, pois, que a senhora Serafina, cada dia mais escandalisada, lhe repetiu a proposta da separação, humildemente Francisco lhe respondeu:

—Faça, minha mãe, o que fôr da sua vontade. Eu é que não posso separar-me de minha mulher.

—Mas podes obrigal-a a ser christã—bradou a devota das correias de S. Francisco.

—Christã é ella—affirmou Francisco.

—Está muito longe d'isso! christã tua mulher? Pois não foste! Vê-me ir para a missa d'alva e fica na cama!

—Mas vae á missa das dez.

—Para se mostrar com os farrapos engomados e o cabello á moda com as troixas na testa.

—Isso que faz, minha mãe? A limpeza e o aceio não é peccado. Tanto attende Deus os que vão vestidos d'este feitio como d'aquelle.

—Sim? — contrariou a senhora Serafina — vae perguntal-o ao senhor padre Custodio dos Anjos e elle t'o dirá. Sabe Deus a paixão que elle tem por te vêr casado com esta creatura...

—Falle baixo, minha mãe, que nos póde ouvir minha mulher — accudiu o espingardeiro tirando-a para o desvão da loja onde estavam altercando — vocemecê faz mal, e perdôe, em acreditar tudo que lhe diz o seu confessor.

—Cala-te, atheu! — clamou transida do sacrilegio a velha — Já estás tão bom como tua mulher...

—Pois paciencia; em quanto eu peccar tanto como ella não receio que a minha alma se perca.

—Então bem aviado vaes tu, meu pobre filho! — tornou ella entre chorosa e irada. —Para o que eu te criei aos meus peitos! Tu, que *rescendes* de gente tão christã, por pae e por mãe, casado com uma herege incredula!...

—E minha mãe a dar-lhe!... — contraveiu Francisco, dissimulando o desprazer, senão raiva, que lhe estava fazendo a tençoeira da velha. — Qual herege nem qual *berzabú!* — insistiu elle — Minha mulher vae á egreja, reza, confessou-se ainda ha pouco, não diz mal de ninguem, e é herege!... Sabe vocemecê que mais? O missionario, se lhe mette essas asneiras no miolo, é um impostor!

—Credo! — garganteou a velha ferindo quatro notas descendentes para solemnisar o pavor da exclamação. — Ó atheu! pois tu chamas impostor ao padre Custodio dos Anjos? O santo missionario que se não fosse elle a mais os seus companheiros, o mundo estava acabado!...

—Valha-a nosso Senhor, minha mãe!... — atalhou

Francisco Roixo, protestando sisudamente contra a opinião cosmica da filha espiritual do padre Custodio, moderno e melhor Antheu do concelho de Guimarães. — O mundo não se acaba assim — proseguiu elle axiomaticamente — e, se acabar, Deus póde desfazer o que fez; e, se o não desfaz, não é porque os missionarios lhe vão á mão.

— Vossês não querem ouvir isto?! — murmurava a senhora Serafina, cruzando os braços sobre o estomago. — Olhem, olhem como a mulher o poz! Bemdito seja Deus, ao que chegou a minha casa!

— Que mal lhe faz minha mulher? — tornou Francisco. — Ora que vocemecê tomou a pobre rapariga entre os dentes e não ha que lhe fazer!... Então que quer? diga-o de uma vez... Que nos vamos á vida? Pois vamos, com Deus, e fique vocemecê em paz.

— O que eu quero é que ella se vista como as outras mulheres da sua egualha — respondeu a velha com brandura. — Vestidos de folhos, tres saias engomadas, fitaças no pescoço e na cabeça, sapatos de lacinhos, capa de mangas com muitas trapalhices a pingar, em nome do padre, e do filho e do espirito santo, que tafulice! Quem vir aquelle paninho de armar, *ruge-ruge* pela egreja dentro, ha de cuidar que é alguem que vem de algures; a final é a mulher de um espingardeiro! Metteu-se-lhe na cabeça que é muito bonita, e então na egreja olha para um lado, olha para outro, aquella cabeça parece que está azougada! Nunca vi!... Os homens estão todos a olhar para ella, nem podem ouvir a missa com attenção...

— Mas minha mulher tem culpa?! — observou Francisco.

— Tem, sim. Que esconda a cara na mantilha como tuas irmãs, que tambem se podem vêr, mas não se mostram. Bom cabello tinham ellas, melhor

que o da tua, e cortaram-n'o rente, quando fizeram confissão geral com o senhor padre Custodio. Tambem tinham roda nas saias, e desfizeram-n'as...

—Pois sim; mas Rosa não é beata—volveu o filho.

—Olha que novidade tu me dás!... o que ella é sei-o eu e mais o missionario... É uma cabeça de avellã. Miolo tem tanto como um bogalho. É aquillo que se vê... Muito lavadinha, muito penteadinha, muito folho engomado, muita fitança... e acabou-se—concluiu a senhora Serafina, fazendo uns tregeitos escarnicadores que a tornavam hedionda, apesar das intenções piissimas.—Olha rapaz, sempre te quero dizer o que ouvi ao senhor padre Custodio, ainda não ha vinte e quatro horas. Sabes o quê? que tua mulher te ha de botar a perder; que o negocio te ha de ir mal; que se lhe não deres nos focinhos p'ra traz, has de querer ter mão n'ella e não has de poder. Ouve lá o resto, se queres. Diz elle que tua mulher é o peccado tentador que traz por ahi muitas cabeças de homens perdidas. Elle bem sabe por que o diz. Olha que no confessionario sabem-se muitas coisas... Eu cá me intendo...

—Então que se sabe?—atalhou Francisco Roixo n'um impeto de insensata desconfiança—que dizem de Rosa? que ella se porta mal?!

—Isso não ouvi; o que dizem é que ella tem muito quem morra por ella de amores! Que vergonha!—ajuntou a beata benzendo-se—que vergonha! dizer-se que ha quem morra de amores por uma mulher casada!...

—Deixal-os dizer!—interrompeu desabafadamente o filho.—Como não digam que ella prova mal...

—Mas é causa de escandalo, porque como diz o meu confessor, obriga a peccar por pensamentos e palavras...

—Como não seja por obras...

—As obras... as obras...—repisou intencionalmente a velha.—Calla-te, bocca!—terminou ella, apertando os beiços entre as cabeças de dois dedos gretados e sem unhas.

—Diga, diga o que sabe! insistiu Francisco, levantando a voz.

N'este comenos, entrou impetuosamente Rosa na officina e exclamou a brados:

—Sim! diga o que sabe, santinha, diga o que sabe do meu comportamento, sua beata, que me está aqui intrigando com meu marido! Desembuche, sua hypochrita!

(As duas irmãs de Francisco estavam já no fundo das escadas a escutar; e uma d'ellas, quando ouviu sua mãe tratada de hypocrita, voltou-se para a irmã, e disse-lhe: «Olha o diabo da herege a chamar *hypolita* a nossa nãe!»)

Francisco Roixo, em quanto sua mãe batia nervosamente as queixadas, tomou do braço da mulher, e com suave esforço a conduziu para cima, pedindo-lhe paciencia nos poucos dias que estariam todos debaixo das mesmas telhas.

A velha e mais as filhas compozeram um alto clamor na loja, e mais soado seria o piedoso berreiro, se os transeuntes não parassem defronte da officina perguntando se ali morrèra alguem.

O padre Custodio dos Anjos, como fomentador da paz domestica, havia quanto se vê cooperado para a felicidade d'aquella familia.

CAPITULO IV

Falsas promessas

...Não faltou já quem duvidasse se a formosura se dava por premio, se por castigo.
D. F. Manuel.—*Carta de Guia.*

Era já irremediavel o rompimento. Rosa nunca mais se encontrou com a sogra nem cunhadas. O marido, atormentado entre a esposa e a mãe, almejava por se despenar d'aquelle inferno.

E não era só isto a navalhar-lhe o coração.

Até os ciumes! Ciumes de quem ou por quê? De ninguem e por nenhuma causa, se o não eram as insinuações do missionario.

Mas ciumes são silvas que rebentam de seu, espontaneas, e laceram as mãos de quem lhes rastreia as raizes. Ciumes dos olhos que a cubiçavam, dos beiços que lhe articulavam o nome, dos pensamentos deshonestos que lhe adejavam á volta do rosto angelico.

Sentia-os a sacudir-lhe o somno das palpebras, e a intalar-lhe o bocado na garganta.

Mas com que direito se queixaria?

Não se queixava. Escondia a sua tristeza, dessimulando-a com outras mortificações. O seu desafo-

go era ameigar muito a mulher, e reperguntar-lhe com mui commoventes gestos se ella o amava, e se o amaria sempre.

Causou-se d'este injusto receio cogitar elle na vantagem de sair de Guimarães e estabelecer-se em Fafe. Quanto a lucros, previu-lhes a diminuição; mas, no tocante ao socego e segurança do seu espirito de marido, a compensação era por tal modo convidativa que deu conta de seu intento á esposa.

Ora! qual não seria o gaudio da senhora Rosa! Nunca foi tão cariciativa e terna!

— Verás que santa vida e alegria lá nos espera! Que fazer não te ha de faltar, meu Francisquinho! — exclamava ella alternando vozes e beijos. — Gosto tanto de Fafe! temos lá meu pae, que é tão teu amigo... E, de mais a mais, eu, como modista, hei de ganhar muito. Se quizeres, compramos lá uma casa, e terras, e dentro de doze annos tem a gente uns bens para deixarmos aos nossos filhinhos, sim?

Com estas e outras mais adocicadas phrases e meiguices, deliberaram mudar para Fafe.

A senhora Serafina viu-os ir sem notavel afflicção. Era-lhe amparo e animo o seu confessor. Bastava ter-lhe o unctuoso missionario ungido a alma dos balsamos que robustecem as mães contra os filhos indevotos, e lhes desentranha do coração a indulgencia maternal. Ó apostolico Custodio! como tu, ladeado de alguns diabos do teu uso, afugentaste do seio d'aquella mãe o anjo enamorado das virtudes do filho que ella extremecia! Como tu, a golpes de estupidez e hypocrisia, vingaste lanhar aquelle peito e banir de lá o amor, que Deus lhe santificára!

Ao invez da beata, o agricultor de Fafe recebeu jubilosamente a nova da mudança e preparou casa commoda e alegre para seus filhos, gastando muito do seu em trastejar-lh'a.

O socêgo e contentamento promettidos pela esposa realisaram-se além das esperanças. Francisco Roixo congratulava-se com a mulher pela melhoria do seu viver. Se o trabalho era menor, as despezas eram proporcionaes. Vagavam-lhe muitas horas repousadas para o goso de se estarem no seu quintal jardinando uns taboleiros e mondando o hervaçal da horta. Rosa não levantava mão da costura em que apurava tanto ou mais que seu marido na serralharia. O engenho de notar cartas para o Brazil era-lhe gratificado com feijões e outros legumes com que ella abastecia o seu celleirinho para o inverno. Comprazia-se o marido em vêl-a notar e escrever as missivas, onde a saudade das mães era pintada tão ao vivo que não havia ter as lagrimas.

Assim prosperados viviam os dois êsposos em 1842. O sol d'aquelles dois annos tinha alumiado sem nuvens o lar ditoso. Dir-se-hia que ella o amava por egual com a ternura que recebia. Não tanto. Rosa estava apenas resignada, e distrahida da precisão de amar. Folgava de sentir-se adorada; mas não era aquelle incenso tão fino que lhe perfumasse os reconditos do seio onde uma vez havia entrado uma imagem aureolada e deslumbradora. Funesta influencia tinha sido a das aspirações que a invaidaram nos primeiros annos. Fecharam-se-lhe os horisontes; mas o calor da brilhante luz que lhe prefulgira não o resfriou de todo a conformar-se ao humilde destino que mais naturalmente quadrava com o seu nascimento. Isto, porém, não lhe impecia o goso de viver desafogada de cuidados e ambições, nem tão pouco lhe suggeriu leviandade que ella não podesse segredar no confessionario ao padre Custodio dos Anjos ou a outro que tal corrector d'almas para a gloria eterna.

A senhora Serafina, subindo sempre os degráos da

perfeição ás cavalleiras do seraphico director, ao fim de dois annos, estava madura para banquetear os vermes, que lhe respeitaram os ossos destinados ao supremo triumpho promettido pelo missionario no Valle de Josaphat. Morreu sem querer despedir-se do filho nem da nora: isto poderia prejudicar os interesses de sua alma, rebelde á caridade, se o confessor não recebesse de antemão o preço de quatrocentas missas reparadoras.

As duas irmãs de Francisco senhorearam-se do mealheiro da mãe, que, afóra isso, as instituiu herdeiras da terça. Calculava o filho que o dinheiro amuado n'um falso, tão sómente conhecido de sua mãe, era antiquissimo, e já de seus bisavós. A sorte que lhe coube em partilha tão pequena foi que a dispendeu no sumptuoso enterro feito á sua defunta. Este acto generoso de piedade filial augmentou os creditos principiados na restituição do dinheiro.

O espingardeiro de Fafe era o brasão dos artistas honrados. Os cavalheiros da terra apertavam-lhe a mão nobilitada pelas rugas calosas do trabalho. Os seus eguaes porfiavam em ganhar-lhe estima de amigo, tirante os viciosos que o fugiam, porque elle os reprehendia indirectamente pintando a felicidade das consciencias puras.

Eis aqui um viver de esposos bem agourado para duradouros prazeres.

CAPITULO V

O peor dos casamentos

Ah! paes, que mal entendida honra!...
RAVISIUS TEXTOR *(Ineditos)*.

Caetano de Athaide casára, como é já notorio, com sua prima D. Gabriella, filha do visconde de Bobordãos, general reformado.

Este matrimonio tem que prefaciar.

Desde que o *Braz Tisana* divulgára o planeado enlace até á realisação, mediaram oito mezes.

A delonga procedêra de um feito ignobil do fidalgo. Tinha pedido a filha ao velho general, insinuara-se na confiança do pae, e no descuidado coração da innocente. Não os vigiavam mais do que se nascessem irmãos.

Gabriella sentiu que era despresivel quando Caetano colorindo ardilosamente as longas ausencias, se andava abrindo escape a reparar o desdouro de sua prima.

O general viu lagrimas e comprehendeu-as como homem.

Remoçou: refundiu-o a lavareda do odio.

Não cingiu a espada porque dizia elle: a minha espada não hei de deixal-a tingida de sangue de infames.

Procurou o sobrinho no portico de um theatro, travou-lhe da cabelleira calamistrada, arrojou-o para dentro de uma carruagem, e sentou-se ao seu lado.

—Não me trate assim, meu tio!—disse o covarde tremente—que eu serei ámanhã marido de minha prima.

—Se ella o aceitar, villão!—respondeu Gonçalo de Sá.

A carruagem parou á porta do general.

Apearam. Caetano caminhava deante.

Abriu-se-lhe a sala dos hospedes ceremoniosos. O velho mandou chamar a filha.

Gabriella entrou soluçante, por que receiava que seu pae matasse em sua presença a vida de toda a sua alma.

Era uma criança... com outra no seio.

Caetano endereçou-se amorosamente a sua prima com a mão aberta. O general interpoz-se com um gesto e meneio repulsivo.

—Meu pae!—balbuciou ella.

—Que é?—murmurou Gonçalo de Sá.

—Perdão... disse a filha embargada pelo arrancar dos suspiros.

—Para quem?—tornou o general.

—Para ambos...—clamou ella com vehemente impeto.

—Bem. Este homem quer ser seu marido. Convem-lhe? Quer ser mulher d'este homem?

—Sim, senhor. Ha muito que...

—Recolha-se ao seu quarto.

A menina saiu deante do gesto imperativo.

—O senhor sairá d'esta casa com sua mulher

ámanhã. Os seus aposentos por esta noite são aqui —disse Gonçalo de Sá, abrindo a porta de um quarto.—Entre.

Caetano entrou sem replica nem hesitação.

O general fechou as duas portas interiores e a da sala intermedia.

A carruagem esperava-o no pateo. Saiu e voltou alta noite.

Passou o restante d'ella no seu quarto debulhado em lagrimas, contando valores de papeis cujas sommas confrontava com a certidão d'um inventario.

Pouco depois do alvorejar da manhã, chegaram duas seges.

Gabriella velava ainda, quando a sua aia, por ordem do pae, lhe disse que se vestisse para sair.

Egual ordem recebeu o hospede.

Da sege tinha apeado um militar ancião e uma senhora idosa, que devia ser sua esposa. Entraram a primeira sala, onde compareceram Caetano e sua prima.

O general assomou a uma das portas e disse:

—Marchem!

O militar embarcou-se n'uma sege com o noivo; a senhora em outra com a menina.

Sairam as barreiras. O padrinho do casamento apresentou uma ordem do patriarcha ao prior de Bemfica.

Abriu-se o templo, accenderam-se as velas, e celebrou-se o sacramento.

A festa das nupcias era a gralheada dos passaros que redopiavam entre a folhagem das arvores prateadas pelo primeiro arraiar do sol.

Volveram a Lisboa e apearam em casa dos padrinhos.

Já lá estava o general Gonçalo de Sá.

Os esposos quizeram beijar-lhe a mão: retrahiu-a.

— Attendam — disse elle com severas pausas em que se transluzia maxima afflicção — Gabriella, sua mãe, ha doze annos que morreu. Fez-se inventario. Coube-lhe dez contos de réis, que eu comprei de inscripções. Negociei com os juros em ordem a augmentar-lhe o seu pequeno dote, que hoje prefaz dezesete contos. Aqui os tem. Sigam o destino que lhes approuver.

Ia retirar-se, quando a filha exclamou:

— Meu pae! não me abandone! Deixe-nos ir para a sua companhia!

— Não! — bradou o velho convulso. — Não!... porque me deshonraram ambos.

— Gonçalo de Sá! — clamou o general Leite. — Isso não é assim.

— General — disse o pae da esposada — ensina-me o que é a bravura no campo, que és mestre; mas não queiras ensinar-me o que é honra; essa, eu a sei como tu. Adeus. Rende graças á Providencia que te não infelicitou com filhos. A morte... que elles dão aos paes a sangue frio, nem o carrasco a executaria tão tranquillo de espirito...

Ainda tentou D. Gabriella seguil-o e retel-o; mas o padrinho a impediu delicadamente, dizendo:

— Não teime que é inutil, minha senhora. Espere os milagres que o tempo costuma fazer.

Assim se realisou o casamento de Caetano de Athaide, mezes depois que escrevêra a Rosinha convidando-a a fugir para Lisboa. Queria renovar sensações, ao que parece. O ideal do bello afogueava-lhe a cabeça, quando o general o arrastou pela encaracolada guedelha. Muitos rapazes se poupariam ás sedes de amor que calcinaram os Hamlet e os Faust e os Obermann, se um pulso rijo os puchasse

pelas melenas, quando elles estão a pique de se emborcar nos seus imaginarios abysmos.

Como quer que fosse, o procedimento do general não se inculca exemplar nem para louvores. Aquellas aparencias de pundonor escondiam orgulho mais que muito descaroavel. Vingar-se do sobrinho como quem investe o algoz do esparto legal, e vingar-se da filha empurrando-a para o cadafalso, foi um cruelissimo desafogo de honra muito inversa de amor de pae e caridade de homem que tocára e experimentára a lepra do coração. Máo expediente remediar um desdoiro com tantas deshonras provaveis! A delinquente, se a deixassem sósinha, bem póde ser que a chorar restaurasse a pureza no segundo baptismo da penitencia. Entregue, porém, a tal marido saciado e violentado, as angustias d'hora em diante hão de ser das que se refrigeram com o crime.

Atêmos o fio da historia.

D. Eugenia folgou com a noticia do casamento. Só assim descançou da inquietação em que a traziam receios de Rosa. Ninguem lhe contou os antecedentes desprimores do filho; é de entender, porém, que o referirem-lh'os angustiasse moderadamente a fidalga. N'aquella familia de nove seculos, lances d'aquella natureza regulavam a quatro por cada cyclo centenario, e lá se remediavam sem desluzimento do brasão nem desfalque nas rendas. Inlaces com filhas de caseiros é que não constava. Todas as desvergonhas eram garfos do mesmo tronco preclaro.

Caetano d'Athaide, mirando a cobrar a sua antiga liberdade, sahiu de Lisboa para casa da mãe com a esposa. Dezesete contos era diminuto dote para desempenhar a casa já hypothecada por pae e avô. Ora, o fidalgo, como orçasse as dividas e a somma se avantajasse ao numerario, não pagou nenhumas,

visto que lhe era imperfeito o prazer de se desempenhar.

Passados poucos mezes no Porto, foi para Paris. A esposa viu-o ir medianamente saudosa. O tedio é contagioso. O chorar da mulher despresada não é amar. As lagrimas vão delindo os liames que atam a alma á recordação do amor premiado por outro amor. Deslaçados aquelles vinculos, é o amor proprio que chora. Esta crise póde ser mortal' Mas, se a mulher é rija de tempera, a doença declina logo que a vaidade formula á inferma uma tisana do mel dos deuses, que a peccadora humanidade denominou «vingança». Então começa a convalescença.

N'este periodo ficou D. Gabriella quando seu marido foi viajar.

Esta senhora passava despercebida quanto a belleza; todavia, extremavam-na graças de espirito natural com realces de educação litteraria nas Inglezinhas. Estes dons desdiziam da indole do marido, sujeito por tanta maneira desaffecto a livros, que apenas conservava alguns romances que lhe ministravam as phrases amorosas das cartas, fraudulentamente plagiadas dos seus proprietarios.

A sciencia da esposa humilhava-o, se ella estadeava trechos poeticos, passagens historicas, pensamentos bem occasionados na conversação com as suas visitas.

Estas visitas, que a escutavam com deliciosa admiração, continuaram na ausencia do viajante. D. Eugenia, menos mal servida de intendimento, aprazia-se de ouvir sua sobrinha em palestra com trez desembargadores doutos, sujeitos de annos sisudos e idéas sans. Acontecia, porém, que a eloquente dama torneava mais a primor o periodo e espivitava mais as luzes do espirito quando no auditorio

concorriam os filhos dos desembargadores. A fidalga velha dava tento da differença, e scismava.

Um dos filhos dos magistrados era em casa conhecido pelo primo Silverio de Mendonça. Alguns bafejos apollineos tinham aquecido o berço d'este bacharel em direito. Os prelos portuenses já o tinham ajudado a gemer nos partos d'uns poemas que tocavam a escala dos titulos dolorosos desde o *Suspiro* até á *Lagrima*. Algumas de suas trovas já se gosavam da immortalidade da musica para piano composta por um dos rabequistas immortaes da orchestra do theatro lyrico do Porto. Bastantes folhetins seus, em prosa de apocalipse, eram tambem lidos e decifrados pela superior intelligencia das meninas portuenses. E, para o dizer em breve, Silverio abonava-se com sobejos meritos para ser amado, de fóra parte o bem ageitado de sua pessoa, e a tez pallida, e os olhos mortiços de quem desvelava as noites a buscar sua luz na via lactea.

Se este sujeito não impressionasse a esposa de Caetano, deviam comer-se de despeito as Lucrecias, Porcias e Cornelias. Mas as virtudes antigas e consagradas não se deslumbram.

Gabriella, contaminada d'uns miasmas que infectam o ar, adoecia da fragilidade moderna. A poesia, n'aquelle tempo, impestava como as lagoas pontinas. O que hoje é extracto de papoilas era então peçonha que afistulava o coração e pruia nos nervos.

Acamaradaram-se as duas almas antes de se explicarem. Ambos os espiritos, á mesma hora da noite, se entreviam no crescente da lua ou na ursa maior. O primeiro luzir da alva encontrou-os algumas vezes embevecidos no roixo leito da aurora; com a notavel differença de se andar elle a poetar nos pinhaes de Cedofeita, e ella a contemplar o céo

d'uma janella de segundo andar. Tudo puro espirito, ideal menos suspeito que o de Platão.

Sem embargo, a senhora D. Eugenia, que via nas mais platonicas innocencias uns resaibos de Epicuro — philosopho muito mais conhecido que o outro nos usos e costumes da sua geração — ergueu-se ao abrir da manhã, e topou a nora ainda a pé, cantando versos de Silverio e musica do rabequista immortal.

— Como tu madrugas a cantar, menina! — disse a fidalga, tossindo encatarrada pela brisa matinal — Ainda te não deitaste?

— A noite estava tão linda, minha tia!... — respondeu langorosamente poetica D. Gabriella — Quer vossa excellencia vêr como vem lindo o sol a nascer?... Olhe...

— Isso não me diverte, menina, nem te gabo o gosto... Será bom que os criados não saibam d'estas tuas madrugadas.

— Por que, minha tia?

— Por que te podem chamar doida, Gabriella. As senhoras do Porto não costumam passar as noites á janella. Cada terra com seu uso. Tudo que é desacostumado causa reparos e juizos temerarios. Toma o meu conselho, menina. Deita-te ás tuas horas, e deixa lá o sol erguer-se quando Deus quizer.

— Ora essa!... — atalhou risonha D. Gabriella — Isto que mal faz?

— Osso não quebra nenhum; mas faz mal ao bom nome de uma senhora.

Saiu e deixou a sobrinha mal encarada.

Passou-se o dia em arrufos de parte a parte; quando, todavia, ao cahir da tarde chegou o poeta, abrin-se as feições carrancudas da admiradora do sol ente, desencrespou-se-lhe a fronte, e borbotaı cachoeiras de diserta graça de envolta com uns

remoques á velha, desfechados philosophicamente.

—Bem te percebo!—dizia entre si a matreira fidalga.

Silverio saiu mais captivo n'aquella noite. Os prelos do dia seguinte gemeram, ao mesmo tempo que a inspiradora gemia em segredo porque a tia, mandando arranjar roupa nos bahus, lhe dissera que resolvêra ir passar dois mezes a Fafe, até chegar o filho.

Dito e executado.

Antes de anoitecer estavam as liteiras á porta.

—Vamos de noite por causa do calor—disse a expedita senhora.

O poeta quedou-se fulminado, quando o guarda-portão lhe disse:

—As fidalgas foram para a quinta do Outeiro.

Os prelos não gemeram no dia seguinte. *Vox faucibus hæsit.*

CAPITULO VI

Armadilhas de satanaz

Diablus adulterii pronubus.
O diabo é o padrinho dos adulterios.
S. Gregorio.

De volta de Paris, Caetano d'Athaide foi a Fafe procurar sua familia. Pediu explicações da impensada mudança.

D. Eugenia absteve-se de lhe dar as verdadeiras. Motivou a saída do Porto com os seus achaques e desejo dos ares da aldeia.

Ao quarto dia da chegada do marido, D. Grabiella, bem que esposa de seis mezes, deu á luz uma menina perfeita.

A fidalga reparou no phenomeno phisiologico, e intendeu-o com a sagacidade propria do seu sexo, visto que o filho não reparou.

O decoro e a prudencia impozeram-lhe silencio e respeito aos factos consummados.

Materia mais substancial.

Caetano passeava uma tarde em Fafe, e viu Rosa, mais linda que d'antes.

Cumprimentou-a e deteve-se alguns segundos a fallar-lhe na presença do marido.

Rosa, sobresaltada e retinta de pejo, tartamudeava nas respostas.

O fidalgo seguiu seu caminho, tão inleado e absorvido, que não via fóra de si senão a imagem de Rosa.

Não era elle, áquelle tempo, homem que refreiasse os impetos da paixão renovada, ou os colorisse com disfarces.

Ao outro dia, caracolava o cavallo por deante da officina de Francisco Roixo. Rosa adivinhou-o sem o vêr e retrahiu-se da baranda. O artista, lá do escuro da sua officina, viu o fidalgo, saiu ao postigo e cortejou-o respeitosamente.

Caetano acercou-se, ladeando o cavallo, dignou-se de fallar lhanamente ao espingardeiro sobre coisas da sua arte, e disse-lhe em conclusão:

—Mande-me o sôr Francisco as armas que tiver trochadas, que preciso de trez ou quatro caçadeiras.

—Lá as levo hoje, fidalgo.

D. Eugenia vira entrar um homem sobraçando um feixe de armas, e procurando seu filho.

—Que quer aquelle homem? perguntou ella a Caetano.

—É espingardeiro.

—O marido de Rosa?

—Creio que sim.

A senhora circumvagou a vista para certificar-se de que a não ouviam e disse:

—Ainda chegaste ha dez dias, e já se conhece que estás semeando a desmoralisação!... Não tardam ahi os fructos...

—Ora!... que fructos!... A mãe é visionaria...— replicou infadado o filho.

—Corrige esses modos, Caetano!... Faze que não te esqueça o que me ouviste ha anno e meio... Tem cuidado que Rosa não venha atraz do marido. Olha que vae um lacaio repelil-a da casa, que é minha... *que é minha*, intendes?

—Intendo, minha senhora.

—Muito folgo.

Caetano escolheu algumas armas, pagou-as sem desfazer na modicidade do preço, e despediu o espingardeiro com offerecer-lhe recursos, caso quizesse augmentar o seu estabelecimento.

—Grande de mais para a terra é elle; agradeceu o artista.—Muito obrigado a vossa excellencia.

Entrado em casa, disse Francisco á mulher:

—Eu gostava que fosses vêr tua madrinha.

—Ágora vou! Se tem muito, que coma de noite e de dia. Despediu-me sem motivo e nunca mais quiz saber de mim.

—Mas... sem motivo?!—murmurou o marido, receioso de agastar a esposa com a duvida.

—Sem motivo, sim. Queria-me egualar com as criadas e pagou-me como ás outras. Graças a Deus, eu não precisava de servir. Fui para a sua companhia porque ella me chamou. Deixasse-me estar em casa de meu pae...

—Mas mandou-te ensinar tantas prendas...

—Se as aprendi—contraveiu Rosa—passava os dias a fazer os vestidos das criadas e as noites a lêr novellas para a entreter. Que achas? Ninguem dá ponto sem nó...

O artista assentiu aos froixos motivos que muitas vezes Rosa lhe déra. Nem leve nuvem de desconfiança lhe emborrascou o espirito.

Por medo de sua mãe, Mendonça teve as redeas do musculo bestial que se denominava coração n'el-e. A largos prasos passava á rua do espingardeiro,

e assim mesmo nunca mais logrou vêr-lhe a resguardada esposa.

Não se inculca em fôro de virtude o recato de Rosa. Se ella fiasse de seu juiso a dignidade do marido e sua, não se andaria n'aquellas escondeduras que antes pareciam arrufos de amante agastadiça. Á si é que ella se temia, não a elle.

E, senão, que vinha a ser o entrar ellà na alcova, e levantar-se em pé na cama a fim de o vêr passar, lá do escuro do quarto, sem ser vista? A virtude não é brincadeira; e aquillo que era senão um pueril simulacro de honestidade? Assim é que o demonio as quer basofiando exempções. Não tem mais que irritar-lhes pruridos de vaidade, assim que ellas começam a desconfiar que fogem sem que alguem as persiga. Então já se não escondem: saem valentemente ao encontro da tentação, e resistem o escasso tempo de algumas lagrimas de vergonha e remorso; mas o assoprar do abysmo é quente, e secca-lh'as.

Assim foi. As ultimas passagens de Caetano de Mendonça já ella as esperou intrepidamente, porque eram decorridos dez dias sem que elle passasse. Entrou-se Rosa então d'um pensamento honesto e brioso: dizer-lhe a elle de qualquer maneira que a deixasse em paz, já que tão infeliz a fizéra, impellindo-a á situação em que a via. Olhem o demonio a tecer a nassa onde tem pescado tantas senhoras respeitaveis do nosso conhecimento!

Depois dizia ella de si comsigo: «Meu marido vem a reparar de eu nunca sair á janella quando o Caetaninho passa, ou de não fallar quasi nada se elle se demora». Casto receio e pudica logica eram isto! Urgia sair a vêl-o e a conversal-o para parecer invulneravel a suspeitas.

N'este proposito, de que ella se louvava por es-

perta sem quebra da puresa conjugal, esperava Rosa que caisse a geito o ensejo de lhe pedir que a deixasse em sua triste conformidade; mas o fidalgo não voltou. É que D. Eugenia, informada por espias dos passos do filho, ordenou a retirada para o Porto, logo que D. Gabriella prefez o praso da convalescença e baptisou sua filha Itelvina.

Anciosa por voltar á cidade estava a suspirada de Silverio, cujas elegias deviam ser tenebrosas n'aquelles noventa dias de ausencia.

E a mortificada velha assim ia ralando o ultimo quartel da vida, fugindo de Silverio com a nora, e fugindo de Rosa com o filho! Vejam que faina! Era a expiação de nunca ter fugido ás conjuncturas perigosas. Ella que até mais de meio caminho da edade colhêra sempre flores sem ferir-se nos espinhos do vicio, punha agora hombros a duas cruzes de tal porte! Conjurar peccados da mocidade alheia sem poder justificar os exorcismos com o exemplo da sua! Lance verdadeiramente expiatorio!

Caetano acompanhára sua familia, simulando obedecer sem custo. Novas diversões de naturesa analoga concorreram no Porto a despontar-lhe os espinhos da saudade. Uma modista franceza disputou-o n'este tempo aos filtros d'uma cantarina italiana. Depois sobreveiu a galharda amasona d'uma companhia hypica. Os dezesete contos da mãe de Gabriella iam escorrendo ao abysmo n'estes meandros sujos, por espaço d'um anno bem folgado.

Por sua parte, a filha do visconde de Rebordãos
iava mais espiritualmente as suas melancolias.
is Urania, cuja castidade é historica, entrava
dado com o loiro Apollo a confortal-a nos
'e esposa menospresada. Silverio, o primo
continente como um trovista de Provença.

não trocaria facilmente a victoria do crime pelas doces angustias de amar sem esperança e chorar em redondilha maior. O seu carpir-se era tão manso e piedoso que os proprios maridos, se o lessem, haviam de considerar o poeta benemerito de toda a confiança. Até Gabriella mesma se espantava do virginal recato d'aquelle amor, cuja fecundidade eram folhetins em que o bardo donzel ensaiára todos os rythmos com exito não ordinario.

Tristesas e arrôbos, porém, não impediram que a ideal Gabriella, n'este anno de 1840, se multiplicasse n'uma segunda filha, que se chamou Olinda. Este successo, comquanto nú de poesia, não vingou resfriar a furia sonorosa de Silvestre. Os signaes tumecentes da maternidade, bem que lhe desconcertassem o ideal sylphidico em que elle trazia sempre moldurado o espirito de *Beatriz*, (dulcissimo crysma que ella recebêra no frotespicio d'um livro em 8.º) não bastaram a rastrear-lhe o pensamento ás elaborações phisiologicas por onde um puro espirito veiu a dar de si uma menina robusta. Se ha ahi almas tolerantes e magnanimas são as dos poetas!

N'esta correntesa de successos triviaes, sobreveiu uma calamidade que vae desatravancar a vinda de muitas. D. Eugenia desde muito enfermissa, peorou com symptomas de morte, e succumbiu, no inverno de 1840.

Ficou o herdeiro tranquillo quanto a medo das ameaças maternaes sobre o castigal-o, alienando os bens em vida. Franquearem-se-lhe, pois, certas passagens d'onde elle recuava atemorisado.

Entediado de modistas, dançarinas, actrizes e amazonas lembrou-se de Rosa. Notavel caso! assim que sentia a alma secca e árida, creava-lhe oasis como em deserto: era sempre Rosa. E digam lá que o pri-

meiro amor não é coisa pura e santa, embora se corrompa e perverta no seio cancerado pelas más paixões sobrevindas! Rosa era-lhe a infancia, a juventude, o affecto que elle, se o deixassem, levaria puro á sagração do altar. Rosa era o recôrdo seu e unico d'um tempo em que fôra feliz sem ser vicioso.

Volvido um mez sobre a sepultura da mãe, foi para Fafe.

Gabriella ignorava os amores do marido á costureira; que sua discreta sogra não lh'os denunciára; mas bem é de entender que o sabel-os lhe seria quase insensivel, ao terceiro anno de casada e aborrecida.

Dizia ella ás amigas que a lastimavam:

—A mim bastam-me as minhas filhinhas. São auroras do cèo que não deixam ennoitecer alma de mãe. Meu primo é mais desditoso, porque não tem estas alegrias. Deixal-o ir para onde quizer. A minha vingança ha de ser não o amarem as filhas.

E, sentada entre os berços de Itelvina e Olinda, dava uns ares de estar ali guardada por dois anjos para exemplo de esposas, excepto quando tirava da algibeira uma carta de Silverio e lia até á setima pagina, sem despegar.

Acontecia então chorarem as criancinhas, e ella... não as ouvia!

É que as harmonias das espheras lhe melodiavam nas orelhas.

CAPITULO VII

Lá vae!...

Emfim ardeu Troia.
P. Manuel Bernardes,
N. Flor, tom. 2.º, pag. 356.

O apparecimento de Caetano d'Athaide em Fafe alvoroçou Rosa, que principiava a saborear-se na indolencia da resignação. Contou elle aos cavalheiros que a saudade de sua extremosa mãe lhe volvèra odiosa a cidade, e se queria só e livre de importunos para choral-a.

João Carneiro, com os olhos marejados, abraçava-o pelos joelhos exclamando:

—Tenha paciencia com os decretos do Altissimo, fidalgo! Já não ha filhos como vossa excellencia!

O espingardeiro, favorecido pelas attenções do morgado, tambem a miudo o visitava e acompanhava nas saidas á caça. O semblante de Caetano apparentava gravidade digna da presidencia da camara, honra que elle acceitou com modestia. Portava-se irreprehensivelmente. Afóra os donativos que melhoraram as praças da villa, duas freguezias visinhas

gabaram-se de obterem de sua liberalidade torres e sinos para as mesmas. Sobre ser pontual nos actos religiosos, a sua casa era hospedaria de frei Custodio dos Anjos, o missionario de Guimarães que olhava de revez para a mulher do espingardeiro.

Os familiares do presidente da camara de Fafe eram criados de cavallariça, caçadores assoldadados, e velhas a cargo de quem corriam os ministerios da cosinha e dispensa.

D. Gabriella não ia para Fafe em rasão de ficar dirigindo a casa do Porto e a criação das meninas, explicava Caetano. Habilmente estendido o fio em que elle pozéra a mira, ninguem se admirou de vêr Francisco Roixo e sua mulher algumas vezes na casa do Outeiro.

Sabia-se que Rosa era a engommadeira do fidalgo e cuidadora de miudesas domesticas mal administradas pelas velhas. De mais a mais, a bem reputada mulher ia sempre, defendida da calumnia, com seu marido; e, em presença do fidalgo, nos seus olhos respeitadores transluzia-se a castidade do coração. Entretanto, Rosa tremia de jubilo quando o via, e quasi se magoava do aspecto glacial com que elle a consultava em negocios da governança domestica.

—Olha, Francisco—disse ella ao marido—parece-me que frei Custodio já deu volta ao miolo do fidalgo... Não se parece nada com o que era o senhor Caetaninho!...

—Pois parece-me assim muito bem—applaudia o artista.—Não demostra que tem vinte e oito annos sómente!

—Pois tem; eu sou mais nova que elle dois. que nós brincavamos em pequenos? Ai! que saudades! Que alegria a nossa! E então elle? não parava nada com o travêsso em casa! Batia nos cria-

dos, quebrava as cadeiras a fazer carroagens, e... Olha, Francisco, muitas vezes me iam chamar a mim para o accommodar; e elle, se eu lhe dizia muito carinhosa que estivesse quieto, ficava-se. E agora, não vês os modos serios d'elle comigo?

—Pois então! — explicava o marido.— Criança como criança e homem como homem. Bem vês que elle é o senhor fidalgo—continuou Francisco sorrindo sem malicia—e tu és a Rosa mulher do espingardeiro. Muito favor faz elle em nos dar attenção como á gente grande cá de Fafe...

—Mas a minha teima—tornou Rosa—é aquella tristesa do senhor Caetano! Se não foi o missionario que o poz assim, então é que não se dá bem com a mulher... E olha que não é outra coisa! A prima era muito focinhuda... Aquelle ar de soberba com que passava pelo povo!... E então feia! Vê tu se um senhor tão galante não acharia menina formosa e rica!...

—Elle que assim a quiz é porque gostou d'ella como é.

—Quem sabe? Aquillo foi casamento arranjado pela velha. Muitas vezes me disse a madrinha que vendia tudo, se o filho casasse contra vontade d'ella. Levava-se dos diabos quando eu lhe dizia que o menino podia vir a casar com senhora menos fidalga... Pois olha que não foi outra coisa, Francisco; a mãe é que lhe escolheu a lagarta da prima por ella ser do niesmo sangue e filha do visconde. Mas que elle não gosta d'ella, isso vou eu jural-o. Se gostasse, não a tinha com elle? Passam-se semanas que não se escrevem.

—E como sabes isso?!—atalhou o marido sem intenção suspeitosa.

—Sei-o pelo criado que vae ao correio levar as [illegible] d'elle. Isto de criados contam tudo.

[illegible] estes e n'outros dialogos, se a confiança de Fran-

cisco andasse precavida, a imprudente Rosa deixaria revêr despeito e interesse bastantes a denuncial-a.

Entretanto, dá que intender a sagacidade de Caetano d'Athaide na demorada paciencia com que gizava o seu plano. Pendo a crêr que o homem era mais timido que sagaz, mais acanhado que ardiloso. Receiando, talvez, a repulsão, esperava que Rosa lhe deixasse entrevêr boa saida do commettimento arriscado. Este receio desdiz da indole petulante a que elle devia celebridade e odio; mas tambem é certo que de semelhantes desconchavos ha notaveis exemplos em homens d'aquella estôfa. E, se nos ativermos a causas mais espirituaes, bem póde ser que Rosa, sem primeiro e talvez não repetido amor, lhe incutisse o susto e enleio proprios de coração que se sentia renascer, qual tinha sido, em tempos de candura e poesia em flôr—dom e graça do céo que toda a alma comparte, embora desegualmente.

Abriu-lhe um acaso a almejada occasião. Caetano, em uma de suas excursões venatorias, escorregára pelo espinhaço d'uns fraguedos, e desnocára um braço e um pé. Trouxeram-n'o em um carro para Guimarães terra mais convisinha da serra onde elle estadeava a sua matilha e os seus caçadores. Os orthopedistas detiveram-n'o quinze dias em tratamento; e, n'este decurso, o espingardeiro e sua mulher visitaram-n'o duas vezes.

Da segunda, Francisco Roixo, para que os seus patricios não reparassem, foi visitar suas irmãs e preparar o reconciliarem-se com a cunhada. Rosa ficou e mais uma criada velha na sala onde o fidalgo convalescia sentado em uma poltrona.

Caetano pediu um refresco. A senhora Domingas, dispenseira, saiu á cosinha a preparar-lh'o. Rosa ficou.

N'este em meio, Athaide, depois de a fixar alguns instantes, murmurou:

—Rosa, foste o anjo da minha infancia, foste o amor da minha mocidade, és a desesperação da minha alma, e serás a minha morte!

Não asseverâmos a originalidade da apóstrophe, nem sabemos em que mascavada traducção de romance a forrageou o sujeito; mas, visto que não pende da originalidade o abalo das almas, foi certo que a esposa do artista se levantou de golpe da affastada cadeira onde estava, e, para limpar as lagrimas que lhe innundavam os olhos, saiu a uma baranda proxima.

Caetano deu conta do lance. Vira as lagrimas. Lagrimas são todo o coração. Mulher, que chora em taes conflictos, confessa-se, abate-se e anniquila-se. Então está, na piedade ou protervia de quem a faz chorar, perdel-a ou salval-a.

Caetano adivinhou isto, que dispensa estudo e experiencia. Os homens sabem-n'o de instincto como os tigres sabem agachar-se para tentear o salto á prêa.

Estava a criada de volta. Rosa tornou á sala, com as faces amarellecidas e logo retinctas do pejo de se ali vêr tão perturbada e accusadora da sua paixão.

Folgou de ouvir os passos do marido e cobrou alento.

Referiu o artista que as irmãs o não receberam, rasão de estarem fazendo exame de consciencia para ganharem o jubileu do dia seguinte.

O fidalgo permutou um relance de olhos com Rosa e ambos sorriram illustradamente do jubileu.

Dias depois, Athaide estava restabelecido em Fafe; e a sua creada Domingas, mediante a remissão a dinheiro de um filho recrutado, aceitou gostosamente intervir nos negocios amorosos de seu amo.

Trocaram-se cartas. Rosa, respondendo á primei-

ra, tremia. A segunda escreveu-a já com socegado pulso. E, depois, certa vaidade... A mulher do operario lisongeava-se de ser tratada nas cartas do fidalgo com termos caricíaveis e ao mesmo passo respeitosos. E, lá no seu interior, dispunha ella um scenario em que o dever e coração dialogavam muito menos, conchavando-se em irem de braço dado até ás barreiras do licito. Saia-lhes a consciencia reforçada pela rasão increpando os outros personagens do apologo moral que a fantasiosa mulher compunha e recompunha com mais engenho que a madre Violante do Céo.

Em summa, Rosa fazia de conta que se entretinha sem offender o marido nem escandalisar a sociedade.

E as cartas iam-se avolumando por maneira que a mulher já tinha improvisado uma secretária e escrivaninha no forro da casa, onde se escondia a distillar no almaço a pura essencia do coração sempre queixoso, sempre amante, mas inflexivel aos dictames da deshonestidade.

Quatro mezes de resistencia dão a lembrar as virtudes gregas e romanas, bem que as historias das matronas antigas em Athenas e Roma não corram tão averiguadas como esta de Fafe.

Um dia... (chega a hora funesta: o demonio, armado de balestilha e ponteiro consegue fisgar a victima) Um dia, chega a Fafe a noticia de se estar em perigo de morte uma das irmãs do espingardeiro. Francisco Roixo, magoado fundamente por tal nova, corta por despeitos e despresos, e vae a Guimarães despedir-se da irmã. Lembrou-se de levar a esposa; mas os brios de Rosa não se dobravam a procurar quem a tinha maltratado.

O artista despediu-se commovido como se fosse para longa caminhada.

—Não sei que me adivinha o coração...—dizia elle.

—Então não vás—aconselhou a esposa tambem inquieta do que quer que fosse.

—Que hão de dizer os meus patricios, se morre minha irmã, e fica a outra sem um parente que olhe pelo enterro! Não ha remedio...

Foi.

O fidalgo recebeu d'esta ida o aviso, que Rosa lhe não deu, nem tencionava dar.

Ao outro dia escreveu Francisco á mulher, dando-lhe parte da morte da irmã, e da sua demora de dois dias em Guimarães por causa do enterro.

Na seguinte noite, por volta de onze horas, sentiu Rosa que lhe batiam de manso na porta fechada desde o lusco-fusco.

—Quem é?—fallou ella a tremer.

—Sou eu, senhora Rosinha—respondeu a criada confidente do fidalgo.—Faz favor de me dar uma palavra?

—Estará elle doente!—disse ella entre si sobresaltada.

Vestiu-se pressurosamente, e desceu com a candeia á porta. Rodou a chave, e, mal puchou a portada, vio romper de esguelha um embuçado que lhe soprou a luz. Expediu Rosa um estridulo berro a tempo que o fidalgo, estreitando-a ao seio, lhe dizia arquejante:

—Sou eu, meu querido bem, sou eu... Não grites, que nos perdemos ambos.

E a chave correu muito ás surdas movida pela mão de Caetano.

Ouvia-se o chorar offegante de Rosa. Não eram mentirosas aquellas lagrimas, porque chorava ás escuras.

Emfim, ardeu Troia, como diz o padre Manuel Bernardes em lanço da mesma naturesa.

CAPITULO VIII

Dente por dente

Per quæ peccat quis, per hæc et torquetur.
Por onde um pecca por ahi é atormentado.
Sapient, 11. 17.

Caetano d'Athaide, por este tempo, abriu uma carta de lettra desconhecida, anonyma e carimbada no Porto.

Resava assim:

«A vida bucolica é innocente; mas a cidade der-«ranca as esposas cujos maridos se ausentam por «cinco mezes, e se tornam, nas aldeias, innocentes «como os sylvanos, e castos como os satyros. Isto «não é satyra, Caetano amigo, nem madrigal. Ma-«drigaes quem os faz é teu primo Silverio; tua es-«posa é a musa, mais casta que as mythologicas, «porque li, não me lembro aonde, que as antigas «musas tiveram filhos; e, se os tiveram, dos poetas «haviam de ser fecundadas, d'Apollo, d'Orfeu, ou «d'outro qualquer Silverio d'aquelles relaxados tem

«pos, em que não havia roda. Isto não quer dizer «que tua mulher, musa decima, nos prometta para «já ninhadas de Silverios, honra do Porto; mas, se «te apraz ser pae putativo de porvindoiros bardos, «deixa-te estar em Fafe, e espera as felicitações do «teu velho camarada de mui saudosas devassidões. «Estás expiando, amigo Caetano; a minha vez ha de «vir tambem. Sem mais.»

Primeiro, a sensação foi um subir e descer de lavareda pela espinha dorsal; depois um esforço inutil sobre si para gizar vingança adquada; em seguida, a indecisão sobre qual dos dois lhe competia matar; sobre isto, o meditar nos proes e contras da publicidade; e ultimamente assentou na conveniente e madura reflexão.

A reflexão amadureceu, se não apodreceu, no dia seguinte com esta saida: «Quem me diz a mim que «esta carta é uma infamia d'algum biltre?»

E pensou em ir secretamente ao Porto e espiar as saidas da mulher e as entradas das visitas.

Aparelhava-se para o intento, quando teve carta da esposa, avisando-o de ir vel-o e passar alguns dias em Fafe. «Devoram-me saudades! (escrevia el- «la.) E tantas, meu filho, que te perdôo o desamor «e a ingratidão, descontando tudo no prazer que vou «sentir a conversar comtigo d'aquelles dias em que «te via tão amante e fagueiro a meus pés... etc.»

—Aqui ha historia!—disse-lhe a rasão lá nos escaninhos do peito—Esta carta confirma a outra...

E releu a primeira pela centesima vez, cavando muito nas palavras: *se te apraz ser pae putativo de porvindoiros bardos...*

—Se é o que eu penso, só a punhal!—exclamava elle, vibrando o braço, e esmurraçando o espaldar d'uma voltaire.

E não se lembrava do espingardeiro!...

Ora!...

E eu escrevi aquillo assim com resaibos de moral punitiva!...

Que tinha que vêr o seu desdoiro com o do artista? Então isto da distincção de raças é uma chimera? As antigas ordenações do reino são fabulas?

Da mulher do artista é que elle se lembrou como refugio consolador, seio e reclinatorio onde encostar a cabeça febril, coração onde haurir mel que lhe desacerbasse o travor da deshonra.

E o mais é que Rosa podia tanto.

Cogitou elle em fugir de Fafe e frustar os velhacos intuitos da mulher, consoante os elle maliciava.

Pois não pôde. Estava ali Rosa, acorrentando-o ás difficuldades que lhe antepunha, por cada instante em que se trocavam duas palavras.

N'estas vacillações, chegou D. Gabriella á quinta do Outeiro, com as filhinhas e sequito de criadas.

Rosa viu-a passar. Mordeu-se de rancor. Subiu á escrivaninha de entre vigas e barrotes. Escreveu seis linhas; rasgou-as; escreveu outras; deu-se tratos até achar meio de fallar á medianeira, e enviou o bilhete a Caetano. Dizia assim: «Estás como queres. «Era escusada essa nova traição. Podias acabar com «isto sem me lembrar os teus deveres. O peor foi «eu esquercer-me dos meus. Ainda bem que a rival «não me faz invejas.»

Recebeu a carta o assarapantado fidalgo, a tempo que a esposa o mandava procurar pelos criados. Antes de apparecer á prima, respondeu a Rosa, promettendo-lhe uma prova de lealdade superior da que ella podia esperar.

ntrou á presença da mulher e das filhas. Beijou ınças dos braços das aias, e recebeu o abraço ›rtado de Gabriella com o seu frio e usual nte.

Durante quatro horas, que decorreram até ser chamado para a mesa, quiz ter sempre as filhas com as amas á sua beira, e ouviu attentamente as novidades que a esposa lhe contava, e os negocios de sua casa.

Ao levantar da mesa, compareceram os cavalheiros e damas da terra a visitar a fidalga, e detiveram-se por noite fóra. Gabriella tolerava-os impacientada, por vêr que o marido se mostrava satisfeito.

Á meia noite saiu a luzida assembléa.

D. Gabriella encaminhou-se para o seu quarto, e o esposo acompanhou urbanamente as familias, dando o braço á mais edosa das senhoras.

A esposa, que devoravam saudades, adormeceu ao primeiro rasgo do sol; mas o marido, até aquella hora, não tinha voltado.

Ás nove da manhã, soube que elle tinha ido para a caça com os seus homens.

—E quando vem?—perguntou ella á dispenseira.

—Minha senhora, o fidalgo, quando leva cavallos e a canzoada, costuma andar por lá oito dias e mais.

—Que é?! pois elle, chegando eu aqui!... Isto é horroroso!—atalhou a dama transida de espanto, pallida de embaçada, e trémula de colera.—Pois elle não volta hoje?!... Mande-lhe dizer que... Espere, que eu vou escrever-lhe...

—Mas eu, fidalga, não sei onde hei de mandar a carta de vossa excellencia—observou a senhora Domingas.—Elle umas vezes vae lá por essas serras de Cordova; outras vae para Barroso, e para o Marão... Quem sabe lá onde elle está?

—Pois hei de esperal-o até elle vir! bradou Gabriella.

—Pois que ha de vossa excellencia fazer senão

esperal-o?—obtemperou ardilosamente a dispenseira—Vossa excellencia está em sua casa, e está muito bem. Quando o fidalgo vier, veiu. Os ares cá de fóra são muito bons. O que a minha senhora deve fazer é comer, beber, passear e não se affligir.

—Diga-me cá—tornou menos aspera a senhora—como se chama?

—Domingas, para a servir e amar, minha senhora.

—Diga-me cá, Domingas, o senhor Caetano tem por aqui mulheres?

—Sim, minha senhora; tem-me a mim e mais duas—respondeu a velha promptamente.

—Não pergunto isso—volveu a fidalga sorrindo interiormente ao comico do equivoco.

—Ah! não?

—Pergunto se elle tem amantes.

—Credo! amantes! um senhor tão religioso e casado...

—Meu marido religioso!—accudiu Gabriella destampando uma risada.

—Vossa excellencia ri-se? então que cuida? Pois a senhora fidalga não sabe que os missionarios, quando veem prégar a Fafe, se hospedam cá em casa?

—Não sabia!—continuou ella casquinando.—Meu marido religioso! Oh! que refinado impostor! Com que então diz-me você que elle não tem amantes, eim?

—Nem fallar n'isso é bom, minha senhora. Seu marido é uma pomba sem fel. Eu, se tivesse filhas, confiava-as d'elle como dos missionarios.

—Fazia bem!—tornou a dama soffreiando os froi-
lo riso.

ıtão vossa excellencia está muito enganada
marido que tem...—insistiu a covilheira do
.

ıtarei...—concluiu de salto a já molestada

senhora pelas sérias contrariedades que lhe frustravam o plano.

E, retirada ao seu quarto, esteve longo tempo ora pensativa, ora irrequieta, n'uns assomos e frenesis que denotavam penetrante angustia.

Passou aquelle dia vagaroso e ralador como os dias da expiação.

E o marido não veiu.

Seguiu-se outro dia mais golpeado de impaciencias.

E ao terceiro, já sobre tarde, um caçador do rancho, chegou á quinta do Outeiro, entregou uma carta e partiu.

Era de Caetano a sua mulher, n'este suave estylo:

«Quando se fartar da aldeia, queira sair para eu «entrar. Por aqui n'estes matos não ha poetas, minha «senhora. Vá para onde elles a entretenham. Depois «que sair, eu lhe participarei as minhas intenções; «mas vá sabendo desde já que vou promover o «nosso divorcio. Se quizer que eu a não publique, «aceite-o; se quizer que eu ponha nos tribunaes a «sua deshonra, não tenho mais que fazel-a compa«recer diante dos juizes e dos medicos. Decerto me «intende, que a prima Gabriella é esperta, e eu sou «menos tolo do que sua excellencia me julga. Re«metto copia d'uma carta que veiu adiante da se«nhora. Não cuide que sou eu só o sabedor das «suas gentilesas. Muito venerador de sua excellen«cia, *Caetano d'Athaide.*»

Ia-se-lhe areando o juizo á virtiginosa dama! Era para isso a lançada pungentissima! Entrou-lhe ao coração como se lá estivesse a honra da esposa calumniada. O opprobrio fazia-lhe terror tanto maior, quanto fôra grande o descuido de se vêr alguma hora descoberta. N'aquella mulher tão affligida se

estava mostrando a um tempo a fealdade do delicto e a reacção da consciencia sopesada.

O traslado da carta anonyma, em que tão sarcasticamente e em tom de escarneo era sevandijada, mais que tudo a fazia tregeitar a guinadas de raiva. A soberbia ressumava do lodo, como se angustias maiores não justificassem aquelle sossobro. A carta, a linguagem zombeteira da carta era o seu maximo supplicio.

Acalmados os nervos, forcejou em vão por obrigar o seu rico espirito a dictar-lhe uma resposta briosa e persuasiva ao marido.

Nada. O espirito não lhe dava coisa que vislumbrasse senso-commum. Remessou e retomou trez vezes a penna. A final, saiu impetuosamente do quarto, mandou buscar liteiras a Guimarães, e tanto que foi dia saiu para o Porto, com as filhas e criadas.

A senhora Domingas, assim que deixou de ouvir a guisalhada dos machos, enviou um portador á Gandarella onde o fidalgo estava, e foi ella em pessoa contar ao espingardeiro e á esposa os acontecidos casos.

—Mas por que fugiu o fidalgo de sua mulher?!—perguntava Francisco Roixo.

—Isso lá o sabe elle, senhor Francisco—respondeu a despenseira.—São segredos que só Deus sabe e mais elles. Olhe, o senhor Caetaninho não se portava assim sem grande rasão... Emfim, lá pelas cidades, senhora Rosinha, vae o demonio, segundo consta. Mulher de juizo não se topa tanto como isto uma mézinha. Por milagre apparecerá uma que iel ao seu homem. Ora quem nos diz a nós fidalgo recebeu de lá aviso de alguma doi-senhora?...

de ser...—disse Rosa, algum tanto incom-a com as moralidades de Domingas que invo-

luntariamente a molestavam, tanto mais que, no seu pensar, a fuga de Caetano era sacrificio a ella, e não castigo á deslealdade da esposa.

Horas depois, Caetano d'Athaide, por veredas transversas, entrou na sua quinta, e ouviu de Domingas os promenores da estada e saida da esposa. Alegrou-o a dispenseira contando-lhe que Rosinha, ao despedir-se, momentos antes, lhe tinha dito muito á pressa que o marido ia armar barraca na feira de S. Miguel em Basto, e queria leval-a; mas ella se fingira doente para ficar. Ajuntou a medianeira que tambem Rosa lhe disséra nunca pensou que fosse tão amada, como agora.

Estas delicias e outras não bastaram a destercerlhe a nuvem escura que, a espaços, o entristecia. A deshonra, a irrisão, a insultante piedade dos amigos, e até seu amor-proprio desairado perante Rosa, confederavam-se com a Providencia em castigo d'elle. Quem parecia mais empenhado no segredo do crime era Caetano, que nem da sua amada cumplice o confiava, sobrando-lhe para isso vagar nos quatro dias que o espingardeiro andou por fóra.

No entanto, em retorno da secreta magoa que prepriamente ao lado de Rosa lhe agorentava o prazer, uma nova lhe deu ella que bastantemente o desopprimiu e alegrou.

A ternura com que a formosa, um pouquinho coada de côres, lhe pendeu a cabeça ao seio, e entre receios e jubilos lhe segredou que desconfiava ser mãe!...

E, depois, uns computos de tempo que ambos faziam, o tom mimoso com que ella já affirmava sentir internos estremecimentos, os symptomas que lhe appareciam inequivocos! Ora digam lá que as cruzes dos máos ladrões não são ás vezes inflora-

das, de sorte que ha de a gente inexperta cuidar que toda angustia abre caminho a uma consolação!

—Mas...—murmurava Caetano d'Athaide abatido da exultação paternal—meu filho ha de ser sempre o filho do teu marido... O coração ha de estalar-me de dôr quando o vir e não podêr chamar-lhe filho. Que tortura, Rosa!... Como hei de eu dar-lhe o meu nome e posição?!

—O tempo nos dirá...—respondeu ella.—Não pensêmos n'isso que vem tão longe...

Mais desassombrado contentamento era o do artista.

As caricias que lhe elle fez, quando a esposa deu como verificadas as suas suspeitas!

Radiou o regosijo pelos parentes de Rosa. João Carneiro pulava com a sympatica doidice de velho que folga de aquecer as cans do ultimo inverno nas mãosinhas das crianças, derradeiros entes que n'este mundo affagam o ancião ao despedir-se.

CAPITULO IX

Os sicarios

Dae-me assassinos e tavernas
que eu vos darei mysterios.
LONGUS.—*Novas pastoraes (ineditas).*

Que diremos de D. Gabriella?

Casos memorandos e horrendissimos, proprios dos *Mysterios de Fafe*, mas aviltadores do seu sexo em particular e da humanidade em geral.

Silverio, tanto que a repulsa esposa chegou a casa, foi chamado com urgencia.

Era noite alta.

Estava elle no Pierio monte a metrificar furias de excruciantes ciumes. Cuidava elle que *Beatriz*, áquella hora, pousava a cabeça ideal na almofada do thalamo convisinha da lerda cabeça do marido. Nem a dura necessidade o demovia de apostrophar a forçada victima!

Exagitado pela surpresa, foi de frêcha a casa de Gabriella, e encontrou-a quebrantada e lagrimosa.

Ouviu o soluçante relatorio do caso, accudindo ás ancias da narradora com palavras e osculos mais ou menos calmantes.

—Deshonrada e perdida!—exclamava ella, inclavinhando os transparentes dedos que se envergavam do invez no distender dos braços em tragico meneio.—Elle virá dizer que não é o pae d'esta criança que vem ser o meu castigo! A sociedade vae ultrajar-me e cobrir de opprobrio o resto da minha vida. Não tenho quem me defenda nem desculpe. Meu pae, que já me escrevia, quando isto souber, não me matará porque ninguem mata um ente despresivel! Ó Silverio, Silverio! que ha de ser de mim!

E, clamando, pendia dos braços do poeta, e atirava a cabeça desgrenhada para o hombro d'elle.

—Mulher fraca!—murmurou entre brando e severo o bacharel.

—*Fraca* me chamas tu!...—accudiu ella, sacudindo da face os desfeitos caracoes.—Que hei de eu fazer?

—Reagir! Luctar peito a peito! Conspirar nas trevas! Contraminar a vereda do inimigo! Tiroteios não prestam! Querem-se explosões! Viver ou morrer!

O incisivo e pausado d'isto, era pronunciado n'uma toada cava e mysteriosa, que fazia lembrar conspiração de tragedia, quando as tempestades de lata retroam entre scenas.

Gabriella gostou do aprumo e postura de Silverio. Nunca assim o vira! Aquillo era mais que poeta de auras e rousinhoes. Estava ali, pelos modos, um homem!

—Que hei de eu fazer, filho!—volveu reanimada, tomando-lhe as mãos sobre o palpitar do seio.

—Confiar-me a tua salvação—volveu elle hirto.

—Confio; mas diz-me os teus intentos, filho!...

Olha que eu quero salvar os meus creditos... Aceito o divorcio, mas não quero a infamia. Não vês que elle ameaça de me expor ao exame de medicos? Ai! isto é pavoroso! Dá-me veneno que me faça desapparecer os vestigios do crime!... Matemos, matemos... o nosso filho!

—Isso é atroz!—sobreveio Silverio de Mendonça. —Deante d'esse crime não te parecem virtudes todos os outros? Não achas sublime affrontar o mundo com um filho nos braços? Ás mães miseraveis, que te pedem esmola, rodeadas de creanças, já perguntaste quem é o pae d'ellas? A tua piedade exige que sejam legitimos os esfarrapadinhos que te pedem pão?

—Dizes bem, Silverio—raciocinou D. Gabriella em espalmada prosa—mas eu não quero implorar a caridade publica rodeada de filhos; o que eu preciso é que meu marido não possa infamar-me, quando se divorciar. Se elle requer a separação, é necessario allegar no tribunal as rasões que tem...

—Decerto...—confirmou o bacharel, tencionando lêr o codigo na questão sujeita.

—E depois?—tornou ella impaciente—Privada do meu dote, sem pae, sem ninguem, e além de tudo... desacreditada, expulsa da minha roda... perdida!

—Mulher fraca!...—repetiu Silverio—Quem te disse a ti que não estamos no primeiro acto d'um complicado drama?

—Explica-te, por quem és!—apressou Gabriella, desadorando o phrasear amphibologico do poeta.

—Que me explique?

—Sim.

—Pois o teu sublime espirito carece de explicações?

—Dizes tu... que...

—Estamos em começo d'uma batalha *à outrance*.

Sabes tu, prima, de que é capaz o meu amor? Pensas que o coração energico do homem se affeminou nos deleites? Cuidas que esse escarneo que nos cuspiram *(apontando para o traslado da carta anonyma)* não ha de recochetear á cara d'alguem? Vê-me bem, Gabriella. A lyra na minha mão converte-se depressa em aço...

—Que queres dizer? Pois lembras-te ir pedir satisfações a Caetano? Que desvario!... Vaes pôr em maior perigo a minha honra!... Pois...

—Ainda te não disse o que hei de fazer—interrompeu Silverio.—Salvar-te, salvar-te é o que eu resolvo n'este instante, jurando-te que se te vir na outra margem d'um lago de sangue; hei de transpol-o para te arrancar ás garras da deshonra!

Alvorecia a manhã, quando Silverio de Mendonça descia de mansinho as escadas alcatifadas de D. Gabriella. Os ademanes do bacharel, capa negra rebuçando-lhe a cara até ao promontorio do nariz, chapéo derrubado, passos mesurados, olhos guinando sinistros a um lado e outro... se alguma vez a sanguinosa tragedia de 1830 rescendeu d'algum sujeito, foi d'aquelle!

É de saber que Silverio de Mendonça tinha nascido em Mondim de Basto, onde avultava o forte dos bens paternos.

A sua casa torreada era o couto dos malfeitores foragidos das auctoridades, que não ousavam pôr mão em criminoso acolhido aos penetraes do de-mbargador Mendonça. Do turbulento concelho vi-o, chamado Cerva, onde o magistrado tinha ca-, raro anno deixaram de acoitar-se em Mondim os mais distinctos facinoras, uns por que eram caseiros, outros em virtude de parentesco.

N'este anno de 1841, sabia Silverio que os seus hospedes eram quatro, pronunciados por crimes de morte. No anno antecedente, os tinha conhecido e recommendado á indifferença do administrador do concelho, seu condiscipulo e dependente da influencia politica do desembargador. Os homicidas de Cerva aguardavam tranquillamente que Silverio lhes facilitasse passagem do Porto para o Brazil. Com estes seus contubernaes se foi avistar o amante de Gabriella, dois dias depois que o vimos carregar o sobr'olho sinistro aos primeiros assomos da manhã.

Recluso com elles no seu quarto da casa solarenga de Mondim, expoz eloquentemente a necessidade de matar um devasso para salvar honra e fortuna d'uma familia. Explicou, convenientemente ao proposito, os crimes do sujeito; e, antes de concluir, já o auditorio tinha votado á morte Caetano d'Athaide, excepto um dos quatro que não respondia com egual enthusiasmo.

Concertaram a traça. Os quatros sicarios iriam por desencontrados trilhos ajuntar-se n'um barrocal de serra sobrejacente a Fafe,e ahi, conhecido o terreno, a casa do Outeiro, as evasivas dos arredores e os montados por onde Caetano usava caçar, combinariam, com insuspeito ardil, o local da emboscada.

Saiu a jolda por fóra da estrada real, cortando separada a travez dos matagaes, até grupar-se n'um espigão marcado na serra do Ladario.

Ali esperaram a noite os expedicionarios, depois que refrescaram sangue no farto merendeiro, e caminharam juntos para os suburbios de Fafe.

Um dos quatro, conhecido pelo *Trinca-figados*, escorregou da poldre na passagem d'um regato, e partiu a clavina pela coronha; outro, ao bater a espingarda contra um coelho, quebrara a espoleta.

Iam tristes do desastre.

Luiz Negro foi de aviso que voltasse um a Mondim a buscar duas armas. O sete-diabos contrariou, dizendo que em Fafe havia espingardeiro. Impugnou o Pedro das Eiras que lhes seria perigoso metterem-se em Fafe. Este sensato aviso era de um mancebo, filho de lavradores ricos, estudante de clerigo, que matára um visinho, por que o morto lhe roubára uma hora d'agua na rega de certa cortinha. Riram os outros da covarde previdencia de Pedro, e, ao proposito, disse o *Trinca-figados:*

—Amigo Pedro das Eiras, se tem mêdo, volte; nós, os trez, vamos a Fafe, vamos a Guimarães, vamos ao fim do mundo, se for preciso!

—Mas o senhor Silverio as ordens que nos deu foram outras. Mandou-nos esconder fóra da villa— replicou o das Eiras.

—As ordens que temos é aviar um homem. O resto está por nossa conta. E, em fim, se quizer, venha; senão, desande.

Os outros abundaram no alvitre do Trinca-figados, a quem entregaram a governança da empresa.

Chegaram á beira de Fafe ao anoitecer. O chefe consultou Luiz Negro e Sete-diabos sobre se deviam dormir ao relento ou na estalagem. Apoiaram o alvitre do segundo paradeiro, affirmando um e todos que não conheciam em Fafe quem os denunciasse.

Gasalharam-se na estalagem do Manuel Côrvo. N'esta casa dizia a fama em que tempos não apartados se amaltavam as alcateas de salteadores que saiam no Ladario e Falperra. O albergueiro parecia recordar-se saudoso d'esses tempos, quando viu entrar os quatro barbaçudos forasteiros de polvorinho a tiracolo e bacamarte ao hombro.

Alegrou-o aquella reminiscencia da sua mocidade, principalmente quando o Sete-diabos exclamou:

—Patrão! as duas galinhas mais gordas e o pre-

sunto mais magro, e o vinho mais velho, e a cama da palha mais nova. Quem reina é o dinheiro!

—Bons rapazes! — bradou o Côrvo.—Isto é gente de ropia! D'onde são vocemecês, ainda que eu seja confiado?

—Da Terra-quente—respondeu Trinca-figados.

—Por muitos annos e bons. Inda lá criam rapagões d'esta laia! Parece-me que estou nos meus dezoito annos!... Ó mulher—chamou elle voltado á velha companheira que atiçava a fogueira.—Com quem se te parece este moço?—e indicava Luiz Negro.

—Não me *escordo*...—disse ella, chegando-lhe a candeia ao rosto.

—Não? Vê bem, Josefa!... Não te lembra o fidalgo de Cabeceiras?

—É verdade! tem bastantes avultações do fidalgo...

—Quem diabo era esse fidalgo?—perguntou o Negro.

—Vocemecê nunca ouviu *alumiar* o senhor José Pacheco d'Andrade, filho do capitão-mór de Bastos?

—Não—respondeu o Trinca-figados, piscando o olho gazeo aos companheiros.

Manuel Côrvo, em tom de compungida lastima, contou diffusamente a historia de José Pacheco de Andrade, fidalgo de primeira plana entre os de Riba-Tamega. Os de Cerva escutavam curiosos fazendo-se de novas, bem que os casos narrados lhes fossem conhecidos pela rama. A historia resumida ao essencial conta-se em pouco.

José Pacheco—representante de Duarte Pacheco Pereira, segundo a fé irrefutavel dos codices genealogicos—capitaneára um bando de salteadores, que infestaram a serra do Ladario desde 1823 a 1832. N'este anno, como lhe morresse o pae, Serafim Pacheco, capitão-mór de Basto, o caudilho renunciou o commando e foi para Ribeira de Pena, empossar-

se no seu morgadio de Friume. O fidalgo ainda vivia no anno em que o estalajadeiro de Fafe entregava á tradição oral os fastos do seu antigo freguez e amigo. No começo, porém, do seguinte anno, José Pacheco d'Andrade morria mendigando, envolto n'um cobertor maltrapilho, sobraçando a tigella vermelha em que recebia o caldo esmolado pelos proprietarios que tinham sido seus servos, e pelas proprietarias que elle tinha dotado. [1]

Tremia o voz do Côrvo quando chegou ao termo da narrativa.

—Pois, senhores, saibam vocemecês que vindo eu de Traz-os-Montes aqui ha mezes, encontrei o fidalgo de Basto, na terra onde elle tivera uma casa com dez mulheres todas d'elle...

—Bom patusco!...—atalhou os Sete-diabos.

—Isso é que eu lhe invejo!—bradou o Negro.

—Tambem eu!—concordou os das Eiras.

—Tambem você, senhor padre Pedro?!—zombeteou o Trinca-figados.—Olha cá o clerigo não se lhe dava de ter as dez mulheres d'uma assentada, e fez caramunha por causa do outro ser ladrão de estrada!

—Então este senhor é padre?—perguntou o Côrvo.

—É.

—Ágora sou...—desmentiu o moço.

—Você já o ouvi cantar nos enterros; não me desminta que lhe faço engulir os dentes!—replicou o Sete-diabos.

—Pois sim, sou o que você quizer—condescendeu o das Eiras, tomando como começo de castigo taes camaradas, e receando alguma desfeita.

[1] Assim o conheceu o author em 1843. Não deixou descendencia que possa doer-se d'estas revelações. Tamanho desgraçado era providencialmente justo que morresse todo comsigo, na edade de 42 annos.

Cortou o estalajadeiro a altercação, concluindo a historia por dizer que matára a fome ao fidalgo, e este lhe dissera: «Lembras-te, Manuel, d'uma vez que repartimos em tua casa onze mil cruzados, e eu te dei vinte peças? Pois este pinto que hoje me dás é favor maior do que eu te fiz então.» Oh senhores, as bagadas caiam-me quatro a quatro...

—Sor Manuel! nada de bagadas! Galinhas é que nós queremos!—interrompeu o Trinca-figados, com geraes apoiados, tirante Pedro das Eiras que voltou o rosto para que lhe não vissem os olhos.

Comeram fasta fóra os trez, sem darem tento do fastio de Pedro. O ordinando minorista, recolhido em si, scismava se por aquelle caminho iria direito á encruzilhada, e ajuntaria o crime de ladrão ao de homicida.

Assim que a fome lhes deu tregoas á lingua, chacotearam a taciturnidade de Pedro, attribuindo-a a mêdo dos ladrões, por ter ouvido historias d'elles.

—Fizemos asneira em trazer cá este diabo!—segredava Luiz Côrvo ao Trinca-figados.—O melhor é tirar-lhe a arma e mandal-o á vida, que vá para Mondim.

—Isto não nos serve de nada—annuiu o outro. —Se o agarrassem, era capaz de confessar.

—Pois ámanhã que se mosque!—decidiu Trinca-figados, ouvido o parecer de Sete-diabos.

Conduzidos ao sobrado onde estavam quatro enxergões sobre bancos, o commandante eleito ordenou a Pedro que lhe entregasse a sua clavina, e assim que rompesse a manhã fosse para Mondim e dissesse ao senhor Silverio que era de mais no rancho.

Pedro não replicou: deu a arma e deitou-se.

Mas não adormeceu, em quanto os outros roncavam com a beatitude de varões adormecidos com o estomago pesado e consciencia leve.

Ante-manhã, Pedro das Eiras erguia-se com a ultima consequencia tirada dos principios sobre que, toda noite, martelou. A logica do Genuense, que apprendera em Braga, ajudou-o notavelmente a passar em claro a noite. Quaes fossem os principios, que os desvelaram, vae o leitor applaudir.

Sem espertar os companheiros, saiu pé ante pé. Encaminhou-se fóra da villa, e, chegado a uma carvalheira fechada, sumiu-se no mais sombrio, e recopilou as idéas em que assentára a sua ultima deliberação. Cogitava elle d'esta sorte: «Perdido estou, por que matei um homem n'um impeto de cólera. Deus sabe que arrependimentos e remorsos me tem custado o crime! Tenho chorado lagrimas de sangue, quando me lembra o homem morto, e vejo as creanças que elle deixou. Arde-me a alma no inferno, se vejo minha mãe, que nunca mais se levantou da cama, e meu pae que arranca os cabellos e pede a Deus que o leve. Tenho penado muito; mas a sociedade não se vinga com estas torturas. A justiça condemnou-me á pena ultima; e eu, se poder fugir á forca, não me julgo por isso menos desgraçado. Este viver é um castigo humano peor que a breve dôr da morte. O castigo divino hade ser menor, porque não ha vida mais atormentada que a minha. Ha um anno que Silverio me prometteu arranjar passagem para o Brazil. Nada me disse agora. Em vez de me alliviar da carga dos meus crimes, deu-me uma espingarda para que eu ajudasse a matar um homem que nunca me fez mal. Eis aqui a protecção dos poderosos. Fingem compadecer-se do criminoso, e recolhem-no para contarem com um assassino em caso urgente. Bem sabia elle que eu era um rapaz de familia honrada; um desventurado que em hora fatal perdeu a luz da rasão; um arrependido sincero que não devia ser egualado com os

trez scelerados, sobre quem pesam assassinos feitos por dinheiro. Pois baralhou-me com estes infames; e, se distinguiu alguem, foram elles os distinctos no bom modo com que lhes fallou. Se eu entrasse n'este segundo crime, que teria eu a ganhar com isso? Redobrados remorsos; porque nem sequer conheço o homem que me mandam matar. E, se me agarrassem n'esta occasião, que peor tormento podia eu levar á minha triste familia?... Pois não irei, não! A misericordiosa mão do Senhor tirou-me da borda d'este abysmo. Não irei; e praticarei uma boa acção, que hade pesar na balança da justiça divina, ainda que me não valha n'este mundo. Vou avisar Caetano d'Athaide. Confessar-lhe-hei as minhas infelicidades, e elle me recompensará protegendo a minha fuga para o Brazil; e, se não proteger, antes quero levar para a cadêa a consciencia d'um beneficio mal recompensado, que o encargo de duas vidas. Verdade é que eu terei de denunciar o senhor Silverio, que me recolheu debaixo das suas telhas; mas o que heide fazer é escusar-me de denunciar alguem afóra os assassinos mandados. Deus, que me impelle a este bom acto, me aconselhará o que for justo divina e humanamente. Póde ser que, evitando eu este crime, pague ao senhor Silverio os favores que recebi, livrando-o dos remorsos que me despedaçam.»

Assim cogitava Pedro das Eiras emboscado no carvalhal, quando ouviu o assobiar de caçadores e grasnada de cães na encosta visinha.

—Será elle?—pensou entre si o moço.—Silverio disse-nos que o fidalgo do Outeiro saia á caça a miudo.

Desembrenhou-se do bosque, e saiu ao caminho. Galgou uma ladeira até á lomba d'um serro, e avistou os caçadores na quebrada do monte fronteiro.

Desceu, atravessou um corrego que vertia pela garganta de duas colinas, trepou ao topo da outra,

e visinhou d'um caçador que o esperava, cuidan
que era viandante transviado.

—Guarde-o Deus!—saudou Pedro.

—Deus o guarde—respondeu o caçador.

—Faz favor de me dizer se algum dos senhor
caçadores que por aqui andam é o fidalgo do O
teiro?

—Sou eu.

—É vossa excellencia?

—Sou. Que quer o senhor! Donde vem?

—Desejo fallar com vossa excellencia, muito e
particular.

—Pois o sitio não póde ser melhor. Falle q
ninguem nos ouve. Venha cá.

E, rodeando-o um morro, levou-o a sentar-se n'u
abrigo socavado entre fragas.

Pedro das Eiras delatou a Caetano d'Athaide c
cumstanciadamente o intento dos facinoras, sem d
nunciar o mandante; mas, desde que elle profer
a palavra *Mondim*, Caetano dispensou-se, por de
cadeza, de perguntar o nome do fidalgo, que tin
em sua casa nateiro de assassinos.

Ouvida a relação, o presidente da camara de F
fe chamou um de seus criados e disse-lhe:

—Acompanha este homem a casa por entre
nhaes. A Domingas que lhe dê de almoçar e o tra
como nosso amigo. Depois, traz-me um cavallo s
lado com os coldres á bouça de Val-fundo, e out
roupa que eu mude.

dro das Eiras sentia-se bem de consciencia
alegre. Aquella palavra *amigo* soou-lhe cor
ça de absolvição. O lastimavel moço levant
s aguados ao céo, e cuidou, no intimo
gradecida, que Deus começava a compad
d'elle.

Corridas duas horas, Caetano d'Athaide passava a cavallo deante da officina do espingardeiro, e entreviu trez homens que deviam ser os enviados, segundo as informações de Pedro.

Deu de rédeas e esporas ao cavallo contra a janella do artista, e viu Rosa a dentro do mostrador á beira do marido.

Não fez reparo nos homens, e perguntou a Francisco Roixo se as espingardas reiunas estavam cortadas.

— Ainda não, fidalgo, porque vossa excellencia não as mandou aprontar com pressa — respondeu o artista, e, voltado aos outros, disse: — Aqui tem o senhor fidalgo do Outeiro por quem vocemecês perguntaram.

Os hospedes de Silverio descobriram-se e abaixaram as cabeças.

— Que me queriam? — perguntou Caetano.

— Queriamos — gaguejou o Trinca-figados — queriamos pedir a vossa excellencia licença para dar dois tiros aos coelhos nos montados do fidalgo.

— Não tenho montados. Aqui as serras não são defesas.

E, quebrando as rédeas, despediu-se de Francisco e Rosa.

— Senhor Caetaninho! — clamou a mulher do artista instantes depois saindo á rua, e correndo para elle que lhe veio ao encontro.

— Que quer, senhora Rosa? Não venha cá... Eu vou... — disse o fidalgo.

Abeirou-se ella a tremer de susto, Caetano dobrou-se sobre as clinas do cavallo e escutou:

— Acautela-te d'aquelles homens... O meu coração não sei que adivinha, Caetano... Perguntaram por ti de um modo que me...

— Não receeis, filha. Sei tudo. D'aqui a momentos estão presos. Vê se os entretens.

Rosa não estava no caso de os entreter conversando, nem via entre-aberta de communicar ao marido a recommendação do fidalgo.

A demora dos forasteiros procedia de estar o espingardeiro pondo espolêta nova em uma das clavinas.

Vejam que expeditiva mulher aquella! Como as faculdades inventivas se aguçam na forja do coração! Deu ella uma volta por onde o marido tinha a ferragem, e levou subtilmente entre dois dedos a espoleta já limada e acertada na fecharia da clavina. Suou em cata da espolêta o espingardeiro, attribuindo o sumiço a coisa do diabo. A final deliberou acertar outra, no que vieram os freguezes sem sombra de desconfiança.

Rosa, contente do ardil, saiu á porta da officina, e encostou-se á hombreira, relançando a espaços os olhos para duas clavinas que os homens tinham encostadas ao balcão.

Trinca-figados tambem enviezara os olhos a Rose, e segredou a Sete-diabos:

—Caramba! que ainda não vi cara tão bonita! E tu?

—Eu matava o diabo do marido, se lh'a podesse empalmar!

N'este comenos, vinham, rentes com as casas d'aquelle lado, quatro homens armados, e Caetano á frente d'elles.

Ao acercarem-se da officina, Rosa fez um signal affirmativo para fóra. É que o fidalgo lhe perguntára com um aceno se elles ainda estavam. Trinca-figados, que vira o signal, desconfiou que a moça estava namoriscando, e foi sevar a curiosidade, achegando-se da porta.

Ao dar de rosto nos homens armados, recuou a lançar mão da clavina, gritando:

—Estamos presos, rapazes!

Mas as duas clavinas já estavam nas mãos de Rosa, que as aferrara d'um salto e fugira com ellas para a rua.

O espingardeiro ficou despavorido, vendo a um tempo a mulher que fugia com as clavinas, homens armados que entravam, e os trez desconhecidos que se quedavam deante de quatro espingardas aperradas, e duas pistolas de alcance nas mãos do fidalgo.

—Que foi isto, mulher?—perguntava o atonito espingardeiro, quando viu ir os presos entre as armas aperradas.

—Pois não adivinhaste que estes homens vinham matar o senhor Caetaninho?

—Eu adivinhava lá isso!? E tu como adivinhaste? Tu é que o foste dizer lá fóra ao fidalgo?

—Fui; mas elle já o sabia.

—Quem t'o disse?

—Quem m'o havia de dizer? Foi o coração...

—Mas que mal fez o fidalgo a ninguem?

—É a mulher que o manda matar—accentuou ella com firmeza e segurança.

—Isso é lá possivel?!—duvidou o artista, enfiando a jaqueta.—Eu vou saber o que é...

—Deixas-me ir, Francisquinho? Vae toda a gente atraz d'elles... deixas?

—Pois vem: fechemos a porta... É verdade... dá-me d'ahi a clavina do homem, que é preciso entregal-a a elle ou á justiça... Como tu adivinhaste, mulher, é que me está dando no gôto!... Coisa assim!... Eu logo vi que a tua ida atraz do fidalgo era coisa por maior!... Não t'o perguntei por estar aqui gente, mas fiquei a malucar, que até perdi a espolêta... Vamos lá...

—Anda depressinha, anda...—instou Rosa, puchando-lhe pela lapela da jaqueta.

CAPITULO X

Serenam-se os ares

É a tempestade que passa...
A. Herculano.

Com inquebrantavel firmeza negaram os presos que Silverio de Mendonça os peitasse para matar Caetano d'Athaide.

Denunciados, porém, de réos julgados e condemnados á pena ultima, as authoridades deprecaram para Cerva, e no dia seguinte, receosas da dessegurança da cadeia, os transferiram escoltados e manietados para Guimarães. De Cerva responderam com as sentenças, e requerimento das partes e ministerio publico para removimento dos réos julgados para a Relação do Porto; e conjunctamente asseveraram que os trez homicidas e outro, por nome Pedro das Eiras, por espaço d'um anno, tinham illudido a justiça, protegidos pelo desembargador Silverio de Mendonça em sua propria casa.

Um diario politico, inimigo do desembargador, Publicou no Porto uma correspondencia de Fafe, relatando o successo, com transparentes allusões á proterva intenção e causa de tal tentativa.

Tão depressa o magistrado recebeu o diario que assim chamou o filho a severas perguntas. A vacillação das respostas contradictorias convenceu o pae do crime abominavel de Silverio.

—Dou-te uma hora para sair do Porto—ordenou o desembargador—e, se de hoje a trez dias estiveres em Portugal, o teu juiz e algoz é teu pae! Que pervertêras tua prima, desconfiava eu; mas que tentavas matar-lhe o marido, não podia se quer sonhal-o um malvado como tu! Conheces a tua situação? Logo que os teus scelerados de Cerva depozerem contra quem os mandou, o assassino és tu. Não esperes que eu saia a defender-te! O mais que posso é sustentar-te longe de Portugal. Foge quanto antes!...—terminou o velho commovido a lagrimas.

Silverio ficou transido de susto. Duas angustias dilacerantes o sossobravam: uma, era deixar Gabriella tão sem amparo e sem vingança; outra, o opprobrio do processo e o rigor da lei. Esta sobreexcedeu o supplicio da primeira. Deliberou, pois, fugir, precavendo a prima para os infortunios eminentes.

Entretanto, o desembargador Bruno de Mendonça, por medeação de personagens venerandos, insinuava aos presos energia e dinheiro afim de negarem a cumplicidade do filho, e a tentativa de morte.

Gabriella, recebido o aviso do fugitivo, espectorou em monologo contra o primo Silverio a mais rancorosa verrina que ainda soffreram poetas! Dizia ella a gritos estrangulados que o maldito começára e acabára a sua perdição. Ella, ao que parecia, não tinha culpa nenhuma!...

Que lhe chamasse infame e sanguinario, vá, que tudo cabia no bojo da sua rasão; mas até de estupido o tratou na apóstrophe! E peor ainda: «Tanto disse áquelle burro que me não compromettesse mais...» exclamava a dama! Chamar burro ao auctor de Beatriz, volume em oitavo, consagrado a ella! Esta injustiça era maior da marca!

D. Gabriella tinha muitas amigas e muitos veneradores; carecia, porém, d'uma alma indulgente e caridosa que a defendesse de si mesma. O seu primeiro e unico alvitre foi fugir para Lisboa com as filhas e soccorrer-se do general Leite que lhe fôra padrinho no casamento. Prosperou-lhe o expediente. Abandonou a casa aos criados e embarcou-se com as amas das filhas.

Inventou desventuras verosimeis, que o general ouviu piedosamente, e foi relatar a Gonçalo de Sá, improporando-lhe o desacerto de violentar um casamento cujo resultado não podia ser bom. O visconde de Rebordãos caiu em si, comiserou-se, quiz ouvir a filha, e admittiu-a á sua graça, acarinhando as netas.

Ao mesmo tempo, Caetano d'Athaide, chamado a tomar conta da sua casa no Porto, instaurou o processo de divorcio.

D. Gabriella foi citada para responder ao libello de separação por adulterio.

O visconde de Rebordãos appareceu no Porto. A presença do velho general na cidade que ainda lhe reverenciava o nome escripto com sangue em todas as trincheiras, esfriou os censores de sua filha e os amigos do esposo atraiçoado. O general dizia que viera ao Porto para ver a cara do author no tribunal. Isto era máo e aventava escandalo.

Sujeitos graves, titulares, juizes ricassos, e militares ajoujaram-se em solemne congresso no intento de accomodar Caetano d'Athaide. Para a honra d'elle

appellava a honra dos intercessores. A honra do queixoso era, n'este caso, transigir com a deshonra, salvo o direito de separar-se da mulher, não intervindo justiça. Reduziram-no sem grande lucta. O presidente da camara de Fafe levou ao heroismo a sua magnanimidade, devolvendo á esposa os dezesete contos de seu dote. Esta generosa transigencia acabou de convencer o general da pureza da filha, a favor de quem advogavam aquellas pessoas circumspectas referidas acima, allegando que Caetano de Athaide era um devasso infrene, que, no primeiro anno de esposo, se enfrascára nas torpezas do adulterio, publica e escandalosamente. Aqui vem de molde pedir ao leitor a graça de acreditar que D. Gabriella, se não tivesse pae e protector poderoso, seria repulsa ignominiosamente da estima d'aquelles sujeitos graves, titulares, juizes e ricassos, ainda mesmo que o libertino marido lhes houvesse devassado o santuario das familias pela chaminé, talvez a unica entrada devoluta para escandalos mais serôdios.

Saiu-se, portanto, ás maravilhas a senhora D. Gabriella.

Era mais uma prova que ajuntar aos milheiros das que desmonstram que a sociedade é justa.

Faltava-lhe apenas um poeta.

Vejam se em Lisboa os não teria ella em barda!

Verdade é que o general não tinha mais visitas que os seus camaradas que o iam de longe a longe visitar para se queixarem da gôta, da bala que ainda tinham na pôlpa musculosa, ou das parvoices do ministro da guerra.

Tantalo consolar-se-ia em sua sêde se visse D. Gabriella, no centro de Lisboa, ali ao pé da academia real das sciencias, que é viveiro de poetas; ao pé das secretarias d'estado que são colmeaes de poe-

tas, desde o continuo até ao ministro; ao pé do Chiado onde elles fervilhavam e coaxavam, n'aquelle tempo, como rãs em paul de estio! Ali, esbrazeada de sêde da onda cabalina, Gabriella escutava a toada das harpas, lia os poemas de Garrett, dos Castilhos, de Herculano, de Mendes Leal, de tantos, e quem sabe se ella disse lá comsigo: «E nenhum d'estes me ama! a electricidade de minha alma não vibra as cordas d'estas lyras! Eu sou a avesinha sem noivo que vê do esteril ramo estarem-se as outras afoufando os ninhos dos seus filhos.»

Quanto a esteril, não é verosimil que D. Gabriella se queixasse, nem os poetas deviam de ser arguidos, se ella rethoricamente se carpisse. Silverio não lhe consentiria o queixume.

E, a proposito de Silverio:

Tinha entrado em Hespanha pelo Val de la Mula, e passeava em Madrid, fazendo conta de ir lêr as trovas dos Abencerragens entre as ruinarias de Granada e Cordova. Depois, iria a Florença esgaravatar, debaixo d'aquelle céo, nas escurezas da *Divina Comedia*, e volveria um dia á calçada dos Clerigos, para dar ao Porto a immerecida ventura de lhe possuir os ossos.

Estes e outros projectos scientificos arguem socego de espirito. Ainda bem que a sorte lh'o deparou em beneficio da republica litteraria. Foi grande parte n'isto dizerem-lhe do Porto para Madrid que D. Gabriella estava tranquilla em casa do pae; que o processo do divorcio não progredira, e que os presos em Fafe negaram sempre as aleivosias do correspondente, o qual, chamado á policia correccional por diffamação, tinha sido condemnado no maximo da pena. A demora do poeta no estrangeiro, á vista d'isto, deviam agradecer-lh'a as lettras patrias; que as portas de Portugal eram-lhe franqueadas. Este

homem, se florecesse vinte annos depois, conseguiria, por cima de tudo, viajar com subsidio do estado, a ser o pae ministerial, como acontecia ser sempre.

Caetano d'Athaide continuava em Fafe, convictissimo de ter procedido como homem de bem, atirando ao torpe regaço da mulher o dote, e cogitando no modo legal de a defraudar da posse futura dos seus haveres—o que era impraticavel sem intervenção juridica na separação do casal. Ao mesmo tempo, intendia na louvavel tarefa de livrar Pedro das Eiras, seu commensal e amigo. Poderia, se quizesse, dar-lhe escape seguro para a America; mas o seu capricho e reconhecimento mirava a restituil-o á patria e á familia. Dispendeu-se liberalmente comprando o perdão da viuva do morto. Depois, conseguiu annullar-se desde o corpo de delicto o processo no supremo tribunal. Alugou a consciencia das testemunhas, que se contradisseram. Moveu á piedade a eloquencia do accusador publico, amaciando-a em favor do réo. Deu-lhe o mais afamado patrono. Os jurados choraram e absolveram. Pedro das Eiras caiu fulminado de felicidade nos braços de sua mãe que se levantou de golpe sobre a enxerga onde gemia como intrevecida desde que o filho fôra julgado ausente, e condemnado á forca no logar do delicto.

Sete-diabos, Luiz Negro e Trinca-figados esperavam egual sorte, segundo lhes afiançaram os secretos mensageiros de Bruno. Julgados de novo na sua comarca, foram sentenciados á morte, no seguinte anno. Luiz Negro, furioso contra a sentença, bradou que queria fazer declarações. Mandaram-no calar-se e esperar que lh'as pedissem. O juiz sabia de sobra a natureza das declarações. Nunca as trez feras tiveram ensejo de resfolegar sua raiva ao fidalgo que os desamparou.

Confirmada a pena em segunda estancia, ordenou-se-lhes a mudança para as cadeias do Porto. Então conclamaram elles que iriam assim melhor onde os podesse ouvir o pae de Silverio.

Formara-se a escolta conductora de algumas duzias de paisanos apenados no concelho, No primeiro dia de marcha, alguns da leva segredaram aos presos que, em assignalado sitio durante o jantar, lhes dariam aberta para fugir. Ora, como estes nuncios da boa nova eram caseiros de Mendonça, os presos remordiam-se de ter querido infamar o seu protector.

Chegados ao sitio do ajuste e movidos por signal sabido, os réos, por alheio ardil já desatados, despediram em desesperada fuga; mas o mesmo foi fugir que baquearem de borco atravessados de balas, sendo as primeiras a dos caseiros do magistrado.

As justiças, senão approvaram o proceder da escolta, louvaram-no secretamente.

D'est'arte se desembaraçou Bruno de Mendonça dos trez importunos inquietadores da probidade de sua familia.

A memoria do já defuncto desembargador está saboreando honrada perpetuidade.

CAPITULO XI

Se os filhos conhecem os paes

Os filhos sabem lá quem são os paes!..
A Sr.ª Domingas, *passim*.

O golpe, que escoriou muito á flor da pelle a dignidade do fidalgo fafense, saneou-lh'o o balsamo do amor de Rosa, applicado ao coração pelas mãosinhas d'uma creança.

Chamava-se Caetano o menino, porque o presidente da camara, convidado por Francisco Roixo, aceitára o compadrio sem hesitações de escrupulos. Não sei sobre o certo se Rosa lhe aconselhou o convite. Aqui não se vendem, como taes, verdades meio averiguadas. O notorio é que a celebração do baptismo tinha sido magnificente, e ao jantar da festa, em casa do padrinho, concorreram as familias mais gradas do concelho.

Contava-se que o bizarro hospedeiro, em um dos

brindes finaes, rompera n'estas vozes escandecidamente:

«... Quem sabe, senhores, se assistis hoje á festa baptismal d'uma creança que ainda póde vir a herdar a casa de Caetano d'Athaide?! Não tenho filhos nem parentes que m'a mereçam, e creio que a minha época das paixões acabou ao mesmo tempo que morreu para mim a familia. Sou só n'este mundo. Talvez que uma creança nascida ha oito dias seja d'hora ávante a minha companhia! Á saude e prosperidade do meu afilhado!»

Uns commensaes disseram que o fidalgo denotava mui sensivel alma; outros opinaram que elle tinha bebido muito *lagrima-Christi;* alguns capitularam aquillo de doidice e ignorancia do codigo, visto que a esposa tinha filhos d'elle, segundo a lei— porque a lei é quem frutifica os filhos dos paes infecundos.—O que ninguem aventou foi justamente o que o leitor segredaria ao seu visinho, se lá estivesse.

Como quer que fosse, este espiritual parentesco fortaleceu a estima e convivencia entre o artista humilde e o lhano fidalgo.

Domingas, todos os dias, vinha correndo de casa do artista com a creança muito aconchegada do rosto. A visinhança cuidava que a dispenseira do fidalgo, á mingua de occupação, se divertia com o pequenito.

Mas, apenas entrava, já Caetano lhe saia, a occultas dos outros criados, a tomar dos braços o menino, purpurejando-lhe os lyrios das facesinhas com beijos.

E, quando a creança prefazia dois mezes, o fidalgo folgava de ouvir Domingas, confrontando o afilhado com o padrinho, notar as parecenças nos

olhos, e principalmente nas fórmas afiladas dos dedos.

A historia não póde seguir o vagaroso crescer do filho de Rosa. E, se a vida e céo de Caetano é aquelle menino, por onde iremos em cata de incidentes que divirtam o leitor por longe d'um berço? Mas não vão cuidar que a formosa crysalida, donde borboleteou o alado anjo, é já desbotada imagem senão cinzas, no coração do moço que apenas contava trinta e dois annos. Não era, não, ó paraltas da caveira de Caetano! Haveis de crêl-o, Pizões do café-Martinho? Muitas vezes o filho da defuncta Eugenia d'Athaide, gothica por todos os quatro costados, se lembrou de effectuar as segundas nupcias de Rosa, se Gabriella e Francisco Roixo, por um milagre da febre amarella, se volatisassem ambos. Outra idéa menos funeral e mais exequivel o demonio lhe disparava ás vezes: vinha a ser fugirem juntos para um éden sem anjos de gladio percuciente, nem fructa prohibida, nem espingardeiros. Para o intento, lembrava-se de Paris em cujos arrabaldes verdejam e reflorecem muitos d'aquelles jardins, e por lá se multiplicam Adões e Evas vestidos, quasi ao gosto antigo, de gazes mais translucidas que a folhagem.

Este ruim pensamento ainda elle, n'um rapto de amor, o propoz a Rosa.

—Isso nunca!—repelliu a mulher do espingardeiro.—Poderia ser mais feliz ou mais infeliz... Não quero experimentar. Vamos assim vivendo, que não vá Deus castigar-nos...

A filha de João Carneiro, n'este comezinho temor divino, imitava muitas senhoras de juizo mais esclarecido, as quaes se persuadem que Deus vae transigindo com ellas até certas balisas do vicio. O perigo que as intimida está no passar a raia. Todavia,

algumas, em vez de a transpor de salto, vão tanto pelo mansinho que Deus não dá conta da transgressão. Por egual modo, a peccadora Rosa, habituada ao crime impunemente repetido, tinha para si que a fuga seria um abuso de que a Providencia lhe tomaria severas contas incluindo as culpas anteriores. Esta moral tem defensores impressos em latim, e n'outras linguas mortas e vivas.

E, de mais, o fugirem de Fafe era escandalo desnecessario. Ás difficuldades interpostas accresciam o goso de superal-as. De dia a dia, o costume e o atrevimento as adelgaçava, graças á corretagem de Domingas que se excedia a si propria engenhando pretextos que justificassem a ida de Rosa ao Outeiro. Então lhe dizia bem alto e falsamente que o fidalgo estava caçando; mas, pelo ordinario, Caetano enviava os caçadores, e escondia-se do restante dos criados.

Renovou-se, porém, a tentação da fuga ao mesmo passo que o menino e o amor paternal iam crescendo com ardor e extremos que seriam presagio de castigo, se não fossem naturaes.

Caetano queria o seu filho, avaramente seu todo, ouvir-lhe balbuciar o dulcissimo nome de pae. Digamol-o assim: confrangia-se-lhe o coração de vergonha quando a creança estendia os bracinhos ao espingardeiro, e, com os olhos cheios de riso, clamava *papá*.

—Olha o padrinho! olha o padrinho! —dizia então Rosa deixando-o pular nos braços e mostrando-lhe o fidalgo.

A creança descaia o rosto para o hombro da mãe, e ficava-se a olhar muito fita no padrinho sem abrir um sorriso.

Escurentava-se o coração de Caetano, e renascia o louco desafogo de fugir com os dois thesouros que o espingardeiro legalmente chamava seus.

—Deixa crescer o menino que elle será teu amigo —consolava Rosa, contravindo á insistencia da fuga.

—Mas porque o não é já?!—replicava o fidalgo impacientado.—Teu marido raras vezes lhe faz caricias, e a creança vae para elle; eu sempre que posso o tenho nos braços e o desfaço com mimos; e não o vês a fugir de mim?! Como se explica isto?

—É porque tem medo ao teu bigode.

—Ora, ao bigode!

—Sim, porque o arranhas com os beijos.

—Nada... aqui ha mysterio, Rosa!

—Que mysterio?

—Tens tu certesa de que elle é meu filho?

—Tanta certesa como de ser eu sua mãe.

—Jura-m'o pela vida d'elle!...

—Juro, e torno a jurar.

E repisavam n'umas contendas de Lunario perpetuo em que a astronomia mathematica decidia o pleito a favor de Rosa.

Com effeito, a creança, entre dezoito mezes e dois annos, começou a dar-se melhormente com o padrinho, captiva dos brinquedos que lhe dava com a liberdade de quebral-os e substituil-os por outros mais custosos e encantadores. Não obstante, Caetaninho entretinha-se mais contente na officina a brincar com pedacinhos de cobre e pistolas velhas que nas salas do Outeiro a rodar carrinhos de lustroso zinco tirados por cavallos brancos implumados.

Dizia entre si o fidalgo:

—Ha aqui não sei quê n'este instincto de serralheiro!

Não se imagina a tristesa d'estas e semelhantes cogitações que muitas vezes fizeram chorar Rosa. Nem elle intendia as suas torturas nem ella as suas lagrimas. Andava á volta d'ambos a providencia a tecer, por mãos da creança, o imperceptivel

favor de uns araminhos que póde ser ao futuro se vão ingrossando em varões de ferro pesados como os do carcere perpetuo.

—Eras cruel, se me tivesses enganado!—volvia Caetano.

—Em quê?—perguntava a magoada mãe.

—N'isto... —n'este amor que me traz inquieto, duvidoso, torturado.

—Mas, filho...—rogava ella com afflicção—por Deus te peço que não duvides!...

—Não me distinguir do outro!... não me querer tanto como a elle!...

—Isso é imaginação tua, Caetano!

—Pois não vês?... Olha... pergunta-lhe se quer ir ao pae ou estar com o padrinho.

Rosa perguntava, e internamente pedia a nossa Senhora (Ó Rainha dos Anjos, em que andanças te involvem!) que fizesse responder o menino á vontade do padrinho.

Mas o rapasito, ouvida a pergunta, ria-se, atirava-se ao collo da mãe, e balbuciava alegremente:

—Leva-me ao papá, ao papá!

E já tinha trez annos e meio, e as feições a moldarem-se-lhe pelo feitio das do padrinho.

Bem o tinha previsto a dispenseira.

—Eu não lh'o dizia, fidalgo?—exclamava ella agora.—Aqui tem a sua cara em ponto pequeno! Tal qual! Olhe-me esta barbinha! O nariz como se está fazendo magro e secco! O feitio da cabeça! E os olhos? isso são os de vossa excellencia como se lh'os pintassem. Nas mãos e pés não ha que fallar! Coisa assim! Deus nos livre que o mestre Francisco se lembre de alguma coisa por arte do diabo! Basta-lhe olhar para o fidalgo e para o menino!... Ou então é elle muito tapado da cabeça!

—Mas esta creança não gosta de mim!—teimava Caetano.

—E elle a dar-lhe e o demo a fugir!—replicava pela centesima vez a dispenseira.—Um menino de trez annos sabe lá o que é ser filho?...

—Devia adivinhar-me!

—Ora essa, queira-me perdoar, mas não me parece da cabeça de um senhor que teve estudos. Os filhos sabem lá quem são os paes! A gente é como os brutos. Uma vaca apartada do bezerro que botou cá fóra nunca mais o conhece; os cães e os passaros é tudo o mesmo.

—Mas nós não somos cães nem passaros, senhora Domingas—replicou o fidalgo, menos máo naturalista.—Tirante a alma baptisada, somos todos animaes—retorquiu christãmente a senhora Domingas, e reforçou a sua opinião com a seguinte historia:—Olhe, fidalgo, vou-lhe contar a minha vida. Eu tive o meu peccado. Quem os não tem?... Andava eu nos meus dezoito quando fui namorada. [1] Engeitei o filho, por que meu pae dava-me cabo do canastro, se soubesse que eu dera em droga, como lá dizem. Mas, pelo sim pelo não, puz um signal ao pescoço do rapaz, e um bilhete n'uma saquita que dizia: «este menino hade chamar-se Joaquim Domingos, e leva este saquinho com um *Agnus dei* para a todo o tempo ser entregue a quem o procurar.» Morreu meu pae d'ahi a oito annos, Deus lhe falle n'alma. Fiquei com uns campinhos que me davam carro e meio de pão. Comprei um tear, puz-me a tecedeira, arranjei a minha vida, e fui procu-

[1] *Ser namorada* equival *a ser mãe illegitima*, Phrase aldeã e minhôta que, se entrasse nos vocabularios das cidades, com a mesma significação, iria defraudar a já pobre phraseologia das donzellas e donzeis que se namoram licitamente no *Diario de Noticias* e n'outras partes.

rar o filho á roda de Guimarães. De inculcas em inculcas fui dar com elle em casa da ama que o creou nas Taipas. Puz-me a olhar para elle e elle pr'a mim. Quer que lhe diga a verdade, fidalgo? Eu cá no interior do meu peito não senti nada; e elle, pelos modos, estava na mesma. E vae eu peguei a dizer-lhe: «Joaquim, tu és meu filho, eu sou tua mãe!» E elle punha-se a cossar na grenha, e a rir-se p'ra ama, e não dizia nada. «Gostas de mim que sou tua mãe, rapaz?» gritava-lhe eu. E quer saber o que elle me disse, senhor Caetaninho? Olhou de esguelha pr'a ama, e disse: «A minha mãe é aquella.»—A tua mãe sou eu, moço!—Barregava eu com vontade de chorar por ver que os filhos não conhecem as mães que os botaram a este mundo.—Tu agora vaes comigo para Fafe. «Ágora vou—dizia elle.—Só se a minha mãe for.» E sabe vossa excellencia que mais? custou-me a tiral-o de lá; foi preciso prometter-lhe uma jaqueta de saragoça para elle vir comigo. É como é este mundo, fidalgo. A gente sabe quem é seu pae porque todos lhe dizem: «aquelle é teu pae.» Uma creancinha como esta tanto intende o que é ser pae, como primo, como avô, como Sancho, como Martinho. Não se esteja vossa excellencia a affligir lá porque o menino gosta mais do mestre Francisco. Sabe porque é? é porque dorme com elle, e lhe come no collo, e elle o traz ás carrachuchas lá pelo quintal. Deixe-o ter tino e rasão, e verá como o pequeno não lhe sáe cá de casa, e hade ter tanta amisade ao espingardeiro como á primeira camisa que vestiu. Olhe que eu tenho visto muita coisa. Ando a servir ha vinte annos, desde que n'uma doença gastei tudo o que tinha, e tenho conhecido muitos modos viventes. Se eu lhe disser que sei de quatro familias onde as creanças nenhuma é filha dos homens a que chamam paes! Sei-o como sei que te-

nho dez dedos n'estas mãos. Até lhe conheço os paes verdadeiros, e passam uns pelos outros sem se conhecerem nem darem os bons dias nem as boas noites!... Isto cá no mundo de filhos e paes é tudo uma historia. Por milagre haverá um que acerte quando chama pae a quem na real verdade é o seu pae. E olhe que isto não é d'agora... Conheço o mundo assim ha cincoenta annos que me lembro de ter uso de rasão... Emfim, deixe-me crescer o menino, que eu fico pelo resto. Dê-lhe vossa excellencia bem de comer, e vestir e calçar, que elle o conhecerá. Diz lá o ditado: *Quem dá é pae.*

Estes grosseiros argumentos, recheiados de cardões de philosophia dignos de ser esbrugados por camartello mais idoneo, ponderaram no espirito de Caetano d'Athaide. Phisiologia e methaphysica bem ao alcance do olho intellectual do fidalgo eram aquellas de Domingas; nem por aquelle tempo a villa de Fafe, com toda sua celebridade, poderia fornecer melhor tratadista d'aquellas sciencias applicadas ás idéas innatas e relativas entre filho e pae.

Consoante o vagaroso curso dos dias, assim o pequeno pouco e pouco se affeiçoava ao padrinho, dando-lhe já espontaneos beijos e pedindo á mãe que o deixasse ir para o Outeiro.

A creança trajava galantemente e revezava cada dia seu vestido de côr diversa. Os figurinos de Paris chegavam a Fafe ao mesmo tempo que a Lisboa. Todo tempo de Rosa se despendia nas louçainhas do filho, para satisfazer os caprichos do padrinho.

Francisco Roixo reprovava tanta demasia de luxo n'um rapaz, filho de pobres; e, se ao principio não ousou ir á mão do compadre, por fim pediu-lhe que se lembrasse de que o pequeno era um rapaz talhado para officio de espingardeiro ou qualquer outro.

Muito pôde comsigo o fidalgo sopezando a ira do orgulho, tão innocentemente offendido pelo artista!

Impou alguns ruins momentos dissimulados com habilidade, e tirou do peito as seguintes palavras:

—Meu compadre, é tempo de lhe dizer o que penso do futuro de meu afilhado. Se vocemecê não combinar comigo, desisto de levar ávante o meu plano; mas eu não posso recear que meu compadre se opponha á felicidade d'este menino. Faço tenção de o educar n'um collegio dos melhores do Porto ou Lisboa; depois, se elle quizer, vae formar-se a Coimbra; se quizer outra carreira, não se lhe contraria a vocação. O que eu desejo é que elle se habilite para poder viver mais descançado que vocemecê. Ser artista é honra; mas ser doutor, ou padre, ou militar, ou negociante não é deshonra. Agora vocemecê dirá o seu parecer.

Francisco Roixo quiz abraçar o compadre pelos joelhos, quando respondia muito abalado pela gratidão:

—Vossa excellencia faça de meu filho o que quizer. Entrego-lh'o com todo o prazer. Oxalá que elle seja sempre grato ao bem-fazer de seu padrinho como eu sou e serei até á morte. Eu já me lembrei de o fazer padre, se tivesse patrimonio que lhe dar. Se Deus quizer, e o meu compadre não fôr contra isso, havemos de encaminhal-o para a egreja.

—Ora!... padre!...—murmurou Rosa.

—Pois então?!—volveu o artista.

—Não gosto de padres—instou ella.—Tomei-lhes zanga desde que os missionarios azoinaram a cabeça de minha sogra. Não sei o que tenho com elles, que me incommoda só de os vêr!... E então o padre Custodio dos Anjos? Elle vae muito a casa do senhor compadre; mas, perdôe-me vossa excellencia, aquelle homem nunca o vejo que não estreme-

ça! É forte scisma! Sabe vossa excellencia o que é a gente ver um sardão de repente? Pois é como eu fico, se elle me apparece!

—É tola esta Rosa!—disse risonho o artista.

—São antipathias...—reflexionou o fidalgo.—O padre Custodio é um fanaticosito, que muita gente acceita em sua casa por medo que lhe tem ás intrigas. Contam-se por ahi desordens motivadas pelo zelo pharisaico do homem. Tambem não gosto d'elle, a fallar verdade; mas sou-lhe grato por que me appareceu em occasião de grandes angustias, e deu-me coragem. Além d'isso, eu quero ter por mim a amisade do concelho; e elle vale mais aqui do que eu para levar o povo onde lhe apraz. Já venci duas eleições contra o governo, e a elle devo a victoria. Eu, ou outro como eu, só sabemos fallar ao interesse d'esta canalha miuda; e o padre Custodio leva-a para onde quer, atando-lhe a arreata na consciencia. Aqui tem a senhora Rosinha o que abre as portas da minha casa ao padre Custodio dos Anjos.

CAPITULO XII

Tristesas comicas

C'est nous qui faisons les femmes ce'qu'elles sont; et voilà pour quoi elles ne valent rien.
MIRABEAU.

N'este anno de 1846, o bacharel Silverio de Mendonça chegou a Lisboa, determinado a residir ali como em clima natural das musas. Ingrato á cidade que lhe consummiu dez exemplares da primeira edição de BEATRIZ, o mordente poeta dizia, no Marrare das Sete portas, que as musas no Porto tinham fugido para os joanetes dos brazileiros, cuidando que as protuberancias callosas eram o seu Pindo.

Os localistas festejaram a chegada do illustre portuense que perigrinára o mais culto da Europa em cata da sciencia e do genio, e para logo se congratularam com o seu paiz por estar em via de publicação um livro de *Memorias florentinas*, no qual, sob tão modesto titulo, o doutor Silverio de Mendonça ia dizer a ultima palavra ácerca do Dante,

buscada com amoroso afan nos *selleiros* poeticos de Florença. Deu-se o caso de escrever *celleiros* com *s* o localista; e certo maganão, que transcreveu a noticia, acrescentou: «Vejam que na Florença até se encontra poesia nas officinas onde em Portugal se acham sellins. Não seria, pois, impropriedade dizer-se que os sabios enfronhados em poesia do Porto voltam dos selleiros de Florença albardados em poesia dantesca.»

Outro maganão portuense, que estanceava na capital, cintou a gazeta epigrammatica e aderessou-a pela posta interna a D. Gabriella de Sá e Athaide.

Assim chegou ao *boudoir* da fidalga a nova de estar em Lisboa o primo Silverio, depois de trez annos e oito mezes de apartamento e silencio.

Saiba-se o que tem passado no viver d'esta senhora, desde que a deixâmos de boas avenças com o pae.

O visconde de Rebordãos fallecera em principios de 1845, em sequencia d'um insulto apoplético, que o assaltou debaixo das arcadas do Terreiro do Paço, a tempo que o viram estar conversando muito agitado com um clerigo. Os symptomas da congestão cerebral eram manifestos. Intendeu-se que o velho general succumbira n'um impeto de fulminante paixão. Ninguem vingou rastrear o segredo e o clerigo.

Acertaram as conjecturas. Era padre Custodio dos Anjos o clerigo. Chamado a Lisboa como agente e cabecilha da reacção clerical nas provincias do norte, o missionario não quiz perder o lanço de admoestar e corrigir, quanto em si coubesse, os vicios da esposa do seu amigo Caetano d'Athaide.

Padre Custodio sabia as miudesas do escandalo desde a carta anonyma até á tentativa de morte contra o deshonrado marido. Sabia mais. Uma das cria-

das da defuncta D. Eugenia, despedida por D. Gabriella no acto de mudar para Lisboa, se confessára a elle em Guimarães e lhe certificára a deshonestidade de sua ama, contando-lhe pormenores do que passava em casa com o adultero.

O missionario tinha como sã doutrina violar o sigillo da confissão em beneficio das familias, quando outros recursos mais suaves falhavam ao pio proposito. Além d'isto, umas palavras lhe havia dito Caetano que muito o lastimaram:

—Veja o senhor padre Custodio como é este mundo! Minha mulher trahiu-me. O amante de minha mulher quiz matar-me. Requeri divorcio. Apresentou-se meu tio a defender a honra da filha. Ligaram-se a elle todos os homens importantes do Porto, chamando-me calumniador. Tive de desistir da acção; e, ainda por cima, a generosidade que usei de entregar-lhe o dote, foi definida como prova da innocencia de Gabriella. Veja se é possivel indireitar as torturas de tal sociedade, senhor padre Custodio!...

—Deixe estar; descance...—mitigava o missionario.—Descance, que eu ainda aqui estou. Brevemente irei á capital, e então farei o meu officio de christão e amigo. O poder de Lucifer é limitado. O caso de Berrabás repete-se todos os dias; mas alguma hora os criminosos serão os escolhidos para a morte affrontosa e os innocentes irão em paz.

Em cumprimento da qual promessa, padre Custodio dos Anjos, como andasse em Lisboa, informou-se das paragens do general visconde de Rebordãos e soube que elle era certo em determinados dias na secretaria da guerra.

Ahi o esperou e convidou a escutal-o.

Ao principio, o general apenas o attendia porque o exordio lhe pareceu choradeira de pretendente

que busca o patrocinio d'um poderoso; mas assim que o padre lhe proferiu as palavras «deshonra de sua filha» o velho encarou-o muito no rosto, puchou-o para o mais retirado da arcaria e escutou-o.

Expoz frei Custodio quanto sabia em desdoiro da esposa do ultrajado fidalgo, que se escondêra com o seu opprobrio nos pinheiraes de Fafe; e, além de offendido, calumniado de infamador da consorte, e em risco de perder a vida, porque se esquivára a tomar sobre si a responsabilidade de pae d'um filho ou filha de Silverio de Mendonça.

Pediu o general, já com os olhos encarniçados, explicação d'estas ultimas palavras. O padre deu-as pela bocca da sua confessada que o instruira do que ha mais indevassavel e recondito da recamara d'uma senhora.

O missionario ia concluir quando o general buscou amparar-se convulsamente á columna d'um arco, e resvalando dos braços do padre baqueou no lagêdo.

Correram os transeuntes a levantar o general, em quanto o sacerdote o absolvia com apostolica serenidade. O moribundo tartamudou a custo que o levassem a casa do general Leite. O concurso era numeroso quando chegou a maca. N'este conflicto padre Custodio sumiu-se por entre as camadas do povo. A maca foi parar á porta do general Leite; mas o que levaram para a sala do afflicto amigo foi o cadaver do visconde de Rebordãos.

Communicada a funebre noticia a D. Gabriella, pediu a consternada senhora o cadaver de seu pae. O general enviou-lh'o, como era de justiça, acompanhando-o com os seus camaradas.

Enterraram o bravo do Mindêlo. A imprensa enflorou-lhe a sepultura com dignissimos elogios á sua memoria; e um dos heroismos divulgados pelo ge-

neral Leite era ter elle dado a sua filha quanto possuia, que era a legitima materna zelosamente gerida; por maneira que ficára vivendo de seus ordenados, e, no acto da morte, apenas tinha de seu uns poucos de mil réis, insufficientes para o enterro, se a filha não accudisse generosamente aos gastos de um explendido funeral.

Por onde se tira a limpo que D. Gabriella, fallecido o pae, se compenetrou da magua de estar quasi pobre, sendo tão outras as esperanças de herdar do velho algumas dezenas de contos em inscripções.

Que eram dez a doze contos, resto de sua legitima, para uma senhora de grande porte e estado, com trez filhas?

Trez filhas?

O leitor conhece Itelvina e Olinda.

Ha uma terceira, chamada Herminia. É aquella, cuja paternidade, no dizer do missionario, Caetano d'Athaide declinára com justissimas causas.

Herminia, não obstante, era Athaide como suas irmãs; era filha de Caetano como ellas. Era, em fim, uma das taes gerações da lei, á mingua da fecundidade dos maridos, se não querem antes que fosse «geração espontanea» como o outro dizia, ha dias, no parlamento.

N'estes incommodos enleios de D. Gabriella occorreu a chegada a Lisboa do bacharel Silverio de Mendonça.

A mãe de Herminia, dado que nunca mais houvesse novas do seu tão amado d'algum dia, e, a fallar verdade, se não doèsse muito da falta nem da ingratidão, sobresaltou-se ao lêr a noticia da gazeta, e cuidou ser elle quem lh'a enviava, até ao ponto onde o litterato o mettia a riso com os sellins e albardas de Florença.

Epôd e rir-se aquella senhora!... Singularidades

do seu espirito viril! Ha ahi dama que tem nas visiculas secretas do peito o fel sarcastico de trez homens fataes!

—É-me necessario este sujeito—dizia ella a outro, que por nome não perca, gentil capitão de lanceiros, tão poeta como o cavallo baio em que se fazia amar, e, pelos modos, primo tambem da fidalga pelo lado da mãe, successor d'outro primo, que já tinha andado ás más com certo primo... Em fim, se a consanguinidade não fosse uma fidalga convenção, aquella senhora devia merecer como incestuosa a nossa desestima, e zanga, talvez.

A aprasimento do primo lanceiro, foi convidado o rpimo poeta a visitar sua prima Athaide.

Foi com cavalheira presteza e póde ser que ainda esporeado pelo acicate da paixão antiga, e mais naturalmente pelo desejo de conhecer o filho, ou filha.

Fosse como quer que fosse.

D. Gabriella recebeu-o ceremoniosamente com a frieza delicada de quem não póde tirar do seio impedrenido queixumes nem despeitos.

N'elle é que ainda se transluziam umas luzernas de poesia, no geito scismador com que a contemplava.

O que Silverio, porém, dizia entre si, era:

—Como ella se fez feia em cinco annos!

Isto era falso. Espantoso seria que D. Gabriella se fizesse bonita. Todos os primos a tinham achado feia, começando pelo marido; e propriamente o lanceiro, apesar de bronco, explicava a venêta de aturar a prima pela muita graça e sal da sua conversação.

D. Gabriella, depois de referir a morte de seu pae, (passando acintemente com honesto silencio por sobre os successos decorridos desde a sua fuga

do Porto) disse que não tinha recursos bastantes á decencia de sua casa e trez filhas...

—Dá-me licença que veja a ultima?...— atalhou o prefurador dos mysterios dantescos.

—Silencio! primo Silverio!—accudiu ella solemne —Entre o que somos e o que fomos está uma sepultura com um epitafio que diz: «esquecimento eterno».

E, expulsos uns suspiros que lhe embargavam a voz, proseguiu:

—Eu e minhas filhas temos direitos á parte da casa do primo Caetano. Não me separei judicialmente, nem renunciei á fortuna de minhas filhas... Preciso d'um amigo que me patrocine no Porto a acção que vou intentar. Este amigo deve ser quem me... —perdôe a referencia ao passado—deve ser quem me... desviou dos meus deveres...

—Eu...—concluiu dramaticamente Silverio.

—Se a sua dignidade não soffrer desaire...

—Serei o seu procurador, minha prima, senão ostensivamente, de maneira que se reconheça um solicitador energico. No Porto receberei as suas ordens, se m'as não quer dar hoje mesmo.

D. Gabriella levantou-se de golpe. Saiu da sala, e volveu pouco depois com uma menina de quatro annos e tantos mezes pela mão.

Acercou-se de Silverio e disse commovida:

—É esta.

O poeta abaixou-se a beijal-a. A menina fez um gesto de repulsão.

—Herminia!—admoestou a mãe —dá um beijo
te senhor.
eança offereceu-lhe o rosto constrangida.
tranha-o...—murmurou Gabriella.—Como
coisas inexplicaveis!... Eu, pensando n'este
sperava o contrario!...

—Gosta de mim, menina?—perguntou Silverio affagando-lhe as espiraes dos cabellos loiros.

Herminia abaixou os olhos, querendo retrahir-se.

—Parece odio instinctivo!—disse o bacharel a sua prima.

—Odio!... um anjo não sabe o que é odio!—defendeu Gabriella.

—Deixa-me ir ás manas, mamã?—pediu a menina.

—Vae, filha.

A creança corria a saltos.

—E é minha filha?—balbuciou o poeta.

—Não—respondeu com um triste sorriso a mãe. —Olhe que está uma sepultura entre nós... É filha de... meu marido... Chama-se Herminia *d'Athaide*...

CAPITULO XIII

Volta o missionario

Veniam ad te tanquam fur.
Virei a ti como um ladrão.
Apocalip. 16. 15.

Nublava-se o bello destino que o fidalgo imaginava preparar ao afilhado, se os jurisconsultos lhe diziam não se esquecesse de que tinha herdeiros forçados, e nenhuma doação do casal era valiosa, sem consentimento da esposa ou separação judicial de pessoas e bens. Contravinha Caetano, argumentando que devolvêra o dote a sua mulher. Refutavam-lhe a contrariedade, não o dispensando de considerar-se obrigado a tel-a em conta de metade no direito de alienar.

E justamente o que elle pretendia era vender e embolçar a futura independencia do filho de Rosa.

Com estas oppressivas cogitações coincidiu a noticia de que sua mulher requeria no Porto ser restituida á casa do marido e goso dos bens communs.

Á ira succedeu a reflexão no animo bem aconselhado de Caetano.

Antes de ser intimado, ordenou ao seu administrador que entregasse as chaves de sua casa no Porto a D. Gabriella.

O seu plano traçou-lh'o a ternura de pae. Ia sacrificar muito para constituir em solidas bases o futuro da criança.

Convidou os crédores a apresentar seus titulos. Poz em hasta publica porção de quintas equivalentes ao empenho e saldou contas sem defraudar a esposa com titulos de dividas simulados.

Em seguida, por intermedio de seus procuradores, propoz a D. Gabriella a venda dos restantes predios urbanos e rusticos, e converterem o preço em coupons do estado muito mais lucrativos que terras e casas, feita divisão egual do producto da venda.

Acceitou a esposa o alvitre com prazer. Anciavam-na desejos de ver-se em Lisboa.

As quintas annunciadas eram pretendidas á porfia.

Caetano e o procurador bastante de sua mulher contaram o melhor de oitenta contos.

Acabava de ser por mãos de sete brazileiros esphacelada uma casa principiada por um dos primeiros barões godos que desceram de Castella com o conde Henrique.

Mas entre os compradores dos bens do Minho avultava Francisco Roixo, espingardeiro, comprando a quinta de Fafe por trinta mil cruzados.

Passara assim o caso:

—Compadre—disse o fidalgo ao artista—Minha prima Gabriella imaginou que me havia de castigar com a pobreza já que eu me não deixei arcabuzar pelos seus mensageiros. Prestei-me a dar-lhe sem questão metade do que tenho, na certeza de que, negando-lh'o, a final seriam dois os prejuizos; per-

der a demanda e aggravar a perdição da minha honra, de novo arrastada pelos tribunaes. Resolvi pois vender de commum accordo com ella todas as minhas terras, e repartir em dois montes o producto: um para ella, outro para mim. Vejo ir á praça todas as propriedades que foram de meus avós maternos; mas tenho só grande pezar de vender esta quinta do Outeiro, onde estou ha seis annos affeito, e onde fiz tenção de acabar os meus dias. Ha um recurso que me permitte ficar com esta quinta, e vem a ser apresentar-se meu compadre na praça, cobrir todos os lanços dos licitantes, e arrematal-a em seu nome. Embora o mundo intenda que vocemecê me representa a mim, isso me não importa nem dezaira. O que eu pretendo é legalisar a venda por tal sorte que, ao futuro, não possam os descendentes de minha prima Gabriella pedir partilhas d'esta quinta. Vocemecê duvida fazer-me este favor?

—Senhor compadre, vossa excellencia manda este seu criado—accedeu o artista—mas por ahi vão rir-se de mim, e todos percebem a coisa.

—Que nos faz isso? A quinta fica salva...

—E, se eu morresse, e meu filho depois...

—Tomasse como sua a herança?

—Sim, senhor.

—Estava legitimamente tomada.

—Ora essa, meu compadre!... o meu rapaz feito senhor da quinta do Outeiro!...

—Compadre, repare no que lhe digo: se eu morrer sem disposições, a quinta é sua, e depois será meu afilhado. Não injurie as minhas cinzas, des-
o que eu tiver feito.
o vossa excellencia já pensa em acabar?!—
ancisco Roixo a rir.—Ha de viver muitos
da eu hei de morrer e deixal-o herdei-
quinta... É verdade, e como ha de ar-

rajar-se isto?... A comprar eu a quinta, vossa excellencia fica sendo o meu cazeiro?

—Justamente.

—E então quanto me dá por anno? Veja lá vossa excellencia; que a quinta é boa de lei e a casa é um palacio. Menos de duzentas moedas d'oiro não arrendo!...

—Ficâmos entendidos seriamente, compadre—volveu com gravidade o fidalgo.—Feita a arrematação, vocemecê apresentará o dinheiro no acto de se lavrar escriptura em que ha de ser presente D. Gabriella ou o seu procurador.

Assim se executára.

Judiciosamente antevira Francisco Roixo o espante, senão a chacota dos fafenses, logo que elle appareceu proprietario da quinta do Outeiro.

Saíram-lhe os receios a ponto, e mais do que a sua candida alma lhe prefigurára. Pessoas de dois narizes para farejar escandalos resmunearam que toda aquella tramoia escondia duas especies de fraude em que figuravam trez adulteros e um parvo. O parvo, todavia, no juizo dos praguentos, era o que estava de melhor partido, por que sem encarregar a alma, de espingardeiro que era, subia de golpe a proprietario entre os melhores do concelho.

Uma vez, appareceu padre Custodio dos Anjos em Fafe de passagem para as missões do Arco de Baulhe. Visitou algumas beatas, que o anhelavam como terra sêca as chuvas serodias de agosto, e todas lhe contaram o espantoso caso da compra da quinta, commentado pelo theor que fica dito.

Padre Custodio admoestou a linguarice das suas confessadas e intimou-as em nome de Deus a que suspendessem o seu juizo. Endireitou para o Outeiro, e rompeu d'est'arte com o fidalgo:

—Senhor Caetano d'Athaide, sem mais preambulos. O christão vae com a sarja logo ao ponto onde está o tumor. Rosnam-se por ahi coisas diabolicas de vossa excellencia. Como é isto de comprar o espingardeiro esta sua quinta?

—É uma coisa simples, senhor padre Custodio— respondeu serenamente o fidalgo.

E relatou minuciosamente o intuito da venda simulada para que sua mulher não podesse n'algum tempo ter quinhão na quinta, depois que malbaratasse a metade dos seus bens que elle lhe entregára fielmente.

—Bem: estou convencido—obtemperou o missionario—mas andou vossa excellencia de leve não buscando outra casta de gente para esse arranjo. As linguas do mundo estão sempre de fóra á caça de torpitudes como fazem os cães á pilha das moscas. Sua comadre Rosa tem muito quem a môrda, e esta coisa de vossa excellencia trazer por aqui muito estimado o pequeno, olhe que não passa em claro. Bem me canço eu em dizer o que na verdade é; mas o diabo da maledicencia póde mais que o anjo da caridade. Isto de ser comprador da quinta o espingardeiro com todas as formalidades da lei tem dois perigos: um é o de acirrar a murmuração; o outro é, dado o caso que Deus não permitta, de vossa excellencia morrer de subito, o ficar o espingardeiro com a quinta...

—E, se assim acontecesse...—accudiu Athaide —a minha vontade seria essa...

—Ahi está!... que quer vossa excellencia que diga o povo?...

—O povo? pois que diz o povo?

—Que vossa excellencia é amante de Rosa. Quer que lh'o diga mais claro?

—O povo é infame: despreso-lhe a aleivosia. A

opinião das pessoas de bem é que me dirige nos meus actos.

—Pois eu peço licença para lhe reprovar o intento de deixar esta quinta ao marido de Rosa.

—Eu não disse ao senhor padre Custodio que lh'a deixava—redarguiu quasi agastado o fidalgo.

—Bem sei; mas não se lhe dará que no caso de morte subita...

—No caso de morte subita que tenho eu depois com a quinta? Primeiro já não preciso d'ella; segundo mais quero em quanto vivo pensar que ha de possuil-a meu compadre, e não uma D. Gabriella que me deshonrou e me tem ameaçado com os tribunaes como quem diz: «dá-me o que tens, senão exponho-te á gargalhada publica.»

—Tem rasão, tem rasão...—condescendeu o padre—mas, senhor Caetano d'Athaide, não dê azo a que murmurem de vossa excellencia. Torno a dizer-lhe: esta venda simulada foi bem feita; mas queria-se outra casta de comprador insuspeito. Se o fidalgo me contasse os seus negocios, eu arranjava isto com algum dos meus irmãos, ou sobrinhos. Fazia-se uma escriptura de venda; e logo outra de divida do comprador em que a mesma quinta ficasse hypothecada ao vendedor. Sei de cambalachos d'esta natureza.

—Pouco honrados...—intremetteu Caetano com malicioso sorriso.

—É consoante—replicou o padre—Ás vezes o fim d'estes negocios é honesto e licito, nem eu entraria n'elles d'outra laia. Este seu, por exemplo, é rasoavel; o mal não está no acto está nos actores. Ninguem crê que o espingardeiro tivesse dinheiro se quer para pagar um anno da renda da quinta; e muitos acreditam que a linda Rosa—concluiu o velhaco do padre arregaçando o beiço de cima em geito de riso

—tem olhos de Dalila e as tesouras tambem. Vossa excellencia bem me entende... Sabe a historia de Sansão... Ora, pois, vou-me á minha vida... Receba-me em bem estas reflexões de amigo velho, e de padre catholico, apostolico romano. O passo errado já não tem remedio; mas porte-se vossa excellencia de maneira que feche as boccas do mundo, fechando as suas portas ás continuas visitas que lhe faz a senhora Rosinha...

—Rosa vem aqui por que é amiga da minha dispenseira: eu raras vezes a vejo—refutou Caetano, soffreando mais desabrida resposta.

—Não duvido; mas duvida o mundo. «Se o teu olho dá escandalo, arranca-o» diz o divino Mestre. Sem mais. Até outra vez, senhor Caetano d'Athaide. Perdoará a massada, e fique na graça do Senhor.

Desde esta hora, Caetano odiou o missionario, e o missionario aspou o nome do seu amigo do rol dos predestinados á vida eterna. Consideral-o em máos lençoes para entrar limpamente no céo, era quasi odial-o.

Rosa, temeu-se todavia, do aviso e per si mesma rareou as idas ao Outeiro. Esta emenda confirmava as desconfianças; que os detrahidores sabem que os innocentes lhes desprezam a vigilancia: coragem tardiamente vencedora, quando vence. Se o resguardo do crime vem extemporaneo, a detracção irrita-se contra o lôgro que intentam armar-lhe. Redobra então a vigilancia: torna-se um como ponto de honra dos publicadores d'um peccado provavel evidenciarem-no.

Houve almas caridosas que avisaram João Carneiro dos boatos correntes. O velho mandou chamar a filha e foi conversando com ella mansamente

por entre uns arvoredos até se emboscar onde ninguem o ouvisse.

Ahi, aprumou-se deante de Rosa, e rompeu abruptamente n'estas vozes:

—Rosa, a mim disseram-me que toda a gente de Fafe diz que tu és má mulher e enganas teu marido. Dizem que és amazia de meu amo.

—Meu pae!—exclamou Rosa mais irritada que humilde.

—Ainda não acabei de fallar... Eu não acredito isto; mas, se fôr verdade, heide sabêl-o, e logo que o saiba... vês esta sachola, Rosa? Com ella te vou matar onde tu estiveres. Tanto monta que estejas á beira do fidalgo como d'um pobre pedinte. Mato-te, assim me Deus salve! Por alma de tua mãe, juro que te acabo a vida! E, depois, vou onde a teu homem, e digo-lhe: «Francisco, enganei-te sem querer. Cuidei que te dava uma rapariga honrada como tu. Deshonrou-te ella? Era minha obrigação tirar-te esta vergonha de casa. Mas lá na minha casa não a queria. Matei-a. Estás vingado e mais eu. Agora as justiças que me castiguem!» Ouviste bem, Rosa?

—Ouvi...—respondeu ella dissimulando o terror do lance.—Mate-me meu pae quando tiver a certeza de que sou má; e, se quizer matar-me já—proseguiu ella chorando—olhe que me não afflige perder a vida.

—Mas que é isto?—repizou o velho tirando pelas barbas—como se levantou esta voz?

—Foi por causa da compra fingida da quinta, o pae bem o sabe. Cuidam que o fidalgo me deu a quinta, usando o disfarce de a vender a meu marido.

—Assim o parece, a fallar verdade...—murmurou João Carneiro.—Que diabo de maluqueira! Um espingardeiro a comprar trinta mil cruzados de bens!... Quem é que engole este carapetão?!

—Mas o pae não intende o que foi!...

Aqui explicou Rosa o fingimento da venda, logrando pacificar o animo do pae, por geito que ao separarem-se já o velho enxugava aos punhos da véstia lagrimas de paternal consolação.

Isto não aquietou o alvoroçado coração de Rosa. Escondia-se de todos para evitar que fallassem d'ella. Passava de rosto baixo por entre as pessoas que a miravam mal intencionadas. Chorava ás escondidas do marido e pedia a nossa Senhora que a defendesse das desgraças que lhe adivinhava o coração.

—Ha dias que não vaes ao Outeiro, Rosa! a tua amiga Domingas está de mal comtigo?—perguntou-lhe Francisco.

—Não. Ella por ahi tem vindo uma vez por outra.

—Pois eu cá a labutar no officio nem a tenho visto entrar.

—Vem pela porta do quintal.

—Que te queria teu pae hoje?

—Era para eu lhe explicar isto da compra da quinta.

—E então que diz elle?

—Nada...

—Poz-se a rir? Não que realmente—continuou o artista, depondo a obra que tinha entre mãos e quedando-se a scismar—eu fiz asneira em consentir... A mim ninguem me diz nada; mas que se riem por ahi, isso sei eu... E olha que passo as noites á véla a scismar n'isto...

—E eu tambem... e mais nunca t'o disse...

—Tambem tu? então em que scismas?

—Que se o compadre não tomasse como desfeita, o que nós deviamos fazer, Francisco, era pedir-lhe que desfizesse a escriptura e convencesse toda a gente que a quinta é d'elle e não tua.

—Pois, se o entendes assim, vou-lhe fallar, e digo-lhe que me faça a esmola de me deixar viver sem escarneo do mundo como vivi até agora. Elle hade attender-me; senão, eu vou-me ter com o tabellião e digo-lhe...

N'este comenos, entrou o fidalgo, e ouviu as razões do espingardeiro, e viu outras mais persuasivas, que eram as lagrimas de Rosa.

—Não é preciso chorar, mulher!—dizia-lhe Francisco Roixo.—Estas coisas concertaram-se ás boas e desconcertam-se do mesmo modo, se Deus quizer... Em fim, senhor compadre, não quero que se riam de mim... Se tem modo de me valer, deixe-me viver socegado no meu trabalho.

Não redarguiu Caetano d'Athaide, senão com estas palavras, apontando para o afilhado:

—E este menino?

—Não nasceu para rico—respondeu promptamente Francisco.—Basta-lhe a esmola que vossa, excellencia lhe faz de o mandar ensinar. E tamb em se lhe faltar o ensino, cá tem a arte de seu pae. Veja como elle está a limar ferros... Talvez que désse um bom espingardeiro... Queres ser doutor ou espingardeiro, Caetano?

—Espingardeiro—respondeu o pequeno enfarruscando os punhos rendados da camisa na ferrugem da fecharia abandonada.

Ao outro dia, compareceram o artista e o fidalgo a distractar a escriptura.

Quebrou a maledicencia quanto ao presente da quinta; mas cada qual resalvou o direito de pensar e dizer que o filho do espingardeiro era um milagre de parentesco espiritual por se parecer maravilhosamente com o padrinho.

CAPITULO XIV

Conversão de Domingas

Abre a consciencia ao teu confessor.
RETIRO ESPIRITUAL.

Seguiram-se annos pacificos e até felizes na cautelosa intimidade entre o fidalgo e Rosa.

Caetaninho entrou em collegio aos sete annos, e passou á universidade aos quatorze, contrariado em sua inclinação. Ainda assim luzia-lhe o estudo e vontade de satisfazer os desejos e beneficios de seu padrinho que frequentemente lhe recommendava zelo e applicação.

N'este tempo, já o conterem-se os dois amantes em discretos limites lhes era facil e natural. Rosa completára quarenta annos, e Caetano quarenta e dois. A murmuração fizera treguas com a começada velhice da mulher de Francisco Roixo, dado que da geração nova raras moças lhe não invejassem os fartos cabellos d'um loiro reluzente, as côres na-

carinas da pelle extraordinariamente lisa, e a luz morbida dos olhos. Quem lhe não soubesse os annos, dar-lhe-ia uns trinta ainda floridissimos.

O fidalgo é que anoitecera muito depressa, á proporção do muito que madrugára na libertinagem. Se lhe não restasse alguma juventude de coração, reflorida ao calor dos affectos paternaes, ser-lhe-ia apenas sensivel o existir nas dôres reumathicas, nas prostrações nervosas e ancias da dyspepsia.

Alegres horas, e luz a jorros ás escuras salas do Outeiro trazia-lh'as de Coimbra o afilhado; porém, a revezes lhe dava maguas grandes quando via o academico deter-se largas horas na officina do artista, conversando em coisas de sua arte. e entertendo o pae com amorosa pachorra.

—Em que conversas com teu... pae?—perguntou-lhe o padrinho.

—Em tudo que nos lembra, e vem de molde—respondia Caetano.

—Mas elle entende a tua linguagem?

—É que eu lhe fallo á medida da sua intelligencia, e consigo que elle me intenda. Já quiz ensinar meu pae a lêr; mas não quer. Diz que ainda não teve precisão de saber lêr, nem póde distrahir o seu tempo em coisas inuteis.

—O que eu vejo é que amas muito teu... pae!

—Muitissimo, quanto devo e posso.Lá em Coimbra todos sabem que sou filho d'um espingardeiro, já por que os fidalgotes de Fafe o contam para me humilhar, já por que eu o conto para me engrandecer.

—E vê-se que tens certa vaidade n'isso!...—volveu sorrindo contrafeito o fidalgo,

—Vaidade, não, meu padrinho; tenho o justo e decoroso amor proprio de não me envergonhar do meu nascimento. Vossa excellencia não me louva este humilde orgulho?

—Sim; é louvavel; porém, todo homem nascido em baixa condição aspira a elevar-se.

—Tambem eu, meu padrinho; mas sem abater a profissão de meu pae, nem me correr da baixa escaleira d'onde comecei a subir levantado pela mão de vossa excellencia.

—Ainda assim—tornou Caetano d'Athaide a seu pesar admirado da democracia um tanto soberba do moço—penso que tencionas, logo que a tua posição o permitta, mover teu pae a deixar o officio...

—Não, senhor. Se meu pae quizer morrer artista como viveu não o demoverei; se o vir necessitado de repousar-se, ou buscar outro modo de vida, procurarei melhorar a que tem... peorando-lh'a talvez; porque meu pae começa a padecer as tristezas do ocio assim que o tirarem da sua faina. Declaro a vossa excellencia que eu queria ser ministro de estado e ir todos os dias beijar a mão de meu pae á officina de serralheiro.

—Que utopista és, meu rapaz! Tens dezeseis annos... Vocês os estudantes de hoje são um pouco mais visionarios que os do meu tempo. Lêem muito Proudhon e Barbés e Louis Blanc. No meu tempo lia-se menos arolas e era-se rapaz mais ao natural. Tu não tocas viola, Caetano?

—Não, senhor—respondeu o moço entre serio e jovial.

—Nem cantas o fado?

—Vossa excellencia está gracejando...

—Lês democracia, e mais nada... Que te parece: a propriedade será o roubo?

—Seria necessario investigar a origem d'ella para responder. Tal proprietario haverá que seja o representante do decimo ou vigessimo ladrão que se apropriou dos bens que o neto possue.

— Está feito! ainda não és dos socialistas mais adiantados — concluiu o padrinho.

Ahi fica em amostra a linguagem doutrinal de Caetano Carneiro Roixo, conhecido em Coimbra pelo «alfageme de Fafe» em virtude de ser filho d'um armeiro.

Nos dias santificados, o academico saia a passear com o pae na villa. O espingardeiro trajava o costumado casaco azul-ferrete e aprumava-se na alta bengala de cana, empunhando-a pelo cabo de marfim com o geito de quem leva muito certas e tentes as redeas d'um potro espantadiço. O seu andar mesurado e rythmico, ao lado do filho, dava a lembrar a magestosa andadura d'um mordomo de opa na procissão do seu santo. Que jubilos reluziam nos olhos do artista! Como elle cortejava modesto e reconhecido as pessoas que lhe comprimentavam o estudante, chamando-lhe «doutor»! Se o santo homem ouvisse os chascos e insultos que se misturavam ás risadas, quando elle ia passando!...

Diziam uns aos outros:

— Aquelle sandeu não terá reparado na cara do Caetano velho e na cara do Caetano novo!...

— Olha o andar do rapaz é tal qual o do pae!

— O espingardeiro faz compaixão! Se alguem lhe dissesse que se deixasse de dar espectaculo aos domingos com o filho do compadre!...

— E olha como o pobre homem impertiga a cabeça!

— É que lhe pesa.

— A mãe do rapaz tem mais tino. Vejam se ella passeia com elle!...

— É que está no Outeiro a pôr cataplasmas de linhaça nas cruzes do compadre.

— Não está ella já tambem má cataplasma!...

— Está feito! ainda é bonita! É de rija tempera a tal Rosa! Ha vinte annos que a conheço assim.

— A fonte de *juvence* d'ella é no Outeiro.

— O marido então ganha com isso...

— É feliz; que outros perdem.

.....

Estes trechos de espirito e outros assim condimentados radiavam a flux dos freguezes do botequim de Fafe; e, revesados com a bisca sueca, aligeiravam deleitosamente as horas de alguns vadios da terra, enfronhados em fidalgarias, para os quaes a tragedia das familias vestia os guisos jograes da farça em tablado. Em povoadosinhos de tal porte, se a desgraça não tivesse uma feição ridicula, seria obrigatorio e indispensavel morrer de tedio.

Frei Custodio dos Anjos directa e indirectamente sabia d'estes remoques. Pungia-o no amargo que o rodar de bastantes annos não bastasse a pôr termo ao perrechil escandaloso que tantos peccados de lingua e pensamento desafiava. A contumaz rebeldia do fidalgo enraivecia-o; não já porque o apostolo estivesse convicto das carnalidades suspeitas; senão que a teima em manter o peccado das apparencias redundava no mesmo, quanto ao exemplo, e estimulo de murmuração.

— Um dia vae aqui tudo raso! — dizia elle a um collega do mesmo cenaculo. — Se eu subo ao pulpito, o diabo hade fugir a quatro unhas para as profundesas do inferno! A casa do Outeiro está empeccadade ha mais de cem annos. Meu bisavô e avô e pae conheceram ali fidalgas libertinas e fidalgos desavergonhados! É necessario esconjurar o diabo para fora d'aquella casa! Armemo-nos de valor e bravura postolica, padre Thimotheo!

O missionario comeu duas cavacas sopeteadas em vinho velho proseguiu:

—Faz-se mister missão e penitencia grande em Fafe, onde ha mais malhados e mais vicios que no resto da comarca. Trovejar, padre, trovejar do pulpito abaixo sobre esta Gomôrra! Se preciso for apontar as pedras do escandalo, apontem-se! Creamos inimigos? não importa! O nosso dever é affrontal-os com o sereno rosto dos Paulos e dos Chrissostomos. Que póde acontecer? alguma bordoada d'estes impios? Embora. Prestes e armado estou para o martyrio!...

E, n'este preparar-se para o martyrio, chuchurreou o «porto» adocicado pelo assucar das cavacas.

Depois é que a eloquencia borbotou a golfos que trescalavam a piedade e vinho, concluindo novamente o padre que se fazia mister missão rija em Fafe, e morrer, se necessario fosse, entre aquelles pagãos, que tinham levado á terra abençoada d'outra hora o pestifero atheismo do Porto, em cuja defesa se tinham pactuado com o demonio os Ferreiras de Mello, os Vieiras de Castro, os Lobos, e outros malhados d'esta casta!

— Apoiado! — bradou padre Thimotheo cevando os copos com segunda garrafa de 1825.

Como quer que fosse, este plano da missão rija em Fafe encontrou estorvos grandes, influenciados pelo presidente do municipio, atravez de trez annos, durante os quaes padre Custodio dos Anjos não entrou á casa do Outeiro nem de longe a viu que a não amaldiçoasse, resmungando textos de nosso Senhor Jesus Christo.

Duas ou trez vezes o missionario encontrára a dispenseira Domingas, sua antiga confessada, e lhe dissera:

—Mulher! cuida da tua alma que a justiça do céo está a cair sobre a casa de teu amo!

—Então meu amo que mal faz, senhor padr Custodio?—perguntava Domingas mais abalada c que parecia.

—Já te disse, mulher; cuida da tua alma; olh que debaixo do telhado do peccador a espada d divina vingança corta a esmo.

—A velha, ao principio, foi referir a passagem ao amo.

Riu-se o fidalgo e limitou-se a dizer que padre Custodio era uma cavalgadura. Depois, á segunda admoestação, Domingas ficou tanto ou quê scismatica, e deu em se não deitar sem correr as suas contas desde muito esquecidas e empoadas na espalda do catre.

Começou a velha a dormir sobresaltada, a sonhar ruins sonhos, e a ler «Os gritos das almas no fogo do purgatorio» obra que comprou depois que teve e engeitou o quinto filho, e do qual livro tinha tirado boas trinta paginas para nagalhos dos novellos. Agora já se lastimava de estar reduzida a duzentas e tantas folhas de gritos das almas, que li: compungida a termos de lhe escorregarem as can galhas pelo suor afflictivo do nariz.

CAPITULO XV

Ultima missão de padre Custodio

Andavam-lhe os anjos tecendo a corôa do martyrio.
VIDA DE S. JOÃO CARDIM.

Corria o anno de 1858.

Caetano Carneiro Roixo frequentava o quarto anno juridico.

O fidalgo do Outeiro, contrariado pela influencia civica de padre Custodio, perdeu n'aquelle anno as eleições municipaes.

A nova camara propendia á politica reaccionaria, graças ao clero, que saíra a terreiro acaudilhado pelo logar-tenente de Roma nas provincias do norte de Portugal.

Removidos os obstaculos á missão, annunciou-se a chegada de quatro missionarios para o pulpito e doze coadjutores para o confessionario. Dois dos prégadores floreciam no viço da juventude e nos pregões da fama, que os precedêra, contando maravilhas de sua conversão e sêde de martyrio, bem que elles procurassem o cutello e fogo entre Gui-

marães e Fafe, desde a Gandarella até Cabeceiras de Basto.

Rompeu o apostolado o mais velho e venerando. Subiu padre Custodio ao pulpito com ademanes de triumphador, e rompeu n'estas vozes: «Tenho o es-«pirito infernal debaixo dos pés! Venci as legiões te-«nebrosas do bárathro profundo! Os impios foram «esmagados! Catholicos, cantemos *Hossanas!* Aqui «estou na cadeira da verdade, onde não chega a «pestilencia dos impios, *pestilentia impiorum!* D'este «pulpito me expulsaram os atheus, os corruptos, os «adulteros, os escandalosos. Aqui estou! Tremei, «sacrilegos, que Satanaz, vosso apaniguado está de-«baixo de meus pés, calcado como o leão e o dra-«gão. *Conculcabis leonem et draconem.*»

E proseguiu á proporção de exordio, quanto á substancia, e muito outro na linguagem. O exordio era presente litterario de um dos novatos no apostolado, que se dizia jesuita. Se tal entrada fosse apresentada como exame oratorio aos jesuitas Gonçalo da Silveira, Francisco de Sousa e Antonio Vieira, o examinando seria expulso da Companhia de Jesus como parvo.

A narrativa, toda da lavra de frei Custodio, era uma virolenta apostrophe ás adulteras e aos fidalgos devassos, lardeada de circumstancias que faziam relevar de salto as pessoas de Rosa e Caetano d'Athaide. Como entremeio e descanço da objurgatoria, o orador contava episodios infernaes, esmiuçando os supplicios reservados á esposa infiel e ao adultero já despojado do favor mundano, e respeito com que lhe foi acatado n'este mundo o nascimento e o oiro. Allusão ferina e certeira que punha a vulto o fidalgo de Fafe.

Nem elle, nem Rosa, nem o espingardeiro estavam no templo de Deus misericordioso. Quem lá es-

tava retrahida e trespassada a um canto era Domingas, cujos gemidos, a espaços, chamavam a attenção das visinhas, que se entrebeliscavam, segredando:

—Olha ella como está atrigada!... Bem na leva os diabos com medo de ir parar no inferno a mais o amo!...

— Anjo bento!— dizia outra benzendo-se, e acrescentava.— É bem feito; que ella encheu-se com as alcovitices do amo, e dizia que a Rosa espingardeira era muito honrada...

Olha se ella cá está a mais o amante!

—Nem o deslavado do marido.

—Podéra!... bem se fiam elles no que diz o santinho! Aquillo já estão todos no inferno vestidos e calçados.

— Olha, olha, o que elle diz...—acotovellava a mais attentiva das quatro beatas visinhas de Domingas.

É que padre Custodio, já no epilogo, ululava d'este feitio:

«Senhor Deus de Sodoma e Gomôrra! Abaixae «um anjo com espada de fogo! Cortae, cortae por «estes membros corrompidos que empeçonham o «ar de vossa santa egreja! Dae um terrivel e salutar «exemplo, fulminando com a vossa divina colera as «adulteras, e os adulteros, e todos aquelles que os «protegem e auxiliam. Fulminae-os todos, Senhor! (Aqui Domingas regougou um gemido rouco e encavernado.) «Que os alçapões do inferno se abram «debaixo d'elles, e as lavaredas saiam a involvel-os «no seu eterno brazido. Que os dragões e basilis«cos os devorem para os devorarem outra vez re«nascidos. Este exemplo é preciso, Deus todo po«deroso! porque esta terra de Fafe está cheia de «perversidade. Os grandes dão o exemplo do cri«me; os pequenos vendem-se ao oiro dos grandes; «umas baixas pessoas folgam de ser recebidas nos

«palacetes dos fidalgos; e envelhecem impenitentes «sem temor da morte nem de vós, meu Jesus, meu «Pae justiceiro. Vingae os innocentes, Senhor; que «ainda os ha n'esta terra; adverti os que ainda não «peccaram, castigando os peccadores. Ao inferno, «ás penas eternas com elles... Ah! não! Ainda é «tempo de salvar estas almas! Tocae-as com a va«rinha da vossa misericordia, para que ellas se ajoe«lhem aos pés dos vossos sacerdotes, e se confes«sem e lavem as nodoas em lagrimas de sangue. «Tende mão, Deus do céo! não se abram ainda as «gargantas dos infernaes dragões. Suppliquemos to«dos, christãos, todos n'uma voz: Meu Deus! Meu «Deus! (E o povo urrava com o padre) «Meu pae! «perdoae-lhes, pelas vossas chagas, pela vossa cruz, «pela vossa infinita misericordia.»

E, terminando, cada pessoa dava trez leves bofetadas na propria cara.

O missionario ensopava de suor o lenço vermelho do tabaco. O mulherigo soluçava uns crebros gemidos, empurrando-se com ares colericos, por não poderem todos chegar com a cara ao pavimento. N'isto, levantou o apostolo a cabeça, bateu as palmas, e arrancou do peito umas coplas cantadas que principiavam:

Muito lindo é o céo... etc.

As quaes trovas eram repetidas pelo auditorio com desabrida toada.

Findo isto, principiaram os ceareiros do céo a ceifar messes no confessionario.

Saiu então Domingas da egreja com os olhos marejados e a cara quasi abafada nas bandas do capote.

Entrou em casa, foi direita onde o fidalgo esperava impaciente o almoço, e ia fallar, quando Caetano lhe bradou:

— Quando voltar á missão, entregue as chaves da

dispensa a outra criada. Estou sem almoçar á espera que vocemecê se fartasse de ouvir parvoices!

—Credo!—atalhou Domingas—não falle assim, fidalgo, que a palavra de Deus não são parvoices...

—Ah! você vem ensinar-me religião?

—Não, meu senhor; mas acho que...

—Que são horas de almoçar. Vá dar as ordens á cosinha.

—Hoje ainda as dou, fidalgo; mas ámanhã, se Deus quizer, vou para a minha cabana tratar da minha peccadora alma que é tempo, e mais que tempo.

—Então!—accudiu Caetano com assombro—A senhora Domingas quer deixar-me?!

—Que remedio!... antes que a vida me deixe... Tenho já setenta e seis annos...

—Mas vocemecê não póde tratar da sua salvação n'esta casa?

—Não, meu senhor. Tenho de fazer confissão geral, e isso leva tempo e quer vagar.

—Querem ver que anda aqui a besta féra do padre Custodio!

—Santo nome de Jesus! que nomes vossa excellencia chama ao missionario!...

—Ó mulher! você endoideceu! Que diabo lhe disse esse homem?!

—Nada, senhor Caetano... As penas do inferno...—murmurou ella abstrahida.

—Tenha juizo, Domingas! Não se deixe enganar d'estes velhacos! Coma e beba e morra descançada, que o maior inferno é o que esses tratantes ajuntam ás desgraças d'esta vida, acrescentando á miseria da gente ignorante o terror dos castigos, que desmentem a justiça e caridade de Deus. Pois uma criada de vinte e dois annos n'esta casa hade deixar-me por medo das penas do inferno!? Nem que o inferno estivesse em minha casa, senhora Domingas!

— O que eu queria, meu senhor, era que vossa excellencia ouvisse o missionario.

— P'ra quê?

— A ver se... emfim... perdoe-me por quem é... a ver se a sua alminha se indireitava...

— Ora olhe, Domingas — volveu o fidalgo ridentissimo — veja se me indireita o estomago que está retorcido com fome, e depois fallaremos no mais suave meio de indireitar a alma.

Foi Domingas á cosinha, deu as ordens com o rosario pendente no pulso, e mandou um criado á egreja com um cantaro de agua e recado ao senhor padre Custodio se fazia favor de lh'a benzer.

Estava Caetano almoçando, ao mesmo tempo que Domingas com a mão cheia de ramos de alecrim andava pela casa espargindo grandes hyssopadas de agua benta. Nem o fidalgo escapou áquella burziguiada de chuva reparadora. Ria-se o incredulo com as mãos nas ilhargas, e exclamava:

— Indoudeceram a pobre mulher! É capaz de me constipar com os borrifos o diacho da Domingas!... Valha-te Deus, mulher!...

Largou Domingas o ramalho ensopado, e disse mui gravemente:

— Fidalgo, eu heide ir-me hoje embora.

— Não vae.

— Vossa excellencia não me tolha a minha salvação, que eu tenho sido grande peccadora. Quero fazer penitencia.

— Pois faça penitencia cá em casa. Que quer você? cilicios? ahi estão cordas e pontas de prego. Quer jejuar? Não coma. Quer resar muito? Rése o que quizer, que eu não a chamo para nada. Então para que hade sair?

— Para me salvar... que esta casa está em pec-

cado. Se vossa excellencia me quer de portas a dentro, faça tambem confissão geral. Olhe que ha céo e inferno, senhor Caetano; e vossa excellencia bem sabe que tem sido mui grande peccador... e eu tambem.

E aqui foi o prorompер a velha em alto choro, com as duas faces apanhadas entre as mãos convulsas.

Caetano d'Athaide cruzou os braços deante d'aquelle espectaculo surprehendente, e pensou com profundo rancor em padre Custodio, reconhecendo-se sem forças para demover a sua criada por quem elle sentia entranhado affecto. Mandou Caetano pedir a Rosa em um bilhete que viesse ajudal-o a curar a subita mania de Domingas. A esposa do espingardeiro appareceu logo; mas a velha, assim que a entreviu, escamugiu-se para o seu quarto e fechou-se por dentro. Debalde a interventora a chamou e lhe pediu que abrisse a porta. O mais que obteve foi dizer-lhe Domingas lá de dentro:

— Senhora Rosinha, trate da salvação de sua alma e peça ao fidalgo que não morra em peccado mortal.

Frustadas todas as diligencias, Caetano d'Athaide pagou generosamente os serviços de sua criada, e, com os olhos aguados, a viu sair sem mostrar-se sequer pesarosa de deixar o amo de vinte e dois annos.

N'este mesmo dia, Domingas procurou o missionario, e disse-lhe:

— Senhor padre Custodio venho pedir-lhe que me ouça de confissão geral.

— Estás em casa do Caetano?

— Não, senhor; já me despedi.

— Fizeste bem; estou prompto a ouvir-te, minha filha. Faz o teu exame de consciencia, e, assim que estiveres bem apparelhada para o Sacramento, avisa-me.

Volvidos alguns dias de jejuns e vigilias n'um casebre, que a contricta havia comprado á beira

de Fafe, começou Domingas a confissão geral vertendo rios de lagrimas.

Por espaço d'uma semana a deteve o ministro a seus pés, a rasão de trez horas por dia.

Ao fim d'aquelle tempo, Domingas amarellira-se como um cadaver. Trespassavam-na uns estranhos calefrios, e taes que julgal-a-ieis continuamente despavorida ante um espectro inexoravel. Punha as mãos no escuro do seu albergue, e caía de rosto á terra, debilitada pela falta de alimento. Chamava a gritos pela misericordia divina, e a espaços lhe saiam á garganta uns frouxos de sangue que lhe estrangulavam os clamores. Arrastava-se á egreja para se reconciliar e commungar. Chorava alto assim que a hostia alvejava nos dedos de padre Custodio. Caía depois de bôrco, extenuada pela violenta postura em joelhos. Desmaiava-se de fome em agonias dilacerantes, e resurgia de novo a reatar as ancias infernaes que o padre indigitava aos fieis como amostras precursoras da predestinação.

—É a maior victoria que eu tenho alcançado do diabo!—exclamava elle, apontando Domingas que tiritava de frio n'um recanto da egreja.

As visinhas do cardenho espalharam que Domingas estava doente, sem ter quem lhe chegasse uma sêde d'agua, porque só admittia os missionarios em sua casa. Outros contavam que ella déra muito dinheiro, que tinha, a padre Custodio, parte para quatrocentas missas, e outra parte para se fazer uma grande festa de triumpho, concluida a missão em Fafe.

Rosa, compadecida d'esta solidão, animou-se a procural-a levando-lhe seis galinhas e outros alimentos, com uma mulher que lh'os cozinhasse.

Entrou inesperadamente, quando o missionario estava á cabeceira da enferma.

Domingas, tanto que a viu, gritou:

—Ai! Jesus!

O missionario levantou-se, estendeu o braço contra Rosa, e apontando para a porta, bradou:

—Sae, peccadora impenitente! Não venhas perturbar a morte do justo!

Rosa retrocedeu, e ainda balbuciou de fóra do penetral da porta:

—Eu trazia-lhe estas galinhas, senhora Domingas.

—Não as quero, não as quero!—exclamou em frenesis a enferma.

—Vae tu comel-as mulher regalona!—rebramiu o padre.—O alimento d'esta santa, que tu ias levando comtigo ao inferno, é o pão dos anjos.

Rosa retirou-se corrida do auditorio que não era pequeno na testeira da cabana.

Foi para casa em tremuras, e escreveu estas duas linhas a Caetano:

«Estou afflicta. Venho de Domingas. Tenho a certesa de que ella contou a nossa vida ao padre «Custodio. Será elle capaz de me denunciar a meu «marido? Oh meu Deus, em que edade eu vou sof«frer as mais horriveis vergonhas!... Que heide eu «fazer, meu amigo?...

Caetano d'Athaide, lido o bilhete, atravessava atribulado os salões, quando lhe deram a nova de que Domingas expirara n'um accesso de delirio com medonhos tregeitos, pouco depois que Rosa saira.

Acrescentou o noticiador que ella proferira abraçada a padre Custodio, estas derradeiras palavras com muita ancia: «Não conte o que eu lhe disse, pelas cinco chagas de Christo, que tenho muita pena d'ella.»

N'este trance, entrou um escudeiro a participar ao fidalgo que tinha chegado Pedro das Eiras.

CAPITULO XVI

Vae-se o missionario

A morte da apoplexia confunde-se com a esganação.
HYPPOCRAT. *(Aphor. inéd.)*

O proprietario de Cerva, todos os annos, descia a visitar o seu salvador, e passava alguns dias no Outeiro, onde era recebido á mesa de Caetano e tratado a todo o primor de velho amigo.

Carecido de peito onde expandir-se, o consternado Athaide lançou-se aos braços de Pedro.

—Vossa excellencia a chorar?!—clamou o hospede.—Que é isto?

Caetano referiu successos já conhecidos do lavrador, e os outros occorridos com Domingas até áquelle instante. Da mortificação do fidalgo ressaia principalmente o receio de que o infame padre, levado de velho odio, accusasse Rosa ao marido.

—Mas o sigillo da confissão é sagrado!... —accudiu o lavrador recordado das suas antigas theologias.

—Não ha nada sagrado para taes sacrilegos, se-

nhor Pedro! Este homem vae cobrir de opprobrio meu filho, vae matar o desgraçado marido de Rosa, vae apunhalar com desdoiro a pobre mulher aos cincoenta annos de edade. Olhe que atroz situação a de duas familias!

Pedro das Eiras recurvou os dez dedos nos espessos cabellos, e se esteve assim alguns minutos absorvido. Depois, emergindo impetuosamente, bradou:

—Eu quero evitar a denuncia, seja como fôr! Vê algum meio suave de remediar isto!

—Já me lembrou procural-o e ameaçal-o de morte; mas, se o faço elle gritará do pulpito contra mim.

—Então... é asneira ameaçal-o de morte; o melhor é... matal-o logo!

—Pedro...—atalhou o fidalgo—parece-me..,

—De mais?

—Sim.

—Então escolha o menos.

—Não sei...; mas...

—Quer-me deixar zelar o seu socego como vossa excellencia zelou a minha liberdade?

—Já me salvou a vida; agora quer salvar-me o que eu prezo mais que a vida... o meu filho?... o goso de meu filho?...—exclamou nos braços de Pedro o fidalgo.

—Senhor Caetano d'Athaide! vá hoje para fóra d'aqui. Vá para o Porto, ou Lisboa, ou Coimbra; mas saia hoje mesmo de Fafe. Não lhe posso dar o traçado do meu plano: baste-lhe saber que nenhum perigo hade impedir-me de o salvar ou vingar.

—Mas não se arrisque, meu amigo!—exclamou Caetano a chorar como creança timida que se acon-chega da protecção de um homem.—Choro por meu filho; choro com saudades do mundo em que o deixo; por que morrerei, se o padre me denunciar...

—Morrer, não, fidalgo!—interrompeu o das Eiras.—De eguaes torturas tenho visto sair muita gente com vida e vigor para outras maiores. Se o padre avisar o espingardeiro, que resulta d'ahi? A sorte de muitos maridos na mesma condição... Verá que elle não morre...

—E o meu filho?!—atalhou Caetano ancioso.

—O filho de vossa excellencia sentirá a deshonra da mãe; mas hade seguir o norte para onde o marear o coração.

—Irá para o espingardeiro, por que o preza extremamente.

— E se o espingardeiro lhe disser: «Tu não és meu filho!?»

Ficou enleiado e suspenso o interlocutor por alguns segundos, e repetiu:

—É verdade... se elle lhe disser: «Tu não és meu filho?»

— Sim...

— «Teu pae é Caetano d'Athaide...» —continuou o fidalgo a hypothese.

—Justamente...

—Virá lançar-se nos meus braços?

—Quem o duvida?

—Não virá, não!—bradou com vehemencia Caetano.—Não vem, não, senhor Pedro! Juro-lhe que não vem! Conheço-lhe o orgulho, a honra levada a um extremo tão singular que algumas vezes cuidei lêr-lhe nos olhos um desamor, uma repugnancia...

—Isso é impossivel! Bastava o sentimento da gratidão...

—E, quando assim fosse...—tornou Athaide—a pobre mãe!... aquella tão nobre alma do marido... Este fundo affecto que tenho áquelle infeliz, affecto que eu considero um supplicio!... Oh! santo Deus! que é isto da alma do homem? Como heide eu en-

tender esta confusa desordem de affectos e remorsos que me espedaçam!...

—Socegue...—sobreveio o hospede.—Vá dar um passeio de trez dias onde lhe approuver, e saia bem publicamente para que o vejam todos ausentar-se. Se o padre o denuncia, é bom que vossa excellencia não esteja em Fafe; se a denuncia não se faz...

—É verdade...—exclamou Caetano aferrando-se á conjectura que momentos antes lhe parecera irrealisavel.—Póde ser que o missionario não pratique a infamia...

—Em todo caso, retire-se vossa excellencia, que eu o irei avisando das occorrencias. Fico seu hospede em quanto for necessario; mas, se na volta me não encontrar, peço-lhe que me não escreva. Espere que eu volte. Adeus. Está a tocar ao terço. Deixe-me ir conhecer o padre Custodio dos Anjos.

A multidão saia da egreja, quando o fidalgo do Outeiro passava a cavallo na direcção de Guimarães.

Ao mesmo tempo, um homem de semblante quebrado e olhos caidos acercava-se de fr. Custodio na sachristia, beijava-lhe a orla da sobrepeliz, e pedia-lhe que o ouvisse um instante.

Saiu o missionario com o desconhecido ao adro, e ouviu este dizer enternecido:

—A um quarto de legua d'aqui está um criminoso moribundo. Clama elle que só poderá salvar sua alma, se o senhor fr. Christovão dos Anjos o ouvir de confissão.

—Hoje não posso — respondeu o missionario com seraphico aspecto.—Deus sabe que não posso; mas ámanhã de tarde, a esta hora, vinde buscar-me a casa do prior, achar-me-heis no quarto rente com o quintal.

Pedro das Eiras inclinou-se e murmurou:

—Mas se o moribundo morre, senhor!...

—Deus não hade permittir... Esperae...

Entrou o padre á egreja, ajoelhou, esteve contemplativo no crucificado d'um altar durante doze minutos, e saiu fóra dizendo em tom de inspirado:

—Descançae, o doente não morrerá.

—Bemdito seja o Senhor! —murmurou o das Eiras com reverente espasmo—Já Deus lhe falla!

—Que infame hypocrita alli está!—dizia entre si o antigo minorista, retirando-se—Agora creio que Rosa será denunciada ao marido...

Entrou Pedro das Eiras na casa do Outeiro a tempo que uma rapariga, com um bilhete fechado na mão, saía do portal. Aquelle bilhete enviava Rosa ao fidalgo, ignorando ainda que elle já tinha saído, bem que recebesse aviso da partida, sem mais explicações. O bilhete dizia: «Estou perdida: meu ma«rido acaba de me dizer que o missionario o man«dou chamar hoje á tardinha a casa do prior. Não te «verei mais? Que heide eu fazer?... Deus me acuda!»

Se Pedro das Eiras visse este bilhete, ou Caetano de Athaide se demorasse mais duas horas em Fafe, o missionario teria levado comsigo o segredo para a sepultura.

Algumas horas depois, o escudeiro do fidalgo recebia uma carta com a recommendação de ser entregue ao amo quando voltasse.

Eram oito da noite.

Pedro das Eiras, alvorotado por um presagio, perguntou ao escudeiro:

—Donde vem essa carta?

—Da senhora Rosinha.

Dê-m'a, que eu sei aonde está o fidalgo, e vou enviar-lh'a.

Pegou da carta, e entrou no seu quarto. Abriu e leu:

«Vou fugir... Acabou-se tudo... Vou fugir.

«Ainda não sei para onde. Elle lá está com o pa-«dre. Estou doida, estou perdida. Ai! o meu fi-«lho!... Adeus.»

Pedro das Eiras mediu as escadas d'um salto. Já na rua, parou; apalpou-se; viu que não levava comsigo um canivete; vacillou um momento, e disse entre si:

—Não ha tempo a perder...

.....

.....

Ao cair da tarde Francisco Roixo, obedecendo ao chamamento do missionario, entrou pensativo em casa do prior. «Isto hade ser recado de minha irmã Antonia...—dizia de si comsigo o artista—Quer talvez congraçar-se comigo e vir para a minha companhia.

Mandaram-no entrar ao quarto do missionario.

Estava o padre a concluir vesperas, ajoelhado com o breviario entre mãos. Acenou ao artista que esperasse e continuou resando e fazendo umas figurarias de arrobado em extasis de contemplação divina.

Levantou-se, benzeu-se, cruzou uma benção voltado ao espingardeiro, e disse-lhe com suavidade:

—Senta-te. Francisco... Senta-te aqui á minha beira. E escuta lá. Tenho setenta e seis annos, e conheci teu avô e teu pae. Ha cincoenta e seis annos que sou amigo e confessor dos teus. Vê lá tu se serei ou não teu amigo, e por isso zeloso defensor da tua honra. Sou ou não?

—Sempre o tive por nosso amigo, senhor padre Custodio,— conveio Francisco.

—Não o pensavas assim quando ha vinte e trez annos casaste. Por causa de tua mulher deixaste a santa mãe que Deus te levou para o reino da gloria sem fim, e as virtuosas irmãs, uma das quaes

já lá está no céo pedindo por nós. Bem préguei então a tua mãe, e ella te prégou a ti, á conta de Rosa. Futurei a tua desgraça assim que a vi *desaustinada* com fatiotas improprias da sua pessoa, e soube que ella não queria resar as devoções da sogra e das cunhadas. Eu disse logo a tua mãe: «Francisco hade ser muito desgraçado se não obrigar a mulher a seguir outra lei...»

—Pois ainda bem que não acertou, porque até ao presente ainda me não arrependi de casar com ella, graças ao Altissimo!—contradisse o artista.

—Lá vamos...—volveu mansamente o padre.—Deixaste a tua santa gente e vieste para Fafe, por fazer a vontade a tua mulher.

—E a minha.

—Pois sim, concordo; e a tua... É que já estavas possesso do mesmo demonio que preparava grandes desastres...

—Não sei quaes, senhor padre Custodio!

—Deixa-me fallar que eu lá chegarei.

O missionario tomou uma vez de simonte, assoou-se, dobrou o lenço, e continuou com as palpebras meio cerradas, e as mãos cruzadas sobre a barriga:

—Vieste para Fafe, e algum tempo depois appareceu aqui o fidalgo do Outeiro, que tinha abandonado a esposa e as filhas. Começou tua mulher a entrar na casa do Outeiro, ao principio com recato e raras vezes; depois quando queria e como queria. Tu de certo não consentirias que ella fosse a semelhante casa, se soubesses... se soubesses...

—O que?!—atalhou Francisco sobresaltado.

—Que ella tinha sido impontada da casa da madrinha por andar lá no Porto embeiçada com o filho... Mas isto, sendo muito, cá para o caso não pesa nada. Começou tua mulher a cartear-se com o senhor Athaide. Uma pessoa da familia d'elle leva-

va e trazia cartas de parte a parte; até que emfim, uma noite que estavas em Guimarães, a cuidar do enterro de tua irmã, os demonios do inferno tiveram grande alegria.

—Como é? torne a dizer!...—exclamou Francisco, saltando na cadeira.

—Eu te vou explicando tudo. Deu tua mulher á luz um rapaz. O fidalgo (ó sacrilegio! ó incesto!) foi ser padrinho do rapaz; mas tanto Rosa como Caetano estavam certos de que o pequeno não era teu filho.

—Ó meu Deus!—bradou o espingardeiro.

—Chama, chama por Deus que é quem te hade valer... Se tivesses algum lume no olho, Francisco, devias desconfiar da generosidade de teu compadre, á vista do luxo e mimo com que era tratada a creança, que estava mais tempo em casa d'elle que na tua. Depois, aquelle caso da compra da quinta, que escandalisou todo mundo, não te abriu ainda os olhos. Emfim, a ida do rapaz para um collegio estrangeiro e depois para Coimbra, acabou de confirmar as suspeitas de toda a gente; mas em ti não fez móssa!... Bem sei o que era. A tua honra e innocencia empoeiravam-te os olhos. Tinhas a candura da pomba; mas faltava-te a astucia da serpente, como S. Paulo aconselha. O grande caso é que viveste enganado e ludibriado por tempo de vinte annos; foste assumpto de galhofas e tambem de compaixão; ao mesmo tempo que tua perversa e impenitente mulher cuidava que havia de ir até ao fim da vida, gabando-se de illudir o mundo, como se Deus lhe não visse e sondasse todos os seus pensamentos, palavras e obras... Emfim...

—Como sabe isso o senhor padre Custodio?—exclamou o artista, limpando o suor e humedecendo os ressecados beiços com a lingua que se lhe grudava ao céo da bocca.—Diga-me cómo sabe isso! Essas coisas querem-se postas com toda a certeza...

—Duvidas tu de mim, Francisco?

—Não, senhor; mas...

—Poderá mentir padre Custodio?

—Mas póde estar enganado.

—Eu nunca me engano, filho. As coisas que tenho como certas vejo-as á luz da eterna verdade; mas, se ainda assim duvidas de mim, homem, vae a um sotão por cima do quarto onde dormes, que lá has-de encontrar as cartas que o fidalgo escrevia a tua mulher. Estão dentro d'um cacifro de pau santo com o espelho da fechadura amarello. Dentro d'esse cacifro que o adultero lhe deu, está um tinteiro de osso, e um retrato de marfim do mesmo infernal seductor...

—Está bom!—bradou o espingardeiro rompendo para a porta.

—Espera, tenho que te dizer—impediu o padre, segurando-o.—Quem zela a tua honra como amigo, tem obrigação de te aconselhar como christão e impôr-te preceitos como sacerdote. Não dês a saber a tua desgraça com altos gritos nem vás para casa fazer algum destempero. Entra, faz-te desentendido, vae ao forro da casa, tira o caixote sem que tua mulher veja para não haver ingrezia; volta aqui para eu te ler as cartas, visto que não sabes ler nem as deves mostrar a outrem. Depois eu te direi o que um christão faz n'este caso, de modo que as suas acções mereçam o divino beneplacito.

—Valei-me nossa Senhora!—clamava o artista, encostado á parede, porque todo o corpo lhe tremia e não podia ter-se nas pernas.

—Então! animo, amigo! Quanto mais padeceres mais cedo te virá o alento d'aquelle altissimo Senhor que nunca desampara os infelizes innocentes! Eia, Francisco! Deixa essas agonias para ella que é a criminosa! Vae, que eu te fico esperando e orando por ti a Deus.

Saiu o espingardeiro descambando as pernas por debaixo d'uma parreira que innoitecia mais a vereda para o quinteiro. Chegado ao portão da saída, deu de rosto com um homem que entrava, e lhe perguntou com o rosto meio coberto por um lenço, se elle era o Francisco Espingardeiro.

—Sou—respondeu elle por entre arrancos.

—Lá dentro está o padre Custodio?—perguntou o desconhecido.

—Está, sim.

Respondeu Francisco e passou rente e pressoroso pelo interrogador, que atravessou o quinteiro, onde ninguem mais o viu entrar.

O espingardeiro, quando chegou a casa, figurava um ébrio. Estava na loja um aprendiz, que lhe tomou medo ao olhar esgazeado.

—Que é da patroa?—perguntou Francisco.

—Saiu ha pedaço.

—Para onde?

—Não sei, patrão; ella botou para o lado da estrada, e ia de capa botada pela cabeça.

Subiu ao sobrado, trepou ao sotão, rebuscou tudo, arrancou taboas dentre as vigotas, e não achou o cacifro.

—Não está aqui!—exclamou elle—É que já o tirou ou foi escondêl-o por desconfiar.

N'este conflicto, sentiu que lhe fugia o alento; mas a reacção do exaspero aviventou-o. Desceu á officina. Escolheu a melhor clavina. Sevou-a com bala e quartos. Rompeu para a rua, e estugou o passo para a quinta do Outeiro. Quando chegou ao portão pensou ver atravessando o terreiro da testada o mesmo homem que interrogára á porta do prior. Bateu rijo tres vezes com o cão de ferro que argolava na porta.

—Quem busca?—perguntou-lhe de longe Pedro das Eiras.

—O fidalgo.

—O fidalgo saiu esta tarde para fóra.

E caminhou.

Francisco Roixo, passados alguns segundos, endireitou para a residencia do missionario. Ia dizer-lhe que não encontrára o cacifro. Ia pedir-lhe que rogasse a Deus que o levasse d'este mundo.

Ao abeirar-se da casa do prior, ouviu soada interior de gritos na residencia parochial.

Tinha entrado no quinteiro, quando lá de dentro saiam vultos correndo e gritando:

—Morreu de repente o senhor padre Custodio dos Anjos!

Aterrou-o a surpreza. Foi ao quarto do morto. Dois homens e o prior acabavam de levantar do taboado para sobre o leito o cadaver do santo.

—Eu inda agora d'aqui fui, e elle estava bom! —disse o espingardeiro.

—Ainda agora d'aqui foi?—perguntou o prior.

—Hade haver trez quartos de hora.

—Pois elle morreu hade haver quinze minutos —tornou o prior.—Ainda lá de cima o ouvi estrebuchar. Desci a toda a pressa; mas já o achei morto. Foi ramo de estupor, por que tinha a lingua de fóra, e vê-se que a mordeu com os dentes. por que este sangue é da lingua.

—Bemdito seja Deus!—conclamavam as beatas que vinham entrando.

—Morreu como um passarinho!—observava uma.

—A alminha d'este, lá por ir sem sacramentos, não se perdeu!

—Assim fosse a minha...

—E mais a minha...

—Este está no céo...!

E ajoelhavam uma por cada vez a beijar-lhe a mão orvalhada de lagrimas.

Cumpre-me declarar que não vi nem alguem viu morrer padre Cnstodio dos Anjos. Em tanto apuro sou escrupuloso, que nem sequer suspeito que o missionario acabasse de afogadilho entre as mãos agigantadas de Pedro das Eiras. Muito me custaria a desconfiar que um homem tão arrependido ha vinte annos por matar um usurpador d'uma hora de rega, reincidisse agora matando nada menos que um missionario d'aquella pôlpa! Que o justo morresse de estupor, tambem me não convenço; os apopleticos não costumam dentar a lingua de feitio que mais parecia mão estranha ter-lhe apertado as queixadas contra ella. O prior inclinou-se tambem a crêr que o seu hospede houvesse perecido de indigestão, por que tinha merendado lombo de boi que sustentaria por quinze dias cem anachoretas da Isthria. Nada se liquidou, porém. Qualquer juizo envolve perigos em materia por tanta maneira melindrosa e tão da consciencia.

Dobraram os sinos por trez dias. Resaram-se missas geraes. Deitaram luto as beatas, e «longo tempo chorando memoraram» o seu pae espiritual.

Ainda hoje as almas que elle endireitou e metteu na vida e caminho do céo, ao recordarem padre Custodio, dizem movidas a prantos:

—Santo como aquelle e missionario que soubesse mais historias, em quanto o mundo for mundo, não volta cá outro!

Que diriam se soubessem que elle morreu martyr!

Mais anno, menos anno, incampavam-nos os calendaristas um S. Custodio, confessor e martyr de Fafe!

Palavra de honra! Se alguem ha que nos disfructe, e ria impunemente de nós e de nossos juizos, e até dos nossos romances, é o diabo!

CAPITULO XVII

Via dolorosa

Quoi! tu me preparais cet execrable outrage,
Pour m'enlever ainsi le soutien de mes jours!
, La Harpe.

Noite alta, o espingardeiro ainda não tinha voltado a casa.

Um criado do fidalgo contou que, ao perpassar por elle nos arredores da quinta, ouvira o estalo de um aperrar de espingarda, e abeirára temerariamente d'elle com uma navalha aberta, e, ao reconhecêl-o, lhe perguntou que fazia ali tão a deshoras; e que o espingardeiro não respondêra e fôra seu caminho na volta da serra.

Ao alvorecer da manhã, os caseiros do fidalgo, quando iam levar o gado ao monte, viram aquelle homem deitado á ourela d'um riacho, e a custo o conheceram de desfigurado que era. Acercaram-se d'elle e o viram a estallejar de frio. Tomaram-no

quasi desfallecido e inerte nos braços, e o levaram para sua casa, correndo um a dar parte á senhora Rosa; esse, porém, voltou dizendo que soubera do aprendiz que a patrôa saira á tarde do outro dia e não tornára a casa.

Assim o referiram ao espingardeiro, quando elle deu tino da sua situação e prorompeu n'um chorar silencioso, que apiedava pedras.

Tiveram-no em conta de louco assim que o viram despedir a correr porta fóra, ao acudir-lhe á lembrança que estava em casa de Caetano d'Athaide, idéa horrenda que elle denunciou, bradando: «Onde estou eu?!»

Seguiram-no os caseiros até o verem entrar na officina. O desventurado, quando deu de rosto no leito, parecia morrer affogado por soluços. Atirou-se ao chão, e ahi ficou como cravejado por um ataque febril que lhe tolhia mover a cabeça.

O aprendiz saiu á janella gritando por soccorro. Acudiu gente que não cabia na casa. O cirurgião fez que o levantassem e deitassem no leito. Perguntavam todos pela mulher do artista. Os penultimos respondiam aos ultimos:

— Não se sabe d'ella.

Instantes depois, a populaça traduzia o mysterio diversamente. Um queria que o artista a houvesse matado no acto de a pilhar em flagrante delicto. Asseverava outro que ella tinha fugido para Oliveira. Alguem dizia ter fallado com pessoa que a encontrára com o fidalgo caminho do Porto. A atoarda, porém, mais corrente apregoava que a demencia do espingardeiro era remorso de ter matado a mulher.

Interpozeram-se as authoridades em investigações, e já os boatos eram aproveitados como provas testemunhaes e indiciativas, quando chegou a Fafe uma

carta vinda de Braga, onde Rosa tinha sua irmã casada com um chapelleiro.

Dizia simplesmente a carta que Rosa tinha entrado no recolhimento das Convertidas; mas tão doente que não davam nada por ella.

Accomodaram-se os conjecturistas, concordes em que a final o artista descobrira o adulterio da consorte, e ella, abandonada do devasso morgado, se fôra pedir a Braga o asylo das mulheres perdidas.

A moral publica estava vingada.

Rosa já não tinha pae nem parentes em Fafe. João Carneiro ditosamente acabára antes d'aquelle trance. O irmão, protegido por Caetano d'Athaide, levára mão da lavoira, e empregára-se na alfandega do Porto. Restava-lhe a irmã.

Sigamos a peccadora.

Enviado o segundo escripto ao Outeiro, a afflicta mulher subiu ao sotão, desceu com o cofre, lançou-o ao poço do quintal, e saiu pela estrada de Guimarães.

Era um correr de doida por aquelle escabroso caminho, onde, assim que anoiteceu, a cada instante recuava aterrada da sua sombra. Ás dez da noite entrou em Guimarães, e foi ajoelhar no alpendre da Senhora da Oliveira, voltada para a imagem de Jesus, cuja lampada vasquejava balanceada pelo vento. Depois, agachou-se a um canto do portico, e por horas de indiscriptivel agonia esperou a manhã. As imagens que ella via perpassarem nas visões de sua febre eram o marido, o amante e o filho. A visão do primeiro trespassava-a de um pavor algido; a do segundo apertava-lhe o coração sem lhe esponjar uma lagrima; a imagem do filho, porém, essa era um arrancar de saudades e pranto que deviam ali desatar-lhe os laços da vida, se por sobre elles a

Providencia não tivesse religado vinculos de ferro que a soldavam ao pelourinho da expiação.

Que noite aquella! Se o peccado da primeira mulher, transgressora das ordens directas do seu creador, seria tão severamente expiado! Quantas peccadoras ha ahi que podem dizer a Eva: «Bem se vê que um Deus te castigava! Se homens fossem teus juizes, experimentarias as dôres atrozes que não estavam ainda creadas no teu tempo!»

Logo que ouviu abrir de portas ante-manhã, levantou-se Rosa e foi andando até encontrar quem lhe indicasse o caminho de Braga.

Mettida á estrada, trilhou-a a tardos passos; que não tinha vigor, e quasi descalça ia caminhando. Em S. Miguel das Taipas, sentiu-se desmaiar de fraqueza, e sentou-se nas escadas da ermida que intesta com a passagem. Uma familia de Fafe que estava em banhos reconheceu-a, fallou-lhe, viu lagrimas em resposta, e á força de rogos a levou para casa. Almoçou levemente por não querer ali ficar á mingua de forças.

Muito instada pelas senhoras em cuja casa tivera entrada, contou simplesmente o seu destino, sem explicar precedentes.

Comprehenderam-na, e todavia condoeram-se. Já era acume de caridade compadecerem-se da criminosa ao extremo de lhe darem cavalgadura e criado que a levassem a Braga!

Apeou Rosa em casa da irmã. Confessou-se como a Deus. E confessava-se para sentir o desafogo das lagrimas.

A irmã tentou dissuadil-a de recolher-se ás Convertidas.

—Fica comnosco. Viverás do que nós vivermos, e graças a Deus temos de nosso o bastante para nos não seres pesada — dizia a irmã.

—Não. Heide ir...

— Fazer penitencia?...

— Não: que eu não creio em Deus.

— Por que, Rosa?

— Por que não póde ser verdadeira a religião do missionario que desgraçou umas poucas de pessoas.

— Então que vaes fazer?

— Morrer onde me não vejam; ou esperar que, alguma hora, meu filho, compadecendo-se de m m, me queira ver... e perdoar.

Obtidas facilmente as licenças, Rosa Carneiro entrou na Tamanca.

Como lá vissem uma convertida de cincoenta annos, as convertidas que lá estavam diziam umas ás outras:

— Esta guardou-se para tarde!

— Assim é que é arrepender-se a gente, quando não ha quem nos tente!

— Ella o que vem é enterrar-se: que morta já o parece!

A irmã enviou-lhe medico e sobejos recursos para se tratar com distincção entre as suas pobres companheiras. As irmãs nascidas debaixo d'um tecto de cólmo, saem ás vezes com estes extremados exemplos de caridade. É que de par com a luz suave de Christo não entrou ainda na casinha humilde o archote da civilisação. Por ali, tal qual vês, reverberam ainda explendores primitivos das parabolas de Jesus. Sabe-se lá a historia da adultera e da Samaritana. Desconhece se, todavia, o evangelho social, que depois se refez á feição dos usos e costumes dos tempos novos. A dama de sobrado alto e secretas ou publicas desvergonhas, prepulsaria das suas a irmã delinquente; ao mesmo passo que a sposa do chapelleiro ia e enviava seus fi-

lhos ao recolhimento das Convertidas a saberem da saude da sua Rosa.

Volvamos a Fafe.

Francisco Roixo, erguido do leito onde não sei se alguma vez a morte favoreceu enfermos da doença d'elle, desceu á sua officina, enxugou os olhos, que o venciam a cada hora, e recomeçou os seus trabalhos.

Quando o ar lhe faltava na arca do peito e o accesso da paixão lhe abrasava as fontes, saia da loja, escondia-se em cima, abafava a face nos cobertores, e soluçava estas palavras:

—Elle não é meu filho!... Eu quero-lhe tanto... e elle não é meu filho!...

Era já de si doloroso vêl-o a escabujar como se sacudisse uma serpente que o recingisse nas roscas. É que ao grito do coração, que lhe dizia: «És pae d'elle!»—respondia a voz pausada do missionario: «Tanto Rosa como Caetano sabiam que o pequeno não era teu filho».

Que lhe diria quando o estudante voltasse!... E despedir-se d'elle como d'um estranho, cuja presença lhe era o recordo estavel e irreparavel d'um opprobrio, que lhe esmagava ao mesmo tempo a honra e o coração! Ó cruelissima necessidade e infernal espectativa!

—Se eu soubesse escrever—dizia entre si o artista—avisava-o da desgraça em que me vejo. Contava-lhe toda a verdade, para que elle não viesse passar pela vergonha que hade ter quando aqui chegar. Mas eu não tenho ninguem que escreva por mim! Eu podia deitar-me ao caminho, e ir a Coimbra; mas... que heide eu dizer-lhe? A tua mãe foi... Ó meu Deus, fui desgraçado até em me levardes o missionario! Esse me aconselharia n'esta afflicção.

Iria elle mesmo talvez fallar com o meu filho... *O meu filho!*... Pois não heide acabar de me convencer que não me é nada... e que toda a gente me hade escarnecer quando eu fallar d'elle!...

Este tormentoso dialogar comsigo mesmo desatava sempre em choro desfeito.

E ao pé d'este homem bom e honrado não se via alma consoladora!

Dir-se-ha que a sociedade se desviava do innocente por que ha ahi ignominias que contagiam as suas victimas?

Não. É que Francisco Roixo, quando alguem por curiosidade ou precisão entrava na sua officina, introvertia, para assim dizer, com as proprias mãos o abutre, que o roia a esconder-se-lhe bem nas cavernas do seio, e a dilaceral-o bem surdamente, por modo que os de fóra lhe não ouvissem o rengir e esgarçar das fibras.

CAPITULO XVIII

A convertida

Que feras tu, mon fils?...
GUIRAUD.

Caetano d'Athaide saiu do Porto quando leu no *Direito*, gazeta legitimista, a noticia da morte apopletica do virtuosissimo e sempre chorado missionario padre Custodio dos Anjos, egresso da ordem dos carmelitas descalços; e, ao mesmo tempo, recebeu, carimbada no Arco de Baulhe, uma carta com sete syllabas sómente: *Salvação, não; vingança.*

Intendeu, e pasmou que Pedro das Eiras soubesse fingir mortes apopleticas!

(*Nota:* Volto a declarar que estes indicios nada provam contra o ex-tonsurado de Cerva. Ainda ha pessoas de consciencia direita n'este officio de escrever; e eu, como historiador, nunca me decido contra os assassinos vivos. N'esta parte, dou ares de familia com os Resendes, Barros, Goes e outros.

Sou para os homicidas vivos o que elles foram para os reis seus coevos. Nos porvindouros seculos, a philosophia da historia emendará as passagens defeituosas d'este livro.)

Saiu, pois, do Porto Caetano d'Athaide. Ralavam-no ancias de saber o destino de Rosa. Entrou em casa no calado da noite, e chamou o mordomo, criado antigo de sua familia:

—Que sabes da senhora Rosa?

—Saberá vossa excellencia que está no recolhimento das Convertidas em Braga.

—Levou-a o marido?

—Não, meu senhor: oiço dizer que fugiu ella para lá. Vossa excellencia já sabe que morreu o missionario?

Já. Pedro das Eiras retirou-se?

—No dia mesmo em que vossa excellencia foi. Olhe que o espingardeiro andou por aqui de clavina ingatilhada á volta da quinta...

Caetano não respondeu, e o mordomo proseguiu:

—Vossa excellencia tenha cuidado comsigo... Eu já o vi a trabalhar na officina; parece morto; mas está sempre a labutar.

—Que dizem de mim?

—A fallar a verdade, meu amo, reza-se mal de vossa excellencia. Isso era de ver! Todos teem pena de Francisco; mas da senhora Rosa dizem todos mal tambem.

—E que ouviste fallar do meu... afilhado?

—Estão a ver o que elle faz quando vier; e ha por ahi quem rosna que o espingardeiro já sabe que elle é filho de vossa excellencia. Pelos modos, o aprendiz contou que o ouvira gritar assim: «Elle não é meu filho!»

—Bom!—disse o fidalgo esperançado em que o filho, repulso do artista, iria acolher-se á benevo-

Rosa refutou as vantagens offerecidas, dizendo que lhe convinha a convivencia com umas desgraçadas que lhe não lançavam em rosto os seus crimes. Redarguiu elle, contando-lhe suas esperanças na ida do filho para a sua companhia, visto que Francisco já sabia que não era pae. Replicou a recolhida que o seu amigo estava enganado com o caracter de Caetano; mas, se podesse orar, pediria ao céo que suas esperanças lhe não mentissem.

A tristeza entenebrava cada hora mais o coração do fidalgo. O que elle sentia pela mãe do seu filho sabem-no os que já presentem no rosto o norte glacial que sopra dos tumulos. Tinha cincoenta e dois annos; e quasi quarenta de amor áquella mulher. Sentira o coração a formar-se aos doze, quando reparou nos formosos dez annos de Rosinha. Eis que invelhece, e volta olhos á correnteza do passado; huida que começou ha pouco a viver porque ainda ca poucos dias era feliz; e, de subito, abre-se-lhe a carreira florida n'um abysmo, onde resvalam pela rampa da deshonra, e se lhe escondem, ella e o filho; ella, que se lhe convertêra em alma; elle que era todo o seu coração. Lá se quebram a um tempo os seus dois esteios:—Amizade e amor. Não lhe resta um que o console do perdimento do outro. E isto é excruciantissimo aos cincoenta e dois annos!

Volta a Fafe, e entra em casa clandestinamente. Conturba-o a soledade e a desfrequencia de quem o escute para lhe perdoar. Os cavalheiros da terra desconfiam que elle está em casa. Procuram-no para que se não diga que altos espiritos baixam á mesquinharia de esconjurarem um homem de bem que soffreu o contratempo de não poder justificar-se d'um erro vulgar. Elle recebe-os. Não lhe fallam em coisa attinente ao successo. Festejam a morte do cabecilha dos carolas, e esperam vencer as proximas

eleições municipaes. O fidalgo ouve-os distrahido e melancolico; e elles vão dizer fóra que os cincoenta e dois annos de Caetano ainda luxuream umas verduras de moço apaixonado por desastres que um homem de siso affectaria desperceber.

E, como elle não sáe de casa, é voz publica que o senhor do Outeiro ganhou medo ao espingardeiro, e terá de emigrar, se não quizer estufar-se e esperar que Vulcano se vá ao reino dos pobres de espirito.

Fechou-se a universidade.

Caetano recebeu carta do estudante que n'aquelle anno tomava bacharel. O primeiro periodo da carta dizia assim:

«Não recebo carta de minha mãe ha doze dias, «nem de vossa excellencia! Faz-me isto extranhesa «grande, aggravada por uns lances de olhos que des-«cubro nos meus condiscipulos de Fafe e Guima-«rães! Perguntei hoje se ha noticia funesta da minha «familia ou de vossa excellencia. Nada me disseram, «nem com o silencio me socegaram. Desconfio que «meu querido pae, ou minha mãe ou o meu bom «padrinho estão doentes; mas, em tal caso, que ti-«nha que me avisassem? Já não é pequena dôr esta «incertesa! Peço a vossa excellencia com o maior «encarecimento que me não escondá qualquer des-«fortuna, para eu me ir affazendo a experimental-as. «Faço acto na proxima semana, etc.»

Começou e inutilisou cartas concluidas Caetano d'Athaide. Em uma expunhá seccamente a injuria que Francisco Roixo lhe fizera, dando ouvidos a calumnias infamantes, por onde a pobre e virtuosa esposa, farta de penar, se encerrára voluntariamente em um convento. Lida a breve carta, Caetano envergonhou-se de si mesmo, e rasgou-a.

N'outra, dava largas á paixão e rompia em ra ptos d'amor paternal, confessando a culpa, e qua exhorando com baixesa abjecta a misericordia do fi lho. Chegou a lacral-a; abriu-a porém, quando re cordava as phrases mais comiserativas; e, sem a reler, espedaçou a. Em uma terceira carta, enviava-lhe ordem para receber avultada quantia em Lisboa, e ir viajar por algum tempo, até que elle o chamasse a concluir a formatura. Rasgou-a tambem por não fiar da docilidade do afilhado e vêr logo o absurdo de tal ordem sem explicação, nem consentimento do pae. Emfim, ponderadas as difficuldades de sua situação, descoroçoou, e atirou-se desesperado a uns phrenesis que nenhum refrigerio de rasão ou fé poderia calmar.

O filho de Rosa espantou-se do silencio do padrinho, e entrou-se da suspeita de desgraça enorme. Procurou um condiscipulo de Fafe, e disse-lhe commovido:

—Tu sabes que succedeu á minha familia alguma desventura? Se m'a não dizes, parto hoje mesmo, e não faço acto.

O condiscipulo encarou-o compadecido e respondeu:

—Tencionava dizer-t'a depois que fizesses acto, e pedi aos rapazes dos nossos sitios que te occultassem. Teu pae descobriu que desde muitos annos tua mãe tem relações illicitas com teu padrinho. Parece que o capacitaram de que o Athaide é teu pae. Tua mãe fugiu para Braga, onde entrou n'um convento. Aqui tens o que ha. O que os teus amigos e patricios lamentam é que te faltem recursos para completar a formatura...

—Isso é o menos que deveis lamentar...—disse brandamente Caetano.—O peor é... o desdoiro, a vergonha...

—Tu que tens com isso?—objectou o outro em tom de espirito superior.

—Que tenho eu com isso?! Pois eu não tenho que vêr com a deshonra de meus paes?

—Meu amigo, estes casos são tão vulgares que sustentam o estigma de deshonrosos porque o palavrão ainda não saiu do giro convencional. A responsabilidade a quem toca. Tua mãe deu um passo acertado; teu pae ha de socegal-o o tempo. Teu padrinho, esse é Caetano d'Athaide, considerado e rico...

—E não ha mais que vêr n'este infortunio?...—volveu sorrindo acerbamente o academico.—Eu queria sair já de Portugal; mas...

—Para onde?

—Que sei eu!... para longe; mas...

—Não tens dinheiro? nem eu...

—Tenho meu pae, o pobre artista, que...

E callou-se de repente, como visse ante si um homem indigno da confidencia, e menos das lagrimas em que as palavras já iam envoltas.

No mesmo dia, ao sair de Coimbra, pela ponte d'Agua de Maias, olhou contra os cinceiraes, e murmurou:

—Não voltarei a vêr-vos..,

CAPITULO XIX

Não é meu filho!...

Luci tenebro succedunt et iterum tenebris lux.
Succedem trevas á luz, e luz ás trevas
S. Agostinho.

Era sobre tarde.

Francisco Roixo despegára da officina; e, fechando a porta, conforme seu costume, fôra sentar-se no banco de pedra que vinte annos antes affeiçoára por suas mãos, á sombra d'um loireiral, onde Rosa costurava nas tardes calmosas.

A cabeça do artista, pendia ao peito, branqueava toda. Dizia-se que o homem envelhecêra vinte annos nos ultimos quinze dias. Das rugas fundas do rosto saia-lhe a espessa barba de quinze dias, alva como os cabellos. As proeminencias osseas e descarnadas completavam a desfiguração do velho.

ndiz assomou á janella da cosinha e disse:

ncisco, está o caldo na tigella.

ndeu, se ouviu, o espingardeiro.

Áquella hora costumava elle sempre chorar. Por que todas as saudades do passado se atropellavam em volta d'elle á porfia de qual o espancasse d'aquelle retiro para a escuridade da sua alcova, onde o aguardavam outros flagellos.

Via Rosa, acariciando-o, á proporção da perfidia.

Via a creança que se lhe encavalleirava nos hombros para chegar ás bagas do loireiro. Via n'uma nesga do quintal o jardimsinho ainda murado por mãos de Caetano, reliquia tão querida do artista que a circuitou de sebe para que lh'a não desfizesse o descuido do jornaleiro que lhe plantava a horta.

E permanecia, ali, o velho, se a dôr o deixava, a olhar para as pedras do murosinho, e a dizer: «Parece-me que o estou vendo...»

Singular capricho das saudades lacerantes! Francisco, ás vezes, parecia torturar-se voluptuosamente, encarando na terra secca do hortosinho, e murmurando: «Caetano, meu filho; vem cá, meu filho!»

O aprendiz voltou á janella e chamou:

—Tio Francisco!

—Que é?

—O caldo está quasi frio.

—Dá-o á pobre do menino, se ella por ahi está.

A pobre era uma visinha á qual Caetano, desde a infancia, chamava a sua pobre. O espingardeiro todos os dias repartia com ella do seu pobre jantar, e por lhe acudir mandava cosinhal-o algumas vezes.

Foi o rapaz levar a tigella á visinha, e, no lanço de lh'a entregar, exclamou a pobre, olhando contra a estrada:

—Ahi vem o meu menino!

O aprendiz ganhou de dois saltos o quintal, bradando:

—Ahi vem o senhor doutor, patrão!

Francisco levantou-se de golpe e recaiu logo a tremer. Forcejou em erguer-se, apegando-se aos troncos dos loureiros. Deu alguns passos vacillantes, e caiu outra vez no banco.

—Onde está meu pae?—perguntava Caetano á pobre que o abraçava a chorar.

—Está no quintal—respondeu o aprendiz.

Correu o moço; e, entrevendo o velho, estacou de espantado. Queria chamal-o de longe; mas as vozes represavam-se na garganta.

Abeirou-se d'elle impetuosamente. Apertou-o nos braços, susteve-o de cair em convulsos abalos: e desentallou dos soluços este brado:

—Ó meu amado pae, que o venho encontrar morto!

—Quasi...—gemeu o velho; e mais por acenos que palavras lhe pediu que entrassem em casa.

Levou-o Caetano abraçado pela cintura, sem descravar os olhos da cabeça e rosto do homem que deixára vigoroso e nutrido, com raras cãs, nove mezes antes.

—Se ceaste, rapaz, vae para tua casa—disse Francisco ao aprendiz, e desceu vagarosamente a escada para correr a chave.

Depois, voltando-se ao filho de Rosa, disse:

—Aqui não ha que comer; não sei como hade ser isto da ceia... O senhor... não terá remedio senão...

—*O senhor!*...—atalhou Caetano—que maneira é essa de me tratar? Meu pae!... não chore... Responda-me... Porque me trata por *senhor*?

—Então...—balbuciou o artista—não sabe nada do que aconteceu?

—Sei, soube-o ha trez dias; e parti immediatamente.

—Pois que sabe?

—Mas não me trate assim, meu pae!—voltou Caetano com supplicativos gestos.

—Pois não sabe que não é meu filho?!—clamou o velho abraçando-o.

—Não sou seu filho?! Essas lagrimas não lhe estão dizendo que o sou? Eu poderia amal-o tanto, se o não fosse? Serenidade, meu pae! Attenda-me. Pela sua honra sem mancha lhe rogo, de mãos postas, que obrigue a sua rasão a ouvir-me. Limpe as lagrimas. Descance um momento. Sentem'o-nos aqui. Agora faça-me o favor de responder: Quem lhe disse que eu não era seu filho?

—Foi o padre Custodio dos Anjos.

—Como sabia o padre Custodio dos Anjos que eu não era seu filho?

—Não sei.

—Onde está esse padre?

—Morreu no mesmo dia em que m'o disse.

—Mas que signaes certos lhe deu esse homem de que não mentia, ou não estava enganado?

—Disse-me que minha mulher ha vinte annos ou mais que era... que era...

—Amante de Caetano d'Athaide?... Já sei; e vocemecê tirou d'ahi que eu não era seu filho?

—Tambem me disse que isto me seria certificado por umas cartas que... o senhor Athaide escrevia a sua mãe, e mandou-m'as procurar no sotão...

—Que é d'ellas?—interrompeu Caetano muito agitado.

—Não as achei... já lá não estavam.

Respirou o moço e proseguiu:

—E ficou-lhe a certesa de que essas cartas estiveram no sotão?

—Não, não tenho a certesa.

—Quem as trouxe?

—Não sei.

—Que necessidade tinha esse homem de escrever cartas a minha mãe, se ella entrava na casa d'elle quando queria?

—A fallar verdade...—murmurou o velho.

—Vamos. Foi minha mãe que disse não ser eu seu filho?

—Não; eu nunca mais a vi...—respondeu outra vez abafado por lagrimas o espingardeiro.

—Foi Caetano d'Athaide que o disse?

—Não, que eu saiba.

—Então, sabe vocemecê que eu não sou seu filho porque assim lh'o affirmou o padre Custodio?

—Sim...

—Quem lh'o poderia affirmar a elle?

—Não me occorre... Só se foi lá pelo confessionario...

—Mas, no confessionario, essas revelações só poderiam ser feitas por minha mãe... Ella confessava-se ao padre Custodio?

—Não. Até lhe tinha odio.

—Vocemecê não pensou nunca em que esse padre se desaviera ha annos com Caetano d'Athaide, e o ficou odiando tambem? Lembrou-se d'isto?

—Não... não me lembrou...

—E que certesa tem de que a vingança do padre chegasse ao ponto de lhe denunciar minha mãe para deshonrar o adversario? Comprehende-me, meu pae?

—Sim...

—Reflectiu n'isto?

—Não... Mas... tua mãe, se está innocente, para que fugiu?... E o fidalgo por que se escondeu?

—Isso é outra questão. Não defendo a innocencia de minha mãe nem a de Caetano d'Athaide. O que eu defendo é que sou seu filho; a certesa dá-m'a o coração; o amor que lhe tive desde creancinha, e o ligeiro affecto que tive a esse outro homem

que me chamava afilhado—affecto devido aos favores que me elle fez. Se minha mãe o amou, como ella mesma confessa fugindo, foi isso uma desgraça, e outra maior desgraça foi ser meu pae tão honrado que não póde imitar outros muito infelizes na sua condição. Não dou a minha mãe o nome que o mundo lhe dá, porque ella é sua mulher. Ha trez dias que a considero morta; mas, se não posso ajoelhar deante da sua campa, tambem a não insultarei. Contra o homem que a desgraçou, e reduziu meu pae a tamanho abatimento, a minha lingua tambem ficará muda. Ha doze annos que recebo esmolas de suas mãos, e não posso duvidar da boa intenção com que m'as dava.

—Por que era...—atalhou Francisco e conteve-se.

—Meu pae?

—Sim...

—Não preciso crer que sou filho d'elle porque me favoreceu. Basta-me crer que elle era amante de minha mãe para explicar a generosidade. Eu tenho um só meio infallivel para me convencer de que não sou seu filho.

—Qual, qual?...—clamou o velho anciado em desejos d'essa prova suprema.

—É a sua alma, é o seu coração. Entre em sua consciencia... Que ouve dentro em si? A sua rasão certifica-lhe que eu não sou seu filho? Tem provas? tem o testemunho d'alguem que lhe mereça mais confiança que um inimigo de minha mãe? um inimigo de Caetano d'Athaide? e um meu inimigo que, sendo eu creança, me olhava com despreso, e, sendo eu estudante, dizia de mim que eu era filho de má rez? Estas provas bastam á sua rasão?

—Mas...—volvia o velho sentindo fazer-se luz á volta de sua alma como resuscitada á esperança.

—Pois se a rasão me não desliga de seu filho,

não temos outras provas senão as dos sentimentos paternaes, a voz interior que obriga a crer. O seu coração não me quiz tanto, sempre? Não sente que elle lhe sae do peito para me dizer que só um pae... só um pae assim póde amar seu filho?

E, dizendo, abraçou-se n'elle com tamanha effusão de lagrimas e ardor de beijos, que o velho, tremente e soluçante, a um tempo chorava e ria, sem poder proferir a palavra «filho».

E gesticulou como pedindo que o deixasse ajoelhar; e, de joelhos, levantadas as convulsas mãos á altura do rosto, tartamudeava vozes supplicantes...

—Que pede a Deus, meu pae?

—Que me dê a certesa...

—Pois não ouve Deus na sua consciencia?... Veja que Deus só se faz ouvir no coração, meu querido pae!... Olhe, levante-se, escute-me... quer mais provas? Vocemecê é um artista pobre, eu d'hora em deante sou um pobre que nem sequer artista sou. Caetano d'Athaide é um fidalgo abastado; e, se eu podesse chamar-lhe publicamente ou em segredo, *pae*, é certo que a minha carreira continuaria para chegar a brilhantes posições. Agora veja se me comprehende isto: a rasão me está apontando uma vida cortada de difficuldades, porque se acabou a protecção que eu tinha, e já conheço apenas o protector porque o sentimento da gratidão m'o não deixa esquecer. Ao lado da rasão, está um certo instincto que nos leva para a vaidade de ter um pae fidalgo, embora vicioso, um pae rico, embora carregado de remorsos. Se eu ámanhã apparecer em Coimbra, acceitando os favores do fidalgo, heide ser mais acatado, porque já se lembram de que eu possa ser filho d'elle. Ha dias chamavam-me por desaire o «espadeiro de Fafe»: ámanhã hão de chamar-me o filho do fidalgo do Outeiro. Pois quando a rasão

pervertida pelo instincto me sae com estes argumentos vis, eu queria que meu pae visse quanto a minha alma se levanta sobre esta lama que se me faz cá dentro! e como eu aqui, apertando a sua veneravel cabeça ao meu seio, sinto a precisão de desafiar Deus a que me desconvença de que sou seu filho! Oh! sou, sou, meu amado pae!... E, se eu vir que o contentamento não volta á sua vida, então direi que não ha sensação em que se conheça influencia de Deus entre o amor de pae a filho!...

O velho, expedindo, uns de pos outros, entranhados gritos de jubilo, e acariciando Caetano como lh'o faria nos oito annos, incutia susto ao moço. Era um como delirio em que a rasão parecia cega da superabundancia de luz.

CAPITULO XX

Perdão do filho

Era a pomba librando-se sobre os detritos do mundo submerso... Relampago em trevas.
S. Isidoro.

Chegou logo a Caetano d'Athaide a nova.

Contaram-lhe que tinham visto o seu afilhado na officina do espingardeiro muito attento no trabalho do pae; e, ao outro dia da chegada, os tinham encontrado juntos a passear em sitio muito publico, conversando com o ar de felicidade já notada e até louvada nos annos anteriores.

Saiam, pois, errados os calculos ao fidalgo. O espingardeiro não repellia o filho alheio; e o moço, duas vezes ingrato, abafava os sentimentos de filho e os de favorecido com tanto affecto e liberalidade. Athaide, mais em harmonia com a natureza do que o filho de Rosa, presuppunha que o afilhado, uma vez advertido da sua ignorada origem, devia sentir-se arder em amor de filho, e, senão gloriar-se

da raça, pelo menos transigir com os deveres imperiosos do sangue. Se ao fidalgo occorressem memorias de tolices, que outr'ora o fizeram rir, lembrar-se-ia d'aquelle dito da defuncta Domingas: «Isto cá no mundo de filhos e paes é tudo uma historia. Por milagre haverá um que acerte quando chama pae a quem, na real verdade, é seu pae». As mais parvoas e absurdas maximas lá chega um lanço da vida em que lembram. Ha ahi pellitrapo de philosopho que, assim a modo de quem parvoeja, perpetúa aphorismos irrisorios, os quaes nos acodem á memoria, quando a gente está afflicta.

Caetano d'Athaide, mais estomagado que movido do amor paternal, revestiu-se um dia de sua philauciosa dignidade, e enviou um escudeiro com um bilhete de visita ao filho de Rosa. Na orla do bilhete escreveu: *a saber como chegou o illustrissimo senhor Caetano Carneiro Roixo.*

O moço recebeu o bilhete, e meia hora depois enviava ao fidalgo o seguinte escripto:

«Caetano Roixo agradece a sua excellencia a mercê «com que foi honrado, e promette ir pessoalmente «agradecer outros mais importantes favores, quando «poder conciliar o reconhecimento com a quitação «de obsequios representados por dinheiro. Se essa «hora chegar extemporanea, sua excellencia tem «filhos com os quaes as contas possam ser salda-«das.»

Caetano d'Athaide rasgou o bilhete e exclamou enfuriado:

—Agora creio o que sempre suspeitei! Rosa enganou-me! Este canalha é filho do espingardeiro! Não posso já duvidar... E falla-me em pagamento?! Quando poderias tu, miseravel, pagar-me doze mil cruzados que gastei com a tua educação!...

Eis aqui uns rugidos indicativos de fidalguia de nove seculos!

Mas não deixava de ter bom fundamento o descrer Athaide que o já filho do espingardeiro podesse pagar-lhe doze mil cruzados. Havidos como? que montavam ao rapaz tres annos juridicos e o quarto incompleto? Qual vereda nova o guiaria a emprego de braços ou de espirito d'onde lhe adviesse tão avultados ganhos?

Na arca do espingardeiro estará tamanha quantia?

tida na primeira—está o dinheiro que eu fui poupando pelos annos adiante a vêr se lá para o deante comprava uma casa que te deixasse. Pouco é; porque tua mãe gostava de andar bem vestida, e eu não lhe ia á mão em nada. O que eu queria era vêl-a contente... Bem mal m'o pagou... Deus lhe perdôe.

Impediram-no as lagrimas por alguns minutos. Caetano contemplava silencioso e enternecido a inconsolavel angustia do velho.

Emfim, abrira elle os embrulhos das suas economias, e pedira ao filho que as contasse.

Caetano encontrou setenta moedas em ouro e prata. Pobres economias de vinte e dois annos! Quanto o trabalho rendera pouquinho ao honrado e laborioso obreiro! Regulava uns quarenta e tantos réis por dia!

—São trezentos e trinta e seis mil réis, meu pae —disse Caetano.

—Chegam-te para acabar os teus estudos?

—E sobejam.

—Então meu filho, vae para Coimbra e [illegible] meu pae me consentir, outro [illegible] que é?

Coimbra [illegible]

—E eu vou, vou...—disse jubiloso o artista.—Que tenho eu n'esta terra senão dôres, meu filho!..

—Pois iremos, e o seu dinheiro nos pagará a passagem.

—E eu lá trabalharei...—acrescentou Francisco.

—Pois porque não? Se poder, trabalhará; que eu, peor que a indigencia, só conheço a ociosidade que explica a maior parte dos infortunios gerados pela desmoralisação. Ora o dinheiro de minha mãe justo é que vocemecê lh'o mande ao Recolhimento; e, se vocemecê me der licença, serei eu quem lh'o leve...

—Tu!—atalhou o velho assombrado.

—Eu, sim, meu pae; porque não? Lembro-me d'ella desde que eu tinha seis annos de edade. Tenho-a presente em todos os sitios d'esta casa. Quando eu vinha do collegio a férias, sentava-se ella n'essa cadeira em que está meu pae, e ficava a conversar comigo e a beijar-me por noite fóra. Eu ia adormecendo; ella inclinava-se-me muito de mansinho sobre o meu rosto, dava-me o ultimo beijo, e algumas vezes senti que me deixava tambem nas faces uma lagrima. Recordação penosa não tenho alguma d'ella. As ultimas cartas que recebi da infeliz pareciam pela tristesa profetisar grande desgraça. A maior expiação que ella soffre é considerar-me para sempre perdido; porque minha mãe amava-me como todas as mães que... presagiam uma desventura que as hade deshonrar e affrontar o filho que estremecem. Como poderia eu accusal-a, se meu nobre pae ainda não proferiu palavra aspera contra ella? Não me está vocemecê dando o exemplo de caridade?

—Pois vae, filho...—gaguejou Francisco, enxugando os olhos.

—E vou com sua licença?

—Vae; mas... não lhe falles em mim... que eu

morri para ella... e morreria para ti... cairia na sepultura se a visse... sem lhe poder perdoar...

—Não a verá, não, meu pae... Ella comprehendia a grandesa do crime, quando fugiu da sua vista. Não voltará a procural-o...

.....

Eis aqui os precedentes que inspiraram a resposta de Caetano Roixo ao exasperado fidalgo.

N'esse mesmo dia, o quartanista saiu para Coimbra a fazer seu acto de bacharel. Tirada a certidão do acto, voltou a Fafe; e, descançado um dia, recebeu o dote de sua mãe e foi a Braga.

Annunciou-se na portaria do Recolhimento, e esperou longo espaço. Disseram-lhe que tivesse paciencia porque sua mãe tinha perdido os sentidos, quando soube que a procurava o filho.

Guiaram-no a uma escura e esqualida grade, onde ainda esperou o apparecimento d'uma velha curvada, vestida de negro, visão que lembrava o erguer-se electrico d'um cadaver cambaleando sobre a sua sepultura. Era sua mãe. Disse ella que era sua mãe. A voz era sua. Aquella vertigem que a levou de rosto contra as grades não podia ser senão de mãe.

E elle fallou-lhe com a serenidade apparente de um espirito que a estupefacção atrophiou:

—Cuidei que lhe trazia algum contentamento, minha mãe.

Rosa soluçava.

Caetano continuou:

—Teria vocemecê feito bem a si mesma, se condemnasse a escrever-me depois dos seus infortunios. Que são os filhos senão os consoladores obrigados das amarguras de suas mães? Deus não nos manda sentenciar... O juiz é Elle só.

—Pois ha Deus, meu filho?!—exclamou Rosa convehemencia.

—Essa pergunta duvidosa que a façam os felizes, desnecessitados da Providencia. Minha mãe deve crêr que ha Deus, por isso mesmo que... peccou e padece.

—Oh! que terrivel verdade!—murmurou ella.

—Venho pedir-lhe que tenha animo—proseguiu o filho, apressando-se a desviar-lhe o espirito da idéa penosa que suggerira involuntariamente.—Peço-lhe que se esforce por chegar á fortuna de conformar-se com o seu estado.

—Estou...—disse ella.

—Pedir-lhe-ia que saisse d'esta casa para melhor; que buscasse convento menos triste do que este; mas não sei se os seus recursos lh'o permittem. Aqui lhe trago o seu dote. Se vossemecê póde com elle obter mais alegre vivenda, peço-lhe que o faça.

—Bem estou aqui, meu filho. Esta casa dá o necessario sustento ás suas moradoras. Torna a levar o meu dote. Dou-t'o, se... teu pae o não quer.

A palavra *pae* passou-lhe do espirito aos labios, lancinante como se o coração de permeio lhe fosse trespassado pelos dois gumes da mentira e do remorso.

Não obstante, o termo soou maviosamente nos ouvidos do filho, que a teria abraçado, n'aquelle momento, se podesse.

—Este dinheiro lh'o entrego por ordem de meu pae. Não carecemos d'elle. Ambos nos sentimos capazes de trabalhar. Eu lhe rogo que o converta em remedio das suas necessidades. Agora, minha mãe digo-lhe adeus por alguns annos.

—Onde vaes, filho?—exclamou ella.

—Ao Brazil.

—Então... então, meu Deus!...—bradou ella erguendo-se e amparando-se ás rexas.

—Que é, minha mãe?

—Não te verei mais!...

—Se minha mãe fraquear e se deixar morrer; mas, se a esperança de me ver poder levantal-a d'esse quebranto, minha mãe... ainda me verá.

—Foges... foges...—tartamudeou ella—envergonhado de mim?

—Não, mãe... Vou ganhar dinheiro para pagar a quem me collocou na posição de o adquirir.

—Ah!—estremeceu ella.

Aquelle grito significava a indescriptivel agonia de não poder perguntar uma só coisa com referencia a Caetano d'Athaide, cujo nome seu filho vagamente deixára transluzir do pronome *alguem*.

Seguiu-se demorado silencio entre elles, cortado pelos soluços de Rosa.

Caetano levantou-se, e disse muito abalado:

—Adeus, minha mãe. Aqui lhe deixo na roda este dinheiro.

E ella, caindo em joelhos poz as mãos, e exclamou:

—Perdôa-me filho da minha alma!...

—Por quem é!—disse elle transido de affliicção. Por quem é, minha mãe! Eu não vim a accusal-a; não me queixei, não viria aqui se a não amasse e respeitasse. Veja quanto lhe quero n'esta horrivel angustia de a não poder salvar de si mesma...

—Vae, meu filho!—tornou ella reanimada.—Volta aqui uma vez... e, se eu tiver morrido, não me chores, não... Em quanto souberes que eu vivo, tem piedade de tua mãe...

—Como elle ia lavado em lagrimas!—diziam as serventes do recolhimento, quando viram passar o filho da convertida.

CAPITULO XXI

Contas com a Providencia

Não me fugirás para o inferno
antes de mé dar contas.
Fr. Bernardino de Laredo.

Robustecido por sentimentos de bizarro orgulho, o fidalgo de Fafe sopesou os rebates que, a intervallos, lhe inquietavam o coração.

Rosa propriamente concorrêra para que Athaide reparasse a sua dignidade aviltadissima. Perguntára-lhe elle, em carta enviada ao recolhimento, se ella tinha como certo ser Caetano seu filho. Vejam com que linimentos lhe balsamificava a chaga á solitaria das convertidas! Rosa não lhe respondera. Que affronta!

—Até ella!—vociferava o filho de D. Eugenia.—Digna consorte do serralheiro! digna mãe do filho do serralheiro! E n'estes vis amores pude eu acorrentar e consummir vinte e dois annos da minha vida! E deixei-me envelhecer n'este lamaçal! eu!... eu!... que podia ter gosado tanto, aqui me sepul-

tei a amar... quem?... a amontoar thesouros de felicidade para a velhice no coração do filho do espingardeiro! Oh que baixeza!... que pasto eu dei ás gargalhadas d'esta gente... e até ao escarneo de minha mulher!... Esqueci duas filhas que tinha por que só queria ter alma para este biltre que hoje me diz: «devo-lhe dinheiro e mais nada!» Vergonha eterna!... Hei de levantar-me!... Hei de reconhecer em mim o pundonor que trouxe a rastos d'esta canalhice que me levou mocidade, alegria, socego, e tudo...

Honra é que elle não recenseou nas coisas boas que lhe estragaram!...

Determinou viajar. Calculou, não sabemos sobre que dados, que poderia viver uma duzia de annos deliciosos, ou sequer distrahidos nas mais bellas regiões da terra. Curou de vender os restantes bens, que desde muito lhe fariscavam os ricassos brazileiros do Minho. Mediante alguns centos de libras, obteve de D. Gabriella o legal consenso na alienação da quinta do Outeiro e suas pertenças. Resalvou, porém, uma barraca á ingleza que edificára na ourella de uma ribeira, porque o afilhado, n'umas ferias grandes do seu primeiro anno, dissera: «Local encantador para a vivenda d'um poeta!» Esquisita repugnancia! vendeu o leito em que tinha nascido, vendeu a capella em que jaziam as cinzas de seus avós, e não poude comsigo assignar o trespasse da casa poetica, edificada para brindar o... filho! Dizia elle, phraseando sentimentalmente, voltado para a casa: «Ficas ahi, sepultura do meu coração!»

Não se despediu d'alguem. Saiu de noite com o escudeiro, que entregou as chaves ao novo proprietario, um commendador que tinha sido pegureiro

de ovelhas dos caseiros de D. Eugenia, e cinco annos depois será o barão do Outeiro de Fafe.

Vae, pois, victima, que não poderás fugir de ti mesmo!

E a providencia estará esquecida de Gabriella? A pergunta é offensiva da equidade divina! Não ha mais remedio que confessal-a, senhores meus! Ella ahi está severa ao pé do catre da convertida; já a vimos risonha a reverdecer alegrias no seio de Francisco; ella ahi vae de par com o viajante que se promette doze regalados annos, e cada noite se cuida a braços com attribulada morte. Dá que pensar esta hora de castigo tão ao interceder-se a vida dos delinquentes! Por isso cuida muita gente que a repartição dos castigos não diz com o numero dos criminosos. É que nós usamos de ver o vicio impune nos annos da belleza e da força; depois, força e belleza esvaidas, os viciosos esquecem na sua velhice ou obscura ou desprezivel aos nossos reparos. As calamidades que lá passam não atroam como os escandalos. Escutâmos ha vinte annos gargalhadas cynicas, e não ouvimos hoje gemidos penitentes ou desesperados. D'aqui se causa ser Deus calumniado.

E para que o não seja na impunidade de Gabriella, saibamos o que lá vae.

Esta senhora, em quanto teve e malbaratou dinheiro a ponto, deu brado em Lisboa, e andou na berra, como se diz ao antigo. As filhas cresciam mais galantes do que ella, e Herminia avantajando-se a todas; assim mesmo Gabriella em galas e feitiços de fazer-se amada não cedia o logar ás filhas. Não direi que a BEATRIZ de 1841 podesse sustentar o pseudonimo em 1858; não obstante, quizesse ella sonetos e talvez odes que as teria a froixo. Os poe-

tas que frequentaram o espirito de Gabriella, no florejar de dezoito seguidas primaveras, se não vestiram de grinaldas os braços das theorbas, chegaram em tempo de outomno, quando os pomos, embora dessorados, se deixavam despegar das frondes ao menor abalo. Não poetavam; mas banqueteavam-se na casa de Gabriella, á franceza, *sans façon*, e ella tambem á franceza denominava os poetas *ses chiens*, como d'outros taes dizia mad. Roland.

E elles, como cães, desappareceram logo que esbrugaram os ossos da desbaratada dama.

Ahi por altura dos quarenta e cinco annos, a esposa de Caetano d'Athaide vivia em casa humilde no bairro da Graça, reduzida á convivencia de damas que se lhe equipararam nos primeiros tempos da decadencia. Figurava-se-lhe espantoso e incrivel o silencio que se fez á volta d'ella, assim que a modista lhe enviou o primeiro official de justiça com um mandado de penhora. Esta solidão preparou-a ella inadvertidamente, enviando a primeira carta de emprestimo de dinheiro a uma das suas melhores amigas. Esta, que era a melhor, deu o dinheiro, mas mostrou a carta ás outras para d'algum modo se pagar da generosidade, E as outras, que receavam ser tambem as melhores amigas de Gabriella, nunca mais lá foram, nem estiveram em casa, quando eram procuradas.

Itelvina, a filha mais velha, deixara o coração captivo d'um mancebo fidalgo que a requestara ainda nos salões de sua mãe. As vicissitudes não amolgaram a constancia do joven: em prova d'isto vem que a menina desappareceu da casa humilde, offerecendo-se, sem condições, a um rapto, que levemente incommodou a mãe, e não chegou se quer ao conhecimento da justiça. Olinda, a segunda filha de seu esposo, começou a amar, quando sua mãe,

em vez de vigial-a, se escondia a chorar sua pobreza. Namorou-se d'um estudante de cirurgia, rapaz honesto que a foi pedir á fidalga, e a levou na qualidade de esposa para casa de sua mãe uma capellista remediada, onde não faltava comida, limpeza e contentamento. É, porém, de notar que a capellista, informada do trem de vida de D. Gabriella, impediu que a sogra do estudante lhe visitasse a nora em sua casa. Que injuria á filha do visconde de Rebordãos!

Herminia, a filha do poeta, era o serafim consolador de sua mãe. Alma e rosto de anjo, se alguma hora se alcançaram as duas prendas do céo em mulher pobre, com annos tão florentes e exemplos tão perversores! Raro a viam; que ella costurava sempre; mas, uns a outros, os amantes do bello, a denunciavam, uma vez que a vissem a furto.

O conversar d'ella com sua mãe era de coisas de seu pae. O retrato de Caetano d'Athaide quem o tinha era ella, á volta do pescoço, n'um cordão do cabello de sua mãe. E não se enfeitava com outra joia!

A mãe furtava-se a recordações d'esta natureza. Tanto que Herminia proferia as palavras «meu pae» quem logo se pintava á memoria da mãe era Silverio, a mais rancorosa recordação do seu passado.

Cuidava-se ella perdida por amor d'aquelle homem. Não lhe questionemos a chronologia da sua perdição. É certo que o primeiro cairel de abysmo que viu Gabriella, mostrou-lh'o elle. Pois acontecêra que, sendo Silverio já juiz de uma vara em Lisboa, a opprimida senhora lhe pedira, sem tal intento, umas duzias de moedas para recolher Herminia a um convento, e elle nem sequer lhe respondêra... por caridade; que, se respondesse, atiraria á face d'aquella mulher a protervia do seu despejo, e a pobreza e deshonra de suas filhas. Um juiz recto,

como elle, e severo á romana, se respondesse outra coisa não corresponderia ao bom renome que tinha grangeado.

Por isso Gabriella impallidecia, se Herminia lhe fallava no pae.

Mas a menina, decifrando a zanga em desgostos antigos, dizia á mãe:

—Póde ser que meu pae esteja bem arrependido do mal que lhe fez... Porque me não deixa escrever-lhe, minha mãe? É impossivel que elle me não responda!... Quando lhe beijo o retrato, cuido que elle se está sorrindo para mim... Quer vêl-o, mamã?

Gabriella, contemplando, soltava os olhos ao choro.

E a filha accudia:

—Vou escrever-lhe, sim?

—Não—respondia a mãe severamente.

Prudente prohibição! Que diria Caetano d'Athaide quando lá visse carta da terceira filha de sua mulher a chamar-lhe *pae!*

Em lance angustiadissimo, quando a neta de Sás e Athaides ia ser expulsa de casa por caloteira da renda, appareceu um enviado de Caetano d'Athaide, solicitando uma assignatura para venda de bens a troco de trezentas libras.

Trezentas libras! A alma venderia ella ao diabo por menos, se tal mercadoria andasse cotada lá no profundo! Pagou a casa, vestiu-se, vestiu a filha, e recolheu a outra já abandonada do fidalgo mancebo.

Depois entrou a pautar sua vida com regua muito economica.

Herminia, que estudára a lingua franceza e a fallava concertadamente, obteve o magisterio n'um collegio do Porto, onde foi recebida com vantajoso ordenado e a consideração devida á filha d'um fidalgo. Por honestidade e decoro do collegio, impe-

eiram-lhe que fallasse em sua mãe. No pae, ainda dmbrado por sua devassissima mocidade, era-lhe licito fallar.

Itelvina, que não deixára cair ao seu primeiro abysmo pudor e coração simultaneamente, sentiu-se inquietada por aquella viscera. Amou segunda vez um galhardo toureador que montava á Marialva, e já conhecia da convivencia do primeiro fidalgo. Itelvina gostava de Cintra. Foi para Cintra rejubilosa de se ver entrajada de amazona a galopar nas vargeas de Collares.

D. Gabriella, como receasse morrer de tristesa na sua solidão, foi para o Porto, esperançada na companhia da filha.

Herminia visitou-a logo, coadjuvou-a na busca de casa em sitio desfrequentado. As empresarias do collegio, tanto que souberam da chegada de D. Gabriella e intelligencias com a filha, prohibiram a mestra de sair. Herminia despediu-se e foi morar com sua mãe, annunciando lições de francez a meninas em sua casa.

Era o que faltava! mandar uma senhora honesta sua filha a casa da mulher do Athaide, da *Anna Bolena*, como lhe chamavam as burguezas do Porto! (As damas portuenses chamam *Annas Bolenas* ás senhoras mal procedidas. Ali sabe-se historia a valer! E já d'aquella sciencia historica do Porto alguns ramaes tem chegado ao centro do Minho; por que as lavradeiras d'ali, se querem execrar uma mulher impudica, chamam-lhe *Ignez de Carasto.)*

CAPITULO XXII

Não és minha filha!

Amara mors...
Acerba morte!
LIVNO DOS REIS.

Corridos seis annos, em 1865, apesar da restricta economia, a necessidade apertou por maneira com as duas senhoras que lhes foi forçado separar-se.

Herminia voltou ao collegio, aceites as condições antigas, salvante o poder enviar á mãe os seus ordenados, e vêl-a de trez em trez mezes, de noite, quando as meninas estivessem em ferias.

N'este collegio eram pensionistas duas meninas de Fafe. O pae, que as visitava de mez a mez, costumava conversar com Herminia a respeito de Caetano d'Athaide, e lhe referia do seu antigo viver alguns lances menos offensivos do pudor da filha e das senhoras presentes.

—Agora ouvi eu dizer aqui no Porto—contou o

ethico pelos modos, e que vem para Portugal por conselho dos medicos. Faz mal em vir, por que não tem cá onde caia morto, a não ser um casebre moirisco, inglez ou não sei quê, lá mandado fazer por elle na margem d'um riacho. Gastou n'aquillo trez contos, e ninguem lhe dará trezentos mil réis pela casinhola!... Doido assim, minha senhora,—desculpe-me que era seu pae—mas doido assim não cobriu outro a rosa do sol! Um fidalgo d'aquelle lote reduzido a viver de esmolas, se cá vier morrer!... Ha destinos muito tristes!...

—Ora pois, Deus nos dê juizo!—obtemperava a dona do collegio, senhora muito gravida de sentimentos sãos.

Volvido um mez, tornou o pae das educandas ao collegio, e contou que Caetano d'Athaide tinha chegado a Fafe, e se recolhêra ao tal casebre, onde estava vivendo com o seu antigo escudeiro. Acrescentou que ninguem o visitára por elle declarar que não recebia ninguem, excepto um homem já de edade e de fóra do concelho, assim com ares de lavrador, o qual por lá diziam ser quem o sustentava.

Herminia, cujos olhos reviam piedosas lagrimas, pediu encarecidamente ao cavalheiro que a levasse onde seu pae estava.

—Com a melhor vontade, minha senhora;—condescendeu o cavalheiro; mas veja lá o que faz; que não seja mal recebida. Eu ouvi muita vez dizer a seu pae que não tinha filhos: e, se algum tivesse, que não eram de certo os filhos de sua mulher; mas em fim póde ser que a desgraça o haja mudado. Se a menina quer, eu estou ás suas ordens. Póde ir para Fafe com minhas filhas que vão a ferias de Pascoa, e de minha casa irei eu acompanhal-a com minha mulher a casa de seu pae.

—Beijo-lhe as mãos por tamanha esmola—exclamou Herminia.

—Então prepare-se, que vamos ámanhã.

Herminia escreveu á mãe contando-lhe a sua ida a Fafe, e a situação pungente do pae que a movêra. A carta foi lançada ao correio, e entregue á mãe já depois que a filha iria a meio caminho.

Affligiu-se grandemente D. Gabriella, pensando na repulsão que Herminia ia receber, e nos improperios que seu marido cuspiria no rosto da filha adulterina.

Era tarde para esconjurar o ingente desgosto que a devotada filha se preparára. e de mais a mais o desconceito em que ficaria no animo d'ella, seu unico amparo e pão n'esta vida. Negrejou no espirito de Gabriella o pensamento do suicidio; mas o suicidio não é uma coragem vulgar; é crime que se não dá sem elementos de virtude; por isso eu não acabei ainda comigo de intender se o suicidio é crime. Covardia hade sêl-o quando se demonstrar que os grandes desgraçados que não se matam, em vez de se attascarem no esterquilinio dos vicios compellidos pela necessidade, nos dão exemplos de heroica abnegação.

Gabriella esperou que os supremos infortunios lhe cavassem a sepultura. Enraivecida contra a sociedade, não queria dar á moral o prazer de mostrar o cadaver da suicida aos curiosos e dizer «Ali a tendes! vêde-vos n'aquelle espelho!» Não ha criminoso que offereça de boa vontade o seu cadaver a semelhantes dissecões moraes. Suicidam-se os que despresam a si e o mundo. Este despreso é um preito á intelligencia divina, que foi a primeira a desagradar-se do genero humano, e—o que mais fafense—que seu pae está muito doente em Paris,

assombra — a sentir-se repêza de o ter creado. Leiam o *Genesis*, que eu não invento.

Revertendo ao ponto:

Estava Caetano d'Athaide prostrado no seu modesto leito de páo de cerdeira.

Aos pés da cama, via-se Pedro das Eiras, o lavrador a cargo de quem, no presumir do fafense, corria a subsistencia do fidalgo enfermo.

Disse verdade.

Pedro das Eiras soube acaso que o seu amigo recolhêra ao fim de seis annos de viagem, pobre e doente.

Vendeu a melhor propriedade, e desceu das suas montanhas, com o oiro da sua gratidão.

Quem hade capacitar-se que este homem fosse o Galerio do martyr Custodio! A mim custa-me: vou-o declarando sempre, e sempre recommendando a dilucidação d'esta passagem escura á philosophia da historia, Os Vico e os Herder não se fizeram para outra coisa.

Caetano d'Athaide saira da patria já extenuado. Cincoenta e dois annos são vida longa, se o desenfreamento e o desapoderado correr ganhou o estádio assignalado ás forças de cada homem, antes de ter empeçado nas balisas da reflexão. A feminil estructura do homem de raça adelgaçada principiou a fraquejar antes dos quarenta; pelo que, mais lhe urgia regenerar-se no socego e ar de seus arvoredos que sair em demanda de estimulos ao espirito, levando em vista rebocar os destroços do corpo.

Paris vampirou-lhe o restante do sangue, no decorrer de seis annos de incontinente vida. Ridiculo na desgraça, o velho encanecido pintava o bigode, espartilhava os peitos, ungia os sulcos faciaes de ld cream, lavava-se em leite virginal, e emborca-

va uns filtros que lhe emprestavam internamente o tonico respondente áquelle remoçar-se exterior.

A final caiu.

As pelles flacidas do rosto amarelleceram, transparecendo os ossos. Vergavam-lhe as pernas, quando os solavancos da tosse lhe tiravam das entranhas um esvurmar de sangue coagulado.

O mordomo ouviu em resguardo o juizo dos medicos. Condemnaram-no a morrer de cachexia mais depressa em Paris que em Portugal.

O criado antigo chorou abraçado ao amo.

Caetano entendeu-o, e disse-lhe:

—Não me chores, que se me acaba a vida ao mesmo tempo que o dinheiro. Vivi só metade do meu calculo. Imagina tu que vivia os doze annos! estava aviado!...

N'esta situação, jornadeou para Portugal.

Mas o dinheiro acabou-se-lhe primeiro que a vida.

Quando Pedro das Eiras chegou, já elle tinha offerecido, ao barão do Outeiro, antigo ovelheiro de sua mãe, a casinha que elle denominára a sepultura do seu coração. O barão não queria a casa por doze vintens, dizia elle.

Não falta nada á decente alimentação do infermo. Cuida elle ser o producto da casa empenhada. O de Cerva prohibe que o fidalgo saiba que morre esmolando.

Ao intardecer d'um abrasado dia d'agosto de 1865, entrou o escudeiro ao limiar da alcova, e disse:

—Fidalgo, estão ali fóra duas senhoras e o senhor Teixeira de Fafe que desejam vêl-o.

—Não recebo visitas, bem sabes.

—Assim o disse; mas uma das senhoras teimou em entrar, dizendo que era...

—Que era quem?—exclamou Caetano, sentan-

do-se infurecido na cama, com a lembrança de Gabriella.—Que era quem?—repetiu elle.

—Que era sua filha.

—O quê?! minha filha!...

—Sim, meu senhor.

—Não conheço...

—Pois se nunca me viu, como hade conhecer-me, meu querido pae?—disse uma voz argentina de celestial suavidade.

E, logo, tremula e purpurejada do sobresalto, assomou Herminia á porta do quarto.

Caetano fixou com olhos spasmodicos a explendida senhora que se visinhava do seu leito. Viu-a joelhar e beijar-lhe a mão. Sentiu o frescor das lagrimas nos pulsos febris. Fez quanto esforço podia para que ella se levantasse, e disse-lhe:

—D'onde vem?... Onde estava?...

—No Porto, meu pae.

—É filha de minha prima Gabriella?

—E sua.

—Porque o sabe?...

—Porque o sei?... Ouvi-o sempre dizer a minha mãe... Sei-o desde creancinha... desde que vi este retrato, e me diziam todos que era o retrato de meu pae.

E mostrou-lhe o retrato, que Athaide tomou entre as mãos convulsivas e examinou attentivamente, recordando-se do anno, hora e sitio em que o déra a sua prima.

—Chama-se Itelvina?—perguntou elle.

—Não, meu pae... sou...

—Olinda?...

—Não, senhor...

—Então...—bradou elle agitando-se vertiginosamente—então quem é?...

—Sou Herminia...

—Não é minha filha! não é minha filha!... Mentiu-lhe sua infame mãe!... Mentiu-lhe... Eu não sou seu pae!...—rebramia elle, a trancos, levando ao extremo a escala dos gritos.

Herminia fez pé atraz de atterrada.

O infermo archejava, tirando uns rugidos ininteligiveis.

—Meu Deus!—murmurava ella com as mãos cruzadas sobre o seio.—Valei-me n'esta angustia...

—É onde póde chegar a infamia!—resmuncava com os dentes cerrados o fidalgo.—Mandar-me aqui... a filha do adulterio... Esta zombaria atroz!... e eu... moribundo... morto!... Foi ella quem a cá mandou? foi?—bradou elle voltado á espavorida Herminia.

—Não, senhor. Vim eu contra vontade d'ella... porque me disseram que meu pae estava muito doente, e eu queria beijar-lhe a mão, e pedir-lhe que me abençoasse... Choro ha muitos annos sobre este retrato, e pedi a Deus que o não deixasse morrer sem que eu o visse...

—Oh! como eu sou castigado!—gemeu a chorar Caetano d'Athaide.

E olhando compassivamente para a filha de Gabriella, disse em tom quasi inaudivel:

—E a menina amava-me como pae?... Sentia muitos desejos de me ver...

—Muitos... ha mais de dez annos que eu pedia licença para lhe escrever... mas não me deixavam.

—E suas irmãs tambem?... tambem desejavam ver-me...

—Não me recordo...—murmurou ella—ha mais de sete annos que as não vi...

—Onde estão? com a mãe?

—Não, meu pae. A mana Olinda casou.

—Com quem?

—Com um estudante de cirurgia—disse ella abaixando os olhos.

—Céos!—bradou Caetano—uma minha filha casada com um estudante de cirurgia!... Em que situação vergonhosa ella já estava! Ao que a reduziu a mãe!... E não ter eu morrido antes de saber estas tormentosas noticias!... E a outra?

—Não sei d'ella—balbuciou Herminia—parece-me que... já morreu.

—Casada com algum cirurgião?

—Não, senhor.

—Mas sua mãe... a infame... essa vive?

—Vive, sim, meu pae... Perdôe-lhe que é muito desgraçada... está muito pobre...

—Quem a sustenta?

—Eu...

—A menina?!... como? que modo de vida tem?...

—Sou mestra de francez, e trabalho para fóra.

—Seu pae nunca lhe deu nada?

—Meu pae?!

—Sim!...

—Vossa excellencia bem sabe que nunca me deu nada.

—Jesus!—bradou Caetano, repellando-se a impulsos de furor.

Pedro das Eiras visinhou-se do infermo, e disse-lhe:

—Fidalgo, socegue... então? olhe que se mata... Minha senhora, será melhor que vossa excellencia vá ali para a saleta, e espere que o fidalgo asserene.

—Mas que mal faço eu?!—perguntou ella chorando.—Pois sim, eu vou... Quer que eu me retire, meu pae?

Caetano d'Athaide não respondeu. Tomara-o uma syncope muito parecida com o spasmo da morte.

—Estará elle morto?—exclamou Herminia, apalpando a fronte do velho.

—Não póde ser, que elle ainda agora fallava tão rijo!—disse Pedro das Eiras.

—Meu pae!—bradou ella—meu pae!...

O moribundo descerrou as palpebras e deixou entrever as pupilas embaciadas. E de subito recomeçaram-lhe umas ancias que lhe desformavam as feições.

Não cessava de invocal o a afflicta menina, e elle crispava os beiços sem articular sons, puchando para o pescoço a dobra do lençol com phreneticos impuxões.

O escudeiro ia já de corrida a chamar a santa uncção. Quando o prior chegou, delirava o agonisante, estrebuchando no leito que rengia.

Todos lhe ouviram e intenderam umas palavras confusas e roucas, em que sobresaiam estas vozes: *Meu filho... meu Caetano... não me deixes morrer sem eu te abraçar...—Rosa, manda-me a criancinha...—Domingas, olha o pequenino que não vá cair...—Chamem-me o meu filho...*

Calmou a febre, quando entrava o medico. Herminia tremia com as mãos postas.

—A doença agora é outra...—disse elle sondando o pulso, e examinando-lhe os olhos.—Isto vae acabar com uma congestão cerebral...

—E morrerá?—perguntou Herminia muito anciada.

Deteve-se o medico em responder, auscultando o coração do moribundo.

—Morrerá?—tornou ella.

—Já morreu, minha senhora—respondeu o medico.

CAPITULO XXIII

Continuação de contas com a Providencia

Deus serve-se para isto de toda a qualidade de pessoas.
IMITAÇÃO DE CHRISTO.

Esperava Gabriella a filha repellida, quando recebeu carta lacrada de lucto. Lida a noticia da morte do marido, poz as mãos e resou-lhe por alma. Lampejo notavel de virtude! Respondeu seguidamente á filha perguntando-lhe se o pae deixara alguma coisa. Informou-a Herminia que era d'elle a casa em que fallecêra.

Sabido isto, a viuva vestiu-se de preto e foi a Fafe.

As senhoras da terra, que tinham visitado Herminia, não procuraram a mãe. Aquella mulher, em verdade, fazia asco. As faces como escoriadas e verruçosas de morfeia arguiam a velhice esqualida da bachante de sala. Nos meneios e dizeres reviam reaibos da pessima vida. Corpo e alma denotavam plebeismo da ultima escoria. A desgraça e a edade

operaram aquelle abastardamento que desculpava o tedio das pessoas que a fugiam. O maximo castigo de Gabriella... era viver para sentir-se asquerosa.

Senhoreou-se a viuva da casa, e lançou inculcas a descobrir bens do marido. Não tinha mais nada.

—Em que gastou elle sessenta contos?—perguntava ella a Pedro das Eiras.

—E em que gastou a senhora os seus?—respondia-lhe o lavrador encarando-a de soslaio.

—E você quem é?—volveu ella.

—Sou um dos quatro assassinos enviados por Silverio de Mendonça a matar seu marido: gostou de me conhecer? Passe muito bem por cá.

Saiu e não mais voltou a Fafe o ultimo e talvez primeiro amigo de Caetano d'Athaide.

toda

D. Gabriella annunciou a venda da casa, ao quinto dia de viuva. O curador dos orfãos avisou-a de que só podia dispor de metade que lhe havia de caber por inventario. Receiosa, pois, de tocar o extremo da penuria, a viuva pediu á filha que tornasse para o collegio do Porto. N'este proposito, saiu Herminia a despedir-se das senhoras, que a visitaram, e muitas, condoidas da submissa pobreza da filha de tão grande fidalgo, pediram-lhe que ficasse em Fafe educando meninas com estipendio superior ao do Porto. A extremosa filha acceitou paranão desamparar a mãe.

Serenamente deslisariam os dias da professora, se Gabriella não soffresse accessos de impotente rancor ao seu destino e ao insultante menoscabo com que era olhada até da gente infima.

—Não sabem que sou a filha do visconde de Rebordãos?—exclamava ella, se uma criada lhe prestava espantada attenção.—Porque me despresam estes vilões de Fafe! Com que direitos me pedem con-

tas da minha vida? Pediram-n'as alguma vez a meu marido, quando elle me trocou pelas actrizes, e modistas e dançarinas do Porto? Pediram-nas quando elle se ligou á mulher do espingardeiro, e desbaratava o dote de suas filhas formando-lhe o rapaz? Despresaram-n'o porque elle era duas vezes adultero? Não! Respeitavam-no. Então porque me depresam a mim estas torpes chineleiras que se chamam senhoras cá na aldeia? Quantas ahi estão enfatuadas em donas que se baixariam ao raso das da ralé, se meu primo Caetano as chamasse á honra de pisarem as alcatifas do seu quarto!... Que queriam ellas? que eu me fizesse irmã da caridade, quando meu primo se espojava nos regalos da sua devassidão tolerada pela sociedade? Que queriam estas regateiras vestidas de tarlatanas? que eu andasse atraz de meu marido gemendo e chorando, como quem pede a graça de ser testemunha da libertinagem do esposo? Se eu me deixasse morrer de paixão, estas bestiaes virtuosas iriam vingar-me a coices em meu marido, ou espalhariam folhas de rosa sobre a minha campa? Apre com a canalha que se não farta com a minha expiação! Entendem que estou aqui muito feliz, e que a Providencia feroz ainda reclama o auxilio d'ellas para me esmagar!...

Á imitação d'esta objurgatoria, a veia sarcastica de Gabriella golfava outras, assim que a criada ou a filha se prestavam a formar um auditorio silencioso. Mas Herminia chorava, e muitas vezas dizia entre si: «O maior beneficio, que Deus podia fazer a minha mãe, era leval-a.»

Exacerbou-se a torva desesperação da viuva, quando soube que Itelvina saia de Lisboa em busca do seu amparo. Não ha esquadrinhar os lances funestos que a trouxeram ao segundo acto de contricção. A desditosa nascêra em hora minguada. Muito po-

dia ella comsigo, que se não deixava rolar na torrente, sem lançar mãos ás ramarias da margem. Aquelle acolher-se, escalavrada da segunda tormenta, ao abrigo da mãe, era uma reacção indiciativa de restaurar-se.

Não quiz vêl-a nem ouvil-a D. Gabriella. Fechou-se em seu quarto por duas semanas, prohibindo á mulher perdida que tentasse entrar-lhe a porta. Ora vejam aquillo, depois da apostrophe contra as damas que a menospresavam! Como ella, medindo-se com a filha, se considerava de melhor jaez e quilate de virtude!

O que valia a Itelvina era o abrigo da irmã que nem palavra soltára allusiva ao passado; e já d'antes, se a mãe vociferava contra a perdida, Herminia intentava aquietal-a, dizendo-lhe: «Faça de conta que morreu. Não se lembre d'ella.»

Passados mais alguns mezes, chega a noticia de estar Olinda viuva, por ter-lhe fallecido o esposo, cirurgião de marinha, no cruzeiro d'Africa. A sogra e sogro vivos nada lhe davam, senão recursos para buscar a mãe.

D. Gabriella invocou legiões de demonios que a levassem. Interveiu Herminia mitigando-lhe as furias com a esperança de ser facil sustentarem-se a fazer vestidos para as senhoras de Fafe.

—As minhas filhas, feitas costureiras d'estas saloias que ainda cheiram á saia de estopa das mães! Isso não! nunca!... Morram de fome!

—Morreremos, se a mãe quizer—condescendeu Herminia.

—Que baixos instinctos vocês teem! — remoqueava a fidalga afiando o sarcasmo no tregeitear de cabeça.—Não comprehendem a pobresa sem aviltamento! Pois olhem que na miseria é que realçam os sentimentos nobres... Eu queria que minhas fi-

lhas, antes de descerem da plana em que nasceram tivessem a coragem de se fechar n'um quarto, accender um fogareiro e... morrer!...

—A mãe não nos deu o exemplo...—disse Itelvina.

Gabriella espalmou-lhe uma sonora bofetada na cara, e disse:

—Ahi tens a resposta, mulher perdida!

—Esta resposta não convence—resingou a filha.—Se não póde dar outra, a bofetada não a defende das accusações que podem fazer filhas reduzidas á miseria por sua mãe...

—Silencio, que a esmago!—bradou Gabriella.

—Esmague.

—Eu mandei-te fugir de casa?

—Não, senhora. Reduziu-me á desgraça de aceitar um vestido de quem m'o offerecesse.

—E tiveste a desvergonha de o acceitar!...

Para não ir mendigal-o por portas... Era então que a mãe queria que nos matassemos?... Eu talvez o fizesse, se a mãe m'o aconselhasse então...

—Já te disse que te desfazia!—tornou a mãe, enviando-se a ella com os punhos fechados.

Itelvina largou a costura, e parecia esperar resolvida a contel-a na ameaça. Olinda, no entanto, interveiu enrostando-se como a mãe.

—Foge de diante de mim!—exclamou D. Gabriella.—Tambem tu, viuva do sangrador! Olha lá se me queres prender os braços!...

—Não, minha senhora; mas peço-lhe que seja prudente, e se esqueça... para nós nos esquecermos. Eu sou viuva do cirurgião; é certo; e oxalá que o não fosse... Emquanto elle viveu, estive amparada de sentir a penuria que devemos ao luxo em que minha mãe viveu.

—Ouves estas miseraveis?—exclamou a velha voltando-se para Herminia.

—Ora calem-se, por caridade! — exhorou a mais nova. — Isto é vergonha sobre desgraça.

—Tambem tu me mandas calar, Herminia?

—Peço, minha mãe...

—De maneira que sou obrigada a tolerar a correcção d'estas... d'estas perdidas!?

—Nada, não — tornou Itelvina irada. — O que a mãe deve fazer é não me fallar no que fui; senão eu digo-lhe que estou farta de saber o que a mãe foi.

Gabriella, cega de colera, remeçou-se contra a filha; esta, porém, estendendo os braços em defeza, rebateu o impeto com tal força que a mãe perdeu o equilibrio e caiu.

Herminia correu a levantar a mãe, que a dispensou do auxilio. Circumvagando os olhos raiados de sangue, viu uma faca de mesa, e empunhou-a, rengindo os dentes. As duas filhas, a um tempo, travaram d'ella, e lhe arrancaram a faca a impuchões desabridos.

Desarmada e extenuada de escabujar nos braços vigorosos das rebeldes, atirou-se ao chão, n'um arrancar de gritos estridentes que reboavam pelas colinas de arredor, sobresaltando a gente dos campos.

.....

Deu-se em esboço este conflicto para depois perguntar qual dos dois castigos providenciaes é mais severo: o de Rosa ou o de Gabriella? A reclusa da Tamanca era muito menos infeliz, porque via a imagem do filho espelhada nas suas lagrimas; emquanto a viuva de Caetano d'Athaide expiava os crimes proprios com a sobre-carga das fragilidades da filha, gerada ao encetar a carreira das suas.

A seu pesar, d'então ávante, Herminia bandeou-se com as irmãs, defendendo-as das arremetidas da

mãe, incessantemente provocadora. Ainda assim, a doce alma solicitava com brandos rogos e conselhos reconcilial-as.

Frustradas as diligencias contra a indole bravia de Gabriella, insinuou a mais nova que se apartasse cada uma para onde ganhasse a vida com honestidade. Tres familias ricas desejavam Herminia para educar meninas. Ella mesma foi pedir logar para suas irmãs, e aceitou para si o terceiro.

A mãe viu-as sair, e vaticinou-lhes que voltariam cobertas de opprobrio.

Itelvina ia responder como quem phraseava a primor em polemicas sobre opprobrio; as irmãs, porém, impediram-n'a de replicar ás injurias da mãe.

Recolheram-se a casa do cavalheiro, que acompanhára do Porto Herminia, para d'ali se repartirem. E, apenas entraram, disse o senhor Teixeira ás hospedas:

—Dou-lhes uma novidade, minhas senhoras. Chegou hoje a Fafe, vindo do Brazil, um doutou Caetano, que era afilhado do pae das meninas. O homem, segunde parece, vem pobre, porque foi hospedar-se na pobre casa d'onde saiu, e ninguem o foi esperar a Guimarães...

CAPITULO XXIV

O brazileiro pobre

Charge-toi seule, o Providence
...de puiser leur récompense
Dans les trésors de tes faveurs!
LAMARTINE.

Ao outro dia, um tabellião de Fafe convidou a senhora D. Gabriella d'Athaide a comparecer com as filhas no escriptorio d'elle para negocios de interesse d'ella.

A palavra *interesse* coou no seio de Gabriella como raio do sol em masmorra, ao desferrolhar-se o alçapão por onde o prezo vae sair á luz d'uma tarde de julho. Quasi cariciosa, escreveu a Herminia, participando-lhe o convite, e Herminia avisou as irmãs.

No conjecturar da viuva, tratava-se d'alguma denuncia de venda fraudulenta, ou herança advinda de parentes de Traz-os-montes.

Ao meio dia reuniram-se as quatro senhoras em casa do tabellião.

Já lá estava um sujeito cuja presença fez a um

tempo estremecer D. Gabriella e Herminia. A primeira lembrou-se do marido aos trinta annos; a segunda, do retrato que ainda lhe pendia do seio. E mutuaram-se um lance d'olhos communicativo da mesma impressão.

O bacharel Caetano Carneiro Roixo ergueu-se quando as senhoras entraram; esperou que se sentassem, e ficou em pé.

—Creio que tenho a honra de fallar—disse elle—á viuva e filhas do senhor Caetano d'Athaide.

—Sim...—acenou D. Gabriella.

—Eu sou filho de um espingardeiro d'esta villa, e afilhado do marido e pae de vossas excellencias.

—Muito gôsto em conhecer vossa senhoria—disse a viuva.

—O senhor Caetano d'Athaide fez-me a mercê de me mandar educar em collegio e facilitou-me ainda recursos para eu frequentar quatro annos na universidade de Coimbra. Não sei se o intento de meu padrinho era favorecer-me com as quantias que dispendeu comigo, se embolçar-se d'ellas quando eu estivesse na posição de lh'as restituir. Como sua excellencia é morto, e não ha meios de averiguar-lhe a tenção, considero-me devedor aos seus herdeiros. Encontraria vossa excellencia entre os papeis de seu marido alguns apontamentos que nos esclareçam sobre as despezas feitas?

—Nada... Não encontrei papeis alguns—respondeu D. Gabriella.

—Segundo os meus calculos, e tambem conformando-me com os calculos do senhor Caetano de Athaide, a minha educação de collegio e annos de Coimbra orça por doze mil cruzados.

—Isso é impossivel!—atalhou o tabellião.—O senhor doutor esteve no collegio seis annos. Sei o que seu padrinho lá dava, porque era eu quem

mandava dar as prestações por um irmão negociante que tenho no Porto. Seu padrinho dava no collegio quarenta moedas, que multiplicadas por seis... eu faço a conta...

—Não se incommode—atalhou Caetano Roixo. —Meu padrinho disse que eram doze mil cruzados, e basta que elle o dissesse.

—Mas a quem o disse?—insistiu o tabellião.

—Não me recordo. Sobeja-me certeza de que o disse...

—Não póde ser...—teimou o outro, que continuára a multiplicar quarenta moedas seis vezes.—Aqui tem vossa senhoria de collegio um conto, cento e cincoenta e dois mil réis. Esteve o senhor doutor em Coimbra quatro annos, recebendo no Porto, quando ia de passagem, em casa de meu irmão, trezentos mil réis, que sommam um conto e duzentos, com a outra somma do collegio prefaz dois contos, trezentos e cincoenta e dois mil réis, os quaes reduzidos a cruzados, são... são... eu lhe digo... cinco mil, oito centos e oitenta cruzados. D'isto a doze mil cruzados vae muito dinheiro... eu lhe digo quanto...

—Não sei o que vae, meu caro senhor—obviou o bacharel.—O que sei é que meu padrinho sabia melhor de suas contas que vossa senhoria das d'elle. Ha muitas outras verbas e importantissimas com que o senhor não conta: vestir, calçar, livros, jornadas, mil outras coisas que deviam preencher o que vae de cinco para doze. Como quer que fosse, constituo-me devedor aos herdeiros de meu padrinho, e para o fim de solver esta divida foram vossas excellencias incommodadas...

—É vossa senhoria um perfeito cavalheiro!—interrompeu D. Gabriella.

—Ó minha senhora...—volveu sorrindo Caetano —sou apenas um bom pagador, se vossa excellen-

cia me permitte; e tomei a liberdade de me denominar *bom*, porque aos doze mil cruzados do capital é meu dever acrescentar-lhe o juro da lei, desde que me constitui devedor, porque dinheiro de viuvas e orphãos não deve estar improductivo.

—Ora essa — resmungou o tabellião.

—Nada... eu nem minhas filhas não queremos juros...—gaguejou a viuva.

—Póde vossa excellencia convertel-os em beneficio d'estas senhoras; eu é que me não dispenso de os pagar. Queira o senhor vêr o juro da lei de quatro contos e oito centos mil réis em oito annos, que tantos ha me retirei de Portugal, constituindo-me devedor... Penso ser um conto, novecentos e vinte mil réis...

—É isso— confirmou o tabellião, coando os dedos da mão esquerda pelas farripas do cabello.

—Devo, por tanto, seis contos sete centos e vinte mil réis. Alguma d'estas meninas é menor?

—Nenhuma, respondeu a mãe. — A mais nova tem vinte e cinco annos feitos.

—Em tal caso, queira vossa senhoria — disse o bacharel ao tabellião — lavrar na nota a quitação de divida, que estas senhoras me passam como herdeiras do credor. O dinheiro será depositado até que vossas excellencias se habilitem por inventario entre maiores a receberem as verbas correspondentes.

—Metade é minha!—apressou-se D. Gabriella a observar.

—Certamente—obtemperou o bacharel—se não ha escriptura inter-nupcial com clausulas especiaes que...

—Não casámos por escriptura.

—Bem. Metade é de vossa excellencia, e outra metade de suas filhas.

—Agora senhora D. Gabriella—disse o tabellião

com notavel grosseria—pegue d'este dinheiro, e faça-lhe o que fez a mais de setenta contos.

—Se lh'o fizer, é meu—abespinhou-se a fidalga.

—Isso é!—annuio o notario.—Meu é que a senhora não gasta vintem... Deu com este honrado cavalheiro, que é o mais que póde ser-se das estrelas abaixo; senão, havia de continuar a trazer estas meninas a ensinar raparigas!... Se a senhora D. Eugenia se lembraria que as suas netas haviam de dar escóla em Fafe! E o bisavô d'estas senhoras?... o general Athaide, que eu ainda conheci!... e sua bisavó que era da casa dos marquezes de*** Emfim, uma má cabeça faz mais desordens que dez milhões de diabos á solta!...

—Que tem o senhor que vêr com a minha vida!? —redarguiu D. Gabriella a resfolegar pelas ventas jactos de vapor.

Caetano, que estivéra contando notas, levantou a face serena, e enterveiu:

—Estas altercações são inopportunas e muito de sua incompetencia, senhor tabellião. Pedia-lhes o favor de se moderarem, se entendem que não é airosa esta contenda impropria de todos nós. Eu vou sair a legalisar o deposito e trazer as testemunhas. Dêem-me vossas excellencias licença.

Caetano Roixo saiu, saudando cada uma das quatro senhoras com fidalga cortezania; e o tabellião, rubro de raiva, raspava com a penna de ferro na lauda da nota, vingando-se logo em escrever que sendo presente «*uma* D. Gabriella, viuva de... etc...»

—*Uma Dona* Gabriella!...—exclamava depois a fidalga.—*Uma!*... que canalha aquelle!...

Lavrada a quitação e depositado o dinheiro, o bacharel entrou em casa de seu pae.

Francisco Roixo estava mui entretido a tirar um a um os utensilios do seu officio dos caixões, e a limpal-os e lustral-os com anta.

—Já está a mourejar, meu pae?—disse Caetano.

—Olha que veem enferrujados os meus ferros, homem!... Tenho que fazer!... Então, ficou tudo aviado?

—Tudo...

—Está agora descansado, meu filho?

—Realisou-se o meu sonho d'oiro quando me vejo mais pobre do que nunca. Sabe quanto me ficou? Feitas as despezas da nota, achei-me com seis mil e duzentos reis! Aqui está um brazileiro com seis mil e duzentos reis!... Assim, parece-me impossivel que me façam visconde!... (Proseguiu elle sorrindo). Depois de ámanhã trata-se de arranjar o meu escriptorio; ao outro dia de manhã apresento as minhas cartas para advogar; depois, abro tenda de conselhos a 120 reis...

—Em trinta annos—disse o espingardeiro—não és capaz de arranjar em Fafe o dinheiro que bateste no primeiro anno no Brazil! O caso é que eu vim mais rico do que tu. Vem cá ver... Olha... O que aqui vae!... cem libras, rapaz!... E mais tu só me deixavas trabalhar tres horas por dia! Se eu trabalhasse como cá, e me pagasse como os espingardeiros do Rio, podia-te deixar uns bens que rendessem vinte carros de milho... Não importa!.... Toca a trabalhar, Caetano! tu lá nos livros e eu cá nos ferrinhos. Forças tenho eu, e desde que passámos a linha sou capaz de esmoer este acicate! Então ámanhã armas a escrevaninha lá em cima no sobrado?

—Ámanhã não, meu pae, que tenho jornada.

—Ah! já sei... murmurou o velho, arrancando um suspiro.—Vae com Deus...

.....

No correr dos oito annos, o bacharel escrevia de tres em tres mezes a sua mãe, e recebia volumosas cartas, das quaes Francisco Roixo nunca ouviu pa-

lavra que Caetano lêsse nem mostrou desejos de ouvil-a. Suspeitava, todavia, o filho de Rosa que o velho, subtraindo-lhe as cartas da gaveta, pedia a um official da serralheria que lh'as lesse. As cartas appareciam mal dobradas, e os olhos de Francisco mais quebrados de chorar.

Rosa vivia esteiada na crença de ver ainda o filho; mas, nas ultimas cartas, desconfiava de suas esperanças, em rasão de sentir-se mais doente, apezar de muitos cuidados que punha em viver.

Na derradeira que o filho recebera, dias antes de embarcar, mostrava-se a reclusa mais animada, em virtude de passar melhor as noites, desde que lançara sangue e o peito se lhe desopprimira. E accrescentava: «O medico dá-me a certeza de viver os «dois mezes da tua demora; ainda que particular«mente sei eu que elle me condemnou a menos vida «Mas eu, com este alivio, sinto forças para viver um «anno. A ordem de dinheiro, que me mandaste, a «conservo com as outras duas. Se me não for preciso, tu irás receber ao negociante...»

De Lisboa, mal desembarcou, escreveu Caetano a sua mãe,

Considerou-a morta o filho, porque a resposta se retardou. Enviou um telegramma; respondeu ella mesma que não escrevera logo por lhe ter sido retida a carta na mão da descuidada porteira. Quanto a saude sentia-se muito animada, embora se não podesse erguer. nem soubesse como iria vel-o por seu pé.

Descansou Caetano, e cuidou primeiro de pagar a divida, contando com a certeza de encontrar sua mãe.

Chegou, pois, a Braga e á portaria da Tamanca. Pediu á servente da portaria que mandasse aviso á senhora Rosa Carneiro de que estava ali seu filho.

—Está na outra vida sua mãe — disse a porteira de dentro.

—Morreu?!—exclamou elle—quando?

—Antes de hontem ao anoitecer. O senhor padre capellão quer fallar com vossa senhoria. Deu-me ordem de lh'o dizer. Essa servente vae ensinar-lhe a casa.

Caetano, arquejando em soluços, encostára-se á parede cobrindo os olhos com o lenço.

—Vae chamar o capellão—tornou a porteira á servente, e quiz consolar com as trivialidades usadas a dôr do filho.

Chegou no entanto o padre, que levou comsigo o bacharel, e lhe foi contando que a senhora Rosa morrêra quando lhe estava mostrando a elle a ultima carta do filho.

—Todos sabiamos que sua mãe estava no ultimo gráo da thysica pulmonar—proseguiu o sacerdote—mas esperavamos que vivesse até ao cair da folha. Conversavamos a seu respeito, quando ella pediu que lhe dessem duas colheres de caldo, porque se sentia agoniada de fraqueza e lhe faltava a vista. Emquanto lhe foram buscar o caldinho, disse-me ella: «Se eu morrer d'esta afflicção, entregue a meu filho o dinheiro que está n'um saquinho vermelho, e diga-lhe que é o meu dote.» Entrei logo a resar-lhe as orações da agonia; que nem tempo deu a ser ungida. As ultimas palavras que disse foram: «Adeus, filho, adeus!» Aqui tem vossa senhoria o saquinho como o recebi das mãos de sua mãe. Oxalá que ella ganhasse o céo com a muita paciencia e resignação que mostrou em nove annos de recolhimento. Por mais que o medico a mandasse sair, não foi possivel tiral-a do cubiculo. Trabalhou sempre emquanto pôde a costurar para a casa e para fóra. Alimentava-se com o que a casa lhe dava, tendo dinheiro para se tratar com mais limpeza. Aqui ha coisa de anno não sei quem

lhe contou a triste morte d'um compadre. Isto fez-lhe grande abalo e peiorou-a consideravelmente. Desde então é que ella em verdade principiou a ser muito devota, a confessar-se a miudo, e a dizer ás ruins mulheres que moram no recolhimento: «Creim que ha Deus, creiam, infelizes.» Em summa. eu não era o seu confessor; mas ouvi dizer ao padre que a dirigia que sua mãe morreu de modo que a piedade a póde julgar salva pelos merecimentos de nosso Senhor Jesus Christo e pelos d'ella. Entretanto, fará vossa senhoria bem se lhe mandar resar algumas missas por alma, já que ella não fez testamento.

.....

Francisco Roixo, quando viu entrar o filho, vestido de lucto carregado, correu para elle, abraçou-o, entr'abriu os beiços, e não pôde proferir a pergunta.

—Morreu minha mãe—balbuciou o filho estreitando o velho ao peito.—Agora... perdôe-lhe.

Instantes depois, depoz sobre uma banca o saquinho escarlate, e disse:

—Aqui está o dote de sua mulher, meu pae.

Francisco Roixo, que estivéra pensando nas ultimas palavras: «agora perdôe-lhe» caiu em joelhos, levantou face e mãos a uma imagem de Jesus, e exclamou:

—Eu lhe perdôo, eu lhe perdôo, meu Deus!

CAPITULO XXV

Um barão providencial

Os barões são precisos.
Aphorismo humanitario.

D. Gabriella, recebida a meação do dinheiro depositado, convidou Herminia a seguil-a para Lisboa.

A filha esquivou-se, dizendo que se sentia bem de corpo e alma em Fafe, e ajuntou prudentes razões de economia, visto ser tão pequenino o seu patrimonio.

—Mas eu tenho trez contos e quinhentos—accudiu a mãe.—Isto, junto ao que é teu, chega-nos para viver modestamente em Lisboa.

—Não vou, mãe... Vá a senhora, se não gosta da aldeia—perseverou Herminia.

—E tu gostas d'isso?

—Muito.

—Não sentes crescer-te aqui as orelhas? Ha nada

mais bestificante do que Fafe?... Como tu te embruteceste, menina!...

—Está enganada, mãe! Nunca tive o espirito mais lucido nem mais intelligente.

—Bandeaste-te com tuas irmãs, não é assim?

—Sou amiga d'ellas, e não vejo por onde mereçam o despreso de minha mãe.

—E trocas-me por ellas?! A final sois... irmãs! Cá se avenham... O que eu não quero é morrer n'esta cafrária. O resto da vida heide passal-o satisfeita.

—Oxalá...

—Parece-te que não?... Queria saber o que ficas a fazer aqui?

—A ensinar meninas. O que tenho não me dis pensa de trabalhar.

—Vê se casas com algum d'estes galãs de Fafe...

Herminia entre-abriu um sorriso de compaixão.

—De que te ris?!—perguntou asperamente a mãe.

—Não me rio, choro.

—Por mim?

—Sim, minha senhora...

—Obrigada!... Inspiro-te dó?

—Sincero dó, minha mãe! A senhora não tem uma hora de paz desde que a conheço!... Porque não se deixa estar n'esta casa? Com o que tem podia viver tão socegada! Que vae fazer a Lisboa? Não vejo lá coisa nenhuma que possa contental-a. Na sua edade os prazeres da cidade que servem?...

—Não te encarreguei de me passares certidão de edade... A advertencia é tola e atrevida.

—Nem uma nem outra coisa, minha mãe... Emfim, faça o que intender melhor. Eu, já disse, fico; e minhas irmãs tambem. Estas já sabem o que é

desgraça e dependencia. Deus as conserve no seu bom proposito.

—Hade conservar, que é brioso... —concluiu D. Gabriella.

Poucos dias depois, despediu-se a funesta creatura das trez filhas. Parece que se espantou de si mesma, quando os olhos se lhe envidraçaram abraçando Herminia. O ante-gosto de vêr-se em Lisboa com trez contos e quinhentos fechára-lhe as valvulas dos sentimentos ternos.

Tão sómente Herminia chorou; que as outras filhas, quando a viram partir, disseram uma á outra:

—Ainda hade vir comer-nos o nosso dinheiro...

—O meu? está livre!—protestou Itelvina.

—Que remedio teremos, se ella vier sem nada!... —reflectiu Olinda.

—Eu cá de mim fujo para um deserto, se for preciso. Tenho-lhe um odio!... Se tu soubesses o que em Lisboa me contaram d'ella... Olha... chega-te aqui ao ouvido... A mana Herminia não é filha de nosso pae...

—Não?!

—Não, e eu já soube que o nosso pae morreu de raiva, quando ella se apresentou a dizer que era filha d'elle; mas não digas nada; que ella tem se portado bem comnosco.

—Quem te contou isso?!

—Foi um velho que era mordomo do pae, e assistiu á morte d'elle...

—Mas olha a velhaquita que não disse nada!...

—Não, que ella não percebeu, segundo affirma o tal velhote. E que havia de dizer a mana? Querias que perguntasse á mãe que vinha a ser seu pae?

—Tens rasão.

—Mas olha que ella não intendeu... Sabes tu o que a mana Herminia me disse?

— Que foi?...

—Vae vêr onde ella está primeiro.

Olinda foi espreitar, e tornou:

—Podes fallar que ella está no jardim a chorar pela mãe. Sempre é tola! Que te disse ella?

— Que nunca vira homem mais adoravel que o doutor Roixo.

—Disse?!

—Sim; mas a graça é outra: disse-lhe eu que talvez, se elle o soubesse, se daria por muito ditoso. E que hade ella responder-me?... Adivinha lá...

—Que se elle não fosse nosso irmão, era capaz de lhe dizer que o amava.

—Pois o doutor é nosso irmão?!

—Ella crê que sim...

—E como o sabe?

—Disse-lh'o a mãe assim que o viu; e certo é que o retrato do pae é o rosto d'elle. Ainda não reparaste?

—Eu ha mais de oito annos que não vi o retrato do pae. Mas ella apaixonada por elle!... Tem graça! Por isso, por isso, a mana não quiz ir para Lisboa...

—Calla-te que ella ahi vem...

—Porque choras, mana?!—perguntou Itelvina. Vale bem a pena! Viste-a chorar a ella? Coração assim!... aquillo é rocha dura!

—E as manas não choram o triste destino de sua mãe?

—Eu?... devo-lhe grandes finezas...—respondeu Itelvina.—Não te lembras dos bailes que ella dava no palacete da rua dos Anjos?

—Ainda lembro.

—Pois n'esses bailes, em que eu contava aos centos as moëdas que saiam pela porta fóra, acabou ella de evaporar as nossas legitimas...

— E quando já não tinhamos senão lençoes velhos e rotos, ainda ella tinha carruagem e fazia um vestido de seda cada semana — acrescentou Olinda.

— Bem sei... bem sei... e por isso mesmo é que eu a lamento— deplorou Herminia.

— E eu lamento-me a mim e ás manas...—emendou a mais velha... Se ella gastar o dinheiro, e voltar para aqui, tu que fazes, Herminia? Dás-lhe o teu conto de réis?

— Não; dou-lhe o que d'antes dava. Sustento-a com o meu trabalho, e gastarei o conto de réis a sustental-a.

— Fazes bem...— tornou-lhe a retrincada Itelvina.— Aquella mulher não morre sem nos deixar a pedir! Maldição assim!...

Herminia reprovava a virolenta linguagem das irmãs; não as contradizia, porém, senão a medo; que ellas, se lhes retesavam a ira, desembestavam petulantes fréchadas ao viver de sua mãe, de todo em todo ignorado da mais nova.

As trez filhas de D. Gabriella ajuntaram-se na casa onde o pae fallecera, e recebiam educandas externas. Herminia ensinava francez; Olinda, o pouco de prendas caseiras que aprendera em casa da so- Itelvina, piano e canto em que só por obsequio, ser escutada.

ão do Outeiro, já conhecido do leitor pio e era viuvo, de cincoenta e tantos annos, sem tio de trez moçoilas em bruto, vindas lá de a terra, para se desbastarem em Fafe e amano trato da agulha as calosidades da foicinha espadela.

Occasionava-se excellente ensejo ao barão de des-

bravar as sobrinhas, fazendo-as aprender a um tempo muitas prendas.

Vestiu a casaca e foi intender-se com as mestras, cuja linhagem, elle, relembrado ovelheiro da avó, respeitava a seu pesar.

Herminia, sendo a irmã encarregada da fiscalisação e negociações do collegio, saiu á saleta a receber a visita, que se annunciára. A menina desconhecia o barão do Outeiro, e desejava conhecel-o para lhe pedir um favor.

—Estou ás suas ordens, minha senhora—prestou-se urbanamente o titular—se é negocio que depende de mim, está vossa excellencia servida.

—De certo é—explicou Herminia—Meu pae foi sepultado na egreja da freguezia, e eu muito desejava que os seus ossos se ajuntassem aos de seus avós maternos que jasem na capella de vossa excellencia.

—Cuidei que era outra cousa de mais importancia, minha senhora. Póde vossa excellencia dispor da capella como se fosse sua; e mesmo, se quizer alguns santinhos que por lá estão, queira tomar posse d'elles. A mim a capella não me serve de nada, por que sou pouco misseiro, e, uma vez por outra, vou á egreja para tapar as bocas do mundo. A religião lá no Brazil sabe-se que a ha por que ainda *hão* frades; lá trabalha-se, que é o que Deus manda; mas cá no paiz, assim que a gente chega, pegam-nos logo os carolas a pedir dinheiro para festanças de santos, e, se a gente lhe foge com o corpo, aqui d'el-rei hereges! E que me diz vossa excellencia aos missionarios? Ainda não foi ouvil-os?

—Não, senhor barão; eu tenho bons livros de piedade, e sei os meus deveres sem que os missionarios m'os ensinem.

—Respondeu muito bem, minha senhora... Eu já

ouvi dizer que vossa excellencia era uma senhora muito prendada e de grande entendimento...

—Oh!... isso não; sei apenas...

—Sabe o que é preciso para ensinar; e a proposito d'isso vinha eu...

—Aqui expoz o homem as suas pretenções ácerca das trez sobrinhas que, no dizer d'elle, eram trez bichos do mato, que diziam tantas asneiras como palavras.

—Bem se vê que são sobrinhas d'elle...—segredou Itelvina á irmã na casa contigua onde estavam escutando o barão.

Herminia promptificou-se em seu nome e das manas a ensinar o que soubessem e as meninas podessem aprender.

Deteve-se o barão até horas de jantar, e voltou ao outro dia com as sobrinhas e ficou até á meia noite, ouvindo cantar Itelvina, em quanto dardejava uns olhares derretidos á mais nova, que não ha ahi dizel-o.

Na proxima manhã acompanhou as sobrinhas, que tresandavam ao raposinho dos montes, á dulcissima estupidez, thesoiro irreparavel de que o tio as desbalisava tão cruamente!

Por maneira que o barão se constituiu escudeiro das arrapasadas meninas que, de volta para casa, se tinham azo d'isso, apedrejavam os pardaes nos eirados.

Não ha contar os presentes que o barão enviava ás senhoras Athaides. Mandava-lhes gallinhas ás duzias, caixões de vinho, cargas de fructa, e até sevados inteiros, uns vivos, outros mortos.

Dizia Itelvina:

—Este barão, em se lhe acabando o toicinho de porco, remette-se a si proprio!

—Esse escarneo é ingratidão, mana!—murmurava Herminia.

—Ora! não estarás farta d'esta mina de parvoices?—replicava a sarcastica amazona das varzeas de Collares.—Todos os dias, todos os dias este alarve aqui a desembuchar torrentes de semsaborias! Olha, se a mãe aqui estava, ria-se-lhe mesmo nos focinhos.

—Procederia mal, se o fizesse—redarguia a bem acondiçoada menina.

—Queres apostar comigo uma coisa, Herminia?—perguntou Olinda.

—Que é?

—Que o barão te ama...

—Não aposto—respondeu Herminia.

—Então já sabes?...

—Sei que elle diz amar-me.

—Disse-t'o?

—Não: escreveu-me.

—Quer casar comtigo?!—perguntou acaloradamente a mais velha.

—Não sei...

—Casa, casa, mana! Ó que felicidade para todas nós!...—voltou a enthusiastica Itelvina.

—Pois ainda agora dizias tão mal d'elle!—observou Herminia.

—E, ainda que elle seja meu cunhado, heide sempre dizer que é um massador insupportavel, um bruto; mas, ó filha, se elle quer casar, deixa-te de esquivanças. Olha que vaes ser a baroneza do Outeiro, e tornas a ser senhora da casa de nossa avó... Já lhe respondeste?

—Não.

—Então que esperas?!

—Heide pensar e consultar um nosso amigo.

—Quem è o nosso amigo!

—É o doutor Caetano.

Itelvina guinou um volver de olhos maliciosos á irmã que deu prova de intendel-a sorrindo.

CAPITULO XXVI

Ferida insanavel

C'est une ombre ajoutée à l'ombre
Qui déjà s'étend sur mes jours.
MADAME A. TASTU.

—D'onde veio a carta, meu pae?—perguntava Caetano Roixo.

—Das filhas da Gabriella disse-o ahi a criada.

Abriu o bacharel a carta e leu:

«Ill.mo Sr.—A sua honradez e generosidade com «a pobre familia de meu pae o senhor Caetano de «Athaide, que Deus tem, me anima a dar-lhe o ne«me de nosso amigo; por que não se póde separar «a beneficencia da amizade. Quasi convencida de que «vossa senhoria ainda não esgotou comnosco a sua «caridade, lhe peço o favor grande de me honrar «esta casa e malbaratar, ouvindo-me, alguns minu«tos do seu precioso tempo. Hoje de tarde espero

«vossa senhoria; mas, se a occasião lhe não convier, «digne-se indicar outra á de vossa senhoria tão gra- «ta quanto admiradora—*Herminia de Sá e Athaide.*»

—Se elle viesse agora!—dizia entre si Herminia, vendo sair as manas a visitar senhoras de Fafe.—Receio tanto que ellas me ridiculisem...

Lançou a vista ao longo do caminho que entestava com o jardim e viu Caetano Roixo.

Saiu a esperal-o na álea das olaias que ensombravam o pequeno pateo e disse:

—Venho eu mesma receber o nosso amigo.

—Redobrada honra que vossa excellencia me concede. O titulo com que me ennobrece impoz a vossa excellencia a obrigação de me receber como amigo.

Sentaram-se na perguiceira de cortiça que, treze annos antes, o academico do primeiro anno ajudara a construir no local de sua escolha.

—A melhor sala que tenho é esta—disse Herminia com adoravel sorriso de resignação.—Este banco é a melhor alfaia do meu palacio. Por isso o convidei a ficar aqui.

—Deviam ser assim as salas do paraizo terreal... —volveu o bacharel, algum tanto excessivo no toque poetico da figura, resulta do nenhum habito de lidar com damas.

—Senhor doutor...—começou a formosa tartamudeando—cuidei de mim que tivesse mais desembaraço; mas... Como não tenho remedio senão dizer-lhe o fim para que o convidei...

—Diga vossa excellencia sem acanhamento.

—Sou pobre; creio que não lhe digo novidade.

—Sei, minha senhora.

—Mas não me lastimo... Já fui mais, já vi o futuro bem negro... A sua alma deu-me esta luz que se abriu deante de meus olhos quasi apagados de

chorar, menos por mim, que por minha mãe e irmãs.

—Ó minha senhora, que fiz eu?..

—Tanto, meu Deus! Acalmou as desesperações de minha mãe, que era verdugo de si mesma e de nós...

—Onde está hoje a senhora D. Gabriella?

—Em Cascaes. Casou...

—Casou?!

—Sim, senhor. Veja que deploravel cabeça!...

—Escuso de perguntar se casou feliz...

—Diz ella que sim.

—Então... ninguem mais competente...

—E já que se falla em casamento, aproveito o motivo d'esta nossa entrevista.

O bacharel emprehendeu, alguns momentos, que ia assistir a um insolito convite para marido.

Herminia continuou:

—Ha dias recebi uma carta do barão do Outeiro declarando-me sentimentos affectuosos e determinação de... de...

—De ligar-se matrimonialmente a vossa excellencia?

—É verdade. Disse-m'o na segunda carta, e confirmou-m'o hontem pessoalmente. Não lhe respondi com a decisão que elle pretendia. Fiz-lhe saber que a minha resposta havia de ser meditada e consultada com pessoa de quem eu fiava a direcção de qualquer passo arriscado da minha vida. Lembrava-me vossa senhoria quando assim respondi.

—Confiança immerecida; mas farei quanto em mim couber na esperança de a merecer.

—Deverei casar com o barão?—perguntou ella.

—Authorisa-me vossa excellencia a perguntar se o ama?

—Não, senhor. Se eu o amasse, consultaria sómente o meu coração...

—Assim me parece. Que pretende vossa excellencia então de mim?

—Que me aconselhe...

—Difficil encargo me commette, minha senhora!... ou eu a não comprehendo! Vossa excellencia estima este homem?

—Vejo n'elle o futuro protector de minhas irmãs. Parece-me bom de condição e talvez o venha a prezar como se preza um pae.

—E sente-se bastante forte para reagir ao coração, quando lhe não baste o amor convencional de filha?

—Sinto. Já resisti quanto se póde. Tive paixões nascentes e suffoquei-as todas. Conheço-me já tanto que posso asseverar-lhe que não receio invejar a felicidade das mulheres casadas por amor.

—Então, case, minha senhora. Volte a possuir o solar de seus avós. Faça esse sacrificio aos seus descendentes... e, depois, se alguma hora o arrependimento vier, redobre os meritos do sacrificio.

—Mas se eu me enganar com o genio do barão? Se elle, abusando da desprotecção em que me encontrou, me considerar...

—O quê, minha senhora?

—Um embaraço... um encargo...

—Que previsões tão funestas!... Vossa excellencia não confia em si? Receia não o ter sempre captivo das suas excellentes qualidades?...

—É que eu tenho uma familia que me hade ser sempre um estorvo á inclinação dos meus desejos moderados e singelos. Minha mãe e minhas irmãs podem arrefecer o affecto do barão...

—Vossa excellencia providenciará de modo que ellas não possam inquietar-lhe o esposo, e resalvará a sua posição de esposa, fazendo-se dotar, de modo que um enlace tão desigual quanto a nascimen-

to e edades tenha uma sensata explicação. É preciso que vossa excellencia, no acto de o esposar, saiba que é rica, não podendo convencer-se que é feliz.

—E o senhor doutor será sempre o meu guia em todos os passos que eu der? Deixa-me ter a certeza de que tenho a sua vigilancia de amigo como certa...

—Sim, minha senhora, tanto como advogado, como amigo...

—Só amigo?!—accudiu ella sorrindo.

—Que mais, minha senhora?

—E como irmão?

—Amisade de amigo, que excede no commum dos casos a de irmão...

—Não póde ser; eu estimo-o como irmã...

—Graças á bondade de vossa excellencia...

—Não é por bondade...

—Então, minha senhora?!...

—É pelos vinculos do sangue...

—Vossa excellencia está em erro, minha senhora!—atalhou com transporte o bacharel.

—Não estou.

—Ouviu dizer que eu era filho de seu pae? Não creia. Mentem os infamadores de Fafe.

—Não podem mentir—asseverou ella energicamente.

—Com que força vossa excellencia insiste!—volveu Caetano algum tanto offendido.—Que porvas apresenta d'essa injuria feita á memoria de minha mãe?...

—Deus me livre de querer injuriar sua mãe... peço-lhe humildemente perdão.

—Mas em que funda as suas suspeitas? Na voz do povo?

—Não, senhor... n'isto...

E tirou fóra a medalha que lhe pendia do pescoço.

—Que é?

—O seu retrato. Veja! é o retrato do senhor Caetano d'Athaide quando era moço. Diga-me se não é seu este retrato.

Caetano encarou com tôrva catadura o retrato, e sentiu coar-se-lhe pelos olhos uma peçonha que o dilacerava.

O desmaio das côres, revesando-se com o rubor afogueado do rosto, accusaram Herminia de estar suppliciando aquelle homem.

—Meu Deus!—exclamou ella—Estou-o affligindo tanto, meu amigo! Perdôe-me por quem é! Eu esperava o contrario... Ó Senhor do céo, que imprudente eu fui!...

Caetano deu-lhe o retrato com mal refreado arremesso, e disse rijamente:

—Minha senhora, as semelhanças... não deshonram ninguem! Eu sou filho do espingardeiro Francisco Roixo. Se vossa excellencia não quer o meu odio, rogo-lhe que não ajude a diffamar meu pae. E, se quer prescindir d'um retrato que não é o de pae, inutilise esse pedaço de marfim que não representa...

—O quê?—interrompeu ella.—Este retrato não é o de meu pae?!.,. Explique-se, peço-lho por piedade... Tire-me de uma duvida que me affligе desde que morreu o senhor Caetano d'Athaide!...

—Perdão!—volveu o bacharel repêso do indiscreto rompimento—perdão! Vossa excellencia percebeu-me mal... Eu disse que.,. as feições de seu pae não eram essas... Conheci-o ainda novo... Não tinha semelhança com esse retrato...

—Minha mãe asseverou-me que era tal e qual; mas...—repisou Herminia ainda suspeitosa.—O que o senhor Caetano disse foi que este retrato não representavam...

—As genuinas feições de seu pae, repito, minha senhora. E volvo a supplicar-lhe que não mais se lembre de o offerecer aos curiosos para que o confrontem comigo.

—Aqui o tem... offereço-lhe, meu amigo.

—Obrigado, minha senhora!—disse elle com vehemente anciedade aceitando-o.

. . . . . .

Uma hora depois, Caetano contemplava o velho espingardeiro, que meditava no casamento do barão com a filha de D. Gabriella, e dizia:

—As voltas do mundo!... Porque tens os olhos aguados, filho?—reparou Francisco, examinando-lh'os ao pé.

—Isto é do sol, meu... pae!

E, no intimo da alma, respondia-lhe:

—Choro... porque não és meu pae, não, meu querido amigo!

CAPITULO XXVII

Desgraça ridicula

Já viram mais risivel velha?
Que saracoteios...
SHAKSPEARE.

O casamento de D. Gabriella é um successo que, em vez de apiedar, fez sorrir a leitora. Os mais tragicos lances tem um invez comico.

Chegou a viuva de Caetano d'Athaide a Lisboa em setembro de 1866. Completava cincoenta annos n'aquelle mez.

Estava á janella do *Hotel universal* e chamou um pregoeiro do *Diario de Noticias* no intento de procurar annuncio de casa commoda e bem localisada.

Antes de topar o desejado annuncio, leu uma noticia de Cascaes, nomeando as banhistas graciosas e os banhistas illustres que aformoseavam aquellas praias. Encontrou nomes das suas antigas relações e disse entre si: «Quero que me vejam outra vez levantada da pobresa que os afugentou. Decidi-me. Vou passar dois mezes a Cascaes.»

Leu até á secção de annuncios, e seguiu no proposito de se informar das modistas do tom. O primeiro annuncio constava d'isto:

ACABOU A VELHICE!!

AGUA CIRCASSIANA OU RESTAURADOR DOS CABELLOS

Usada por quasi todas as familias reaes e nobreza.

da Europa. Torna os cabellos brancos á sua primitiva côr. Faz crescer os cabellos dando-lhe o lustro e o brilho da juventude. Isto não é uma tintura. 8000 testemunhas acreditam etc.

D. Gabriella releu o que lhe pareceu digno de attenção especial: *Usada por quasi todas as familias reaes e nobreza da Europa.* Considerou-se a nobre senhora uma das pessoas omissas e indicadas n'aquelle *quasi.*

Vestiu-se, chamou uma tipoia, e dirigiu-se á rua do Paraizo, 102, 2.º, ao deposito de Herrings & C.ª Comprou dois frascos por 1100 reis, e voltou ao seu quarto.

Ungiu os cabellos prateados, conforme as instrucções impressas. Finda a operação remirou-se no espelho e maravilhou-se. Eram quinze annos recuados no seculo. Lembrou-se da sua cara de 1851.

—Eu era assim aos trinta e seis annos... pouco mais ou menos — dizia ella pondo um dedo desconfiado nos vincos que se entreteciam por debaixo de cada palpebra inferior. Se aquelles pés de galinha se alisassem, julgar-se-hia no seu tempo de BEATRIZ, um vol. em 8.º portuguez, já conhecido das pessoas lidas.

Fornecidos os bahus de vestidos a primor da moda, foi para Cascaes, com criada e escudeiro. Aposentou-se n'um hotel, e sahiu pouco depois com o seu criado de luva e gravata brancas.

Os curiosos souberam dos criados do hotel que a hospeda era filha do fallecido general visconde de Rebordãos.

O nome de Gabriella d'Athaide espertou reminiscencias nas mães e paes das meninas que deliciavam praia. O maximo numero d'aquelles progenitores ham sido das opulentas partidas da *celebre doida,* iam elles.

Viram-na e disseram os homens:

—Ainda está frescassa!

—Pois tem cincoenta annos...—reflexionaram as damas.

Nenhuma disse, porém, que ella tingia os cabellos. Averiguado o prodigio da reserva, soube-se que andavam todas tingidas.

—Ella empobreceu, e agora apresenta-se bem! D'onde lhe viriam recursos?—perguntava um conselheiro de estado a um juiz da Relação de Lisboa que se chamava Silverio de Mendonça.

—Não sei—respondeu o author de Beatriz.

—Que será feito das filhas?

—Não conheço.

—Conheci-as eu novinhas e lindissimas. Uma sei eu que andou por ahi em espectaculo despejado; das outras nunca soube nada.

A este tempo, D. Gabriella passava deante do desembargador Silverio, fitava-o no rosto com a petulante luneta escura, e murmurava:

—Villão!

—Aquillo foi com você, Mendonça?!—perguntou o conselheiro.

—A mulher confundiu-me com outro, se o insulto não foi para você, conselheiro.

—Para mim? Arreda!... Eu conheci-a em rapaz quando era moda ir polkar até ao romper do sol a casa da Rebordãos. Só se ella me insulta porque a não comprimento! Póde ser... Mas você bem sabe que a sociedade está arranjada de modo que, dados certos casos, é inevitavel o corte das relações. Esta senhora é fidalguissima...

—Sei—confirmou o primo.

—Tem parentes de primeira ordem em Lisboa; mas, se elles a abandonaram, que hão de fazer estranhos? Lamentar a ordem do mundo.

Silverio, no dia seguinte, passou de Cascaes para a Ericeira, visto não poder dispensar-se de tonisar a perna esquerda, victima de sciaticas temiveis.

D. Gabriella foi um dia procurada pelo tenente-coronel Anacleto Palhares.

—*Palhares!*—meditou ella.—*Palhares!...* não me recordo. Seja quem fôr; que entre.

Entrou o tenente-coronel, sujeito de sessenta annos bem conservados, com um bigode e cabellos negros de azeviche.

Era mais um que não quiz ser omittido na *nobreza da Europa*, consoante aquillo do annuncio da agua circassiana.

—Sou um nome desconhecido para vossa excellencia—disse elle—mas seu pae, o meu general, se vivesse, havia de apresentar-me como um dos valentes que o foram com o exemplo d'elle.

—Tenho muita satisfação em conhecer o senhor Palhares. Está a banhos?

—Estou em Cascaes addido á fortaleza. Reformei-me ha tres annos. farto de escandalosas preterições. Os poucos restantes dos 7500 do Mindello, minha senhora, escondem-se na obscuridade para não ser vistos d'uns bigorrilhas que dormiam nas tarimbas, quando eu cingia banda, e hoje se arreiam com os galões de coroneis. Seu excellentissimo pae, minha senhora, me deu a honra de me abraçar na batalha do Bussaco, sendo eu segundo sargento aspirante da companhia em que elle era alferes.

Proseguiu Anacleto Palhares a Iliada das suas proezas, e concluiu pedindo licença á filha do seu general para frequentar sua companhia.

D. Gabriella penhorou-se e felicitou-se da convivencia do tenente-coronel que lhe quebrava a monotonia da solidão, e umas amarguras imprevistas, e taes que

a revezes, sentia impetos de voltar para as filhas,

Apresentou-lhe Anacleto suas irmãs, e logo, ao pagar-lhes a visita, cresceram as relações da viuva Athaide em Cascaes. Eram umas senhoras de certo feitio; umas, viuvas de brigadeiros; outras, irmãs das viuvas: estas, cunhadas das viuvas; e aquellas primas dos brigadeiros: emfim, um mulherio que jogava o quino e a gloria e o assalto. Custou-lhe a modular-se a fidalga ao palavriar boçal d'aquellas damas que reviam origem média entre costureiras e capellistas do bairro alto.

As irmãs do tenente-coronel, recebidas á confiança de D. Gabriella, inferiram das suas confidencias que ella tinha dinheiro rijo, por isso que fallára em comprar dois contos de acções do banco hypothecario quando fosse a Lisboa.

Esta noticia dessocegou os somnos de Anacleto Palhares, e redobrou-lhe o esmero na tintura do bigode e no garbo militar de sua pessoa.

O veterano pensou no «bamburrio d'um casamento» dizia elle ás irmãs.

E acrescentava:

—Vocés sondem a mulher: palpem-lhe o coração e a algibeira; mas olhem bem a segunda coisa.

—Mas ella é tão fidalga!—objectava a irmã discreta.—E se me perguntar d'onde descendes?

—Diz-lhe que descendo do pae Adão como ella. És bem tola! perante amor somos todos eguaes.

D. Gabriella ficou medianamente surprehendida quando percebeu a medianeira do casto amor do irmão. Tinha-o adivinhado. Ha palpites.

Prometteu pensar maduramente e responder.

E, pensando, viu que estava sósinha e desamparada dos esteios naturaes da mulher, que são o homem, e nomeadamente o homem-marido. As filhas eram-lhe como estranhas, já porque a não amavam,

já porque a viver com ellas, seria obrigada a encharcar-se no lameiral de Fafe, que ella odiava desde os animaes até aos vegetaes. Cogitou, outro sim, que os seus trez contos ainda inteiros, postos a juro, lhe rendiam apenas uns cento e oitenta mil réis; ao passo que, identificados ao soldo do tenente-coronel reformado, lhes abastariam a um tracto decente. Consultando o coração, percebeu que a ostra se fechava com as suas perolas, quer dizer que não sentia nada; mas nem isso lhe movia estranhezas, nem implicava á felicidade conjugal, em annos um pouco serodios. Incommodava-a tanto ou quanto o desaire de se tingir na presença do conjuge; mas o bigode do noivo era-lhe anteparo ao ridiculo que se lhe antolhava.

E amartellando n'estas premicias por alguns dias saiu com a conclusão de que lhe servia o casamento por muitas rasões, sendo a mais estimulante asseverar-lhe a medianeira que seu irmão não dormia a pensar n'ella.

Dito e feito. Casaram com fiança de banhos, e foram passar a lua de jalapa no Victor a Cintra, onde D. Gabriella teve a ditosa occasião de admirar o estomago de seu marido, quanto se póde admirar um estomago no exercicio de esmoer jantares dignos d'um ogre.

De Cintra participou ella a sua filha Herminia que estava casada, e rematava d'este theor:

«Teu padrasto é um gentil militar, que dá idéa «dos marechaes do imperio. O garbo é de rapaz, e «representa quarenta annos, mas diz elle que tem «cincoenta. Se quizeres vir para a nossa companhia, «tel-a-hás tambem de muitas senhoras da classe me«dia; mas supportaveis, e menos estupidas que es«sas lá do matagal em que vegetas. Pede-te que ve«nhas teu padrasto, e te promette coração de pae.»

CONCLUSÃO

Irmãos, não vos quero mais deter.
Fr. B. dos Martyres. *Praticas espirituaes.* L.° 2.°

No principio d'este corrente anno de 1868, na casa do Outeiro de Fafe, os obsequiosos barões davam um baile explendido.

A esbelta baroneza, D. Herminia, festejava o casamento de suas duas irmãs.

Itelvina casava com o commendador Bastos, brazileiro opulento morador na «Ponte de pé» antigo socio do barão do Outeiro.

Olinda ia doirar os dias do commendador Guimarães, outro socio do barão, capitalista e proprietario residente em Montalegre.

Estes ditosos enlaces negociára-os o barão, dando assim a maxima prova de estima a sua mulher, e provando a utilidade dos commendadores devolutos.

D. Gabriella, ao mesmo tempo, e com cinco mezes de noiva, pensa em requerer divorcio, por que o marido se lhe senhoreou do dinheiro, como era de uso e justiça, e lh'o vae jogando com notavel in-

felicidade. Consta que elle, uma vez por outra, como quem quer dar elementos solidos ao libello de sevicias, lhe vae dando solidos murros com marcial desempeno, embora ella grite que nunca na sua vida apanhou.

Não podemos adiantar mais nada.

Quanto ao juiz conselheiro Silverio de Mendonça, bem que ao leitor se figure toleravelmente punido, eu não lhe invejo as torturas de andar á cata de exemplares da BEATRIZ, em 8.°, para os destruir rancorosamente. Coisa notavel! Os exemplares vendidos no paiz e além-mar orçaram por vinte e cinco, e os que elle já reuniu e queimou até este anno de 1868 excedem cincoenta. D'onde se tira a limpo que o demonio suggeriu a quem quer que fosse uma contrafacção para protrahir o supplicio d'este homem.

Caetano Roixo advoga e aufere a sua parca subsistencia com o trabalho, revezado de profundas tristezas que o inhabilitam para escrever. Aquelle retrato privou-o de ser feliz. Terrivel foi convencer-se de que o espingardeiro não era seu pae. Á volta da imagem da mãe apagou-se uma aureola de martyr penitente, que elle d'antes via com olhos orvalhados de piedosas lagrimas. Agora, não. Perdoa-lhe... porque não póde odiar alguem.

Francisco Roixo está rijo e trabalha satisfeito. N'este é que a paz do justo e a graça compensadora do céo reluzem de tal sorte que, se o confrontamos com os criminosos d'esta historia já punidos, ressae brilhantemente o premio do homem honrado, que é o esquecimento das dôres immerecidas, e o socego da alma.

Pedro das Eiras passou este anno em Villa Nova de Famalicão, de passagem do Bom Jesus do Mon-

te para o Porto onde ia mostrar o palacio de cristal a quatro mocetonas que tem de sua mulher.

Em quanto lhe preparavam o jantar, foi ver a terra; e, como visse muita gente a convergir para a egreja parochial, perguntou se estava missonario na terra e foi entrando.

Como de feito.

Estava escabujando no pulpito um levita espadando, vermelhaço, com uns ádipos luzidios a pender-lhe dos bocios.

Ao tempo que Pedro entrava, rompia o padre n'este berreiro:

—Se está ahi mulher amancebada, rua com ella! Isto aqui é egreja, não é taverna. Rua, rua, suas ovelhas tinhosas! [1]

Pedro das Eiras entrou a fallar comsigo, á mingua de auditorio conhecido, e disse:

—Querem vossês vêr que o diabo não quiz a alma de fr. Custodio, e a metteu nos untos d'aquelle mas-arro! Meu padre, não te dê na venêta de ir a Cerva, que te faço morrer... de apoplexia!...

FIM

[1] Textual. O padre que, n'este corrente anno, assim declamava, foi suspenso de prégar... por oito dias ou coisa assim.

INDICE

		PAG.
Aviso de pessoas incautas		5
Capitulo I	—Entrada honesta	7
» II	—Ruins precedentes	18
» III	—Entra o missionario	28
» IV	—Falsas promessas	39
» V	—O peor dos casamentos	43
» VI	—Armadilhas de satanaz	51
» VII	—Lá vae!	58
» VIII	—Dente por dente	66
» IX	—Os sicarios	74
» X	—Serenam-se os ares	90
» XI	—Se os filhos conhecem os paes	97
» XII	—Tristesas comicas	108
» XIII	—Volta o missionario	115
» XIV	—Conversão de Domingas	125
» XV	—Ultima missão do padre Custodio	132
» XVI	—Vae-se o missionario	141
» XVII	—Via dolorosa	154
» XVIII	—A convertida	161
» XIX	—Não é meu filho!	168
» XX	—Perdão do filho	175
» XXI	—Contas com a Providencia	134
» XXII	—Não és minha filha!	191
» XXIII	—Continuação de contas com a Providencia	200
» XXIV	—O brazileiro pobre	207
» XXV	—Um barão providencial	215
» XXVI	—Ferida insanavel	224
» XXVII	—Desgraça ridicula	230
		237